

de certas limitações < cristalizados > e formados naturalmente por meio de < processos geológicos inorgânicos >, na < Terra > ou em < corpos extraterrestres >. A < composição química > e as < propriedades cristalográficas > bem definidas do < mineral > fazem com que ele seja único dentro do < reino mineral > e, assim, receba um nome característico.

Busquei no olho d'água a primeira palavra e a língua represada em sua fonte. Busquei no canto em língua submerso o verso essencial. Só o poema resgata em líquidos abismos a primeira palavra o peso do passado e todos os tesouros de fonemas que a jusante sepulta pela foz. No leito do poema encantarias brotam das palavras quando o rio se põe a cantar.

de certos limites < cristalizados > e formados naturalmente por meio de < processos geológicos inorgânicos >, na < Terra > ou em < corpos extraterrestres >. A < composição química > e as < propriedades cristalográficas > bem definidas do < mineral > fazem com que ele seja único dentro do < reino mineral > e, assim, receba um nome característico.

"CONTRA ADVERSIDADES, CARAVANA DE MIGRANTES SEGUE TRAJETO RUMO AOS EUA"

Saberes Lexicais

A mó da morte mói o milho teu dourado e deixa no farelo um ai deteriorado. Mói a mó, mói a morte em seu moer parado o que era trigo eterno e o nem sequer semeado. Da morte a mó que mói não mói todo o legado. Fica, moendo a mó, o vento do passado.

Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio é um termo sintagmático combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico: o próprio termo *currículo* tem origem metafórica, pois o currículo é um caminho, atalho a ser percorrido.

Garrucha. Pistola de dois canos. substantivo: sintagma nominal) *Furar. Fazer furo em; perfurar.* (verbo: sintagma verbal, verbo)

OLHOS VÊM TÃO PURA TEUS SEIOS SÃO AS COLINAS VARINA PREGÃO QUE ME TRAZ À PORTA TERNURA



Declaro que odito coronelloaõ Pereira Guimaraeñs, foi cazado com Dona Per= | petua Vas Guimaraeñs parda= | Determinou noSeu solemne Testamento oSeguinte | Queseo corpo fosseamortalhado em habito deSam Francisco, ou em ou= | tro qualquer em sua falta | Queas Irmandades doSantissimo, Almas, deNossasenhoradoRozario,ossacer = | dotes que seachassem oacompanhassem, elhedicessem Missa decorpo presente | e cadahum [[hum]] oitavario deMissas ao Mor previgiliado daesmola | cu... Que eo Parocho lhe... Missas, aprimeira a maravilh charidade | comque Deos sefez homem, ehade ser aprimeira Missa do Natal: aSegun= | da agrandeagonia que oSenhor sentio no horto, ehade ser ade quarta | feira detrevas com aPaixaõ deSamLucas: ea terceira a grande aGo= | nia que omeofilho deDeos sentio quando espirou, | ehade ser aMissa | comua daPaixaõ deesmola dehua oitava cadahuã | Que seo Testamenteiro lhemandasse dizer neste Arrayal quatroCannellas... deMissas

● Metáfora

A metáfora resulta da identidade entre dois elementos de natureza radicalmente diferente. Ocorre quando duas ideias são associadas, sem elementos gramaticais de comparação, de modo que se estabelece igualdade entre elementos que, do ponto de vista lógico, não são iguais. É o que acontece no poema de Carlos Drummond de Andrade, no qual D. Quixote, um ser humano, é igualado a um "espectro de gelo". Observe que o mesmo recurso está presente na peça publicitária do projeto. Veja na sala de aula.

bácoro [23r]; *bêbado* [24v]; *bêbera* [24v]; *bíbora* [25v] ≈ *víbora* [103r]; *búfaro* [27r]; *cáccere* [28r]; *cáfila* [28v]; *cágado* [28v]; *câmara* [4v, 23v, 29r, 50r, 61v, 74r, 86v, 96r] ~ *câmaras* [29r, 87r]; *cânamo* [29v] ~ *cânemo* [70v]; *cânones* [29v]; *cárrega* [31r]; *cédola* [38r]; *célebro* [38r]; *chícharo* [39v]; *cócegas* [32v, 61r]; *cólica* [32v, 49v]; *cônego* [34r] ~ *cônegos* [27v]; *dádiva* [40r, 83v]; *dívida* [34r, 49r, 58r] ~ *dívidas* [10v]; *dízimo* [49r]; *dávida* [50r, 53r, 95v]; *fábula* [60r]; *fêvera* [61v]; *física* [62v] ~ *físico* [62v]; *fôlego* [62v]; *Gênova* [65r]; *ídolo* [66v]; *láparo* [68v]; *látego*

Organizadoras
Beatriz Daruj Gil
Elis de Almeida Cardoso
Mariângela de Araújo
Valéria Gil Condé

SABERES LEXICAIS

Organizadoras:

Beatriz Daruj Gil

Elis de Almeida Cardoso

Mariângela de Araújo

Valéria Gil Condé

São Paulo
FFLCH-USP
2019

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

S115 Saberes lexicais [recurso eletrônico] / Organizadoras: Beatriz Daruj
Gil... [et al.] -- São Paulo : FFLCH/USP, 2019.
3.252 KB ; PDF.

ISBN 978-85-7506-366-8
DOI 10.11606/9788575063668

1. Lexicologia. 2. Lexicografia. 3. Terminologia. 4. Interfaces
lexicais I. Gil, Beatriz Daruj, *coord.*. II. Cardoso, Elis de Almeida,
coord. III. Araújo, Mariângela de, *coord.* IV. Condé, Valéria Gil,
coord.

CDD 410

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Chefe: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida

Vice-Chefe: Profa. Dra. Adma Fadul Muhana

Comitê Científico

Claudio Cezar Henriques (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ)

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Ieda Maria Alves (Universidade de São Paulo - USP)

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (Universidade do Estado do Pará - UEPA)

Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)

Martin Becker (Universidade de Colônia, Alemanha)

Paula da Costa Souza (Universidade Federal de Alfenas – Unifal)

Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula (Universidade Federal de São Carlos - UFScar)

Capa, projeto gráfico e diagramação

Elis de Almeida Cardoso, Beatriz Daruj Gil, Renato Paes de Almeida

Revisão

Beatriz Daruj Gil

Elis de Almeida Cardoso

Mariângela de Araújo

Valéria Gil Condé

À Maria Aparecida Barbosa (*in memoriam*)

Estudar a palavra em sua estrutura gramatical, semântica, semântico-sintática; examinar sua carga ideológica, sua força persuasiva, sua natureza modelizante; definir a rede de relações das palavras de um sistema linguístico; estudar o conjunto de palavras de tal sistema ou de um grupo de indivíduos, seja como universo lexical, seja como conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo, ativo e passivo, e fazer estimativas sobre o léxico virtual; considerar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores; abordá-la como um elemento instaurador e como um lugar privilegiado de reflexo da cultura; explicar os processos de criação e renovação da palavra, e de seu conjunto universo, o léxico, eis algumas das tarefas mais importantes de que sei encarrega a lexicologia, um dos ramos da Linguística, e que tem por objeto específico a palavra. Assim definidas muitas das possíveis abordagens da lexicologia, fica evidente a estreita relação que mantém com os outros ramos da Linguística.

(Maria Aparecida Barbosa. Modelos em Lexicologia. In: *Língua e Literatura*. FFLCH-USP, vol.9-15,1980p.261-279)

Sumário

Saberes lexicais	8
Beatriz Daruj Gil, Elis de Almeida Cardoso, Mariângela de Araújo, Valéria Gil Condé	
Aspectos da criação lexical na obra <i>Sagarana</i> de Guimarães Rosa	16
Valéria Gil Condé	
A indesejada das gentes: escolhas lexicais e morte na poesia	24
Elis de Almeida Cardoso	
Léxico e estilo: uma leitura da poesia amazônica de Paes Loureiro	32
Raphael Bessa Ferreira	
Lisboa no fado: uma análise léxico-discursiva	48
Álvaro Antônio Caretta	
Os cruzamentos vocabulares nas propagandas da Hortifruti	60
Alessandra Ferreira Ignez, Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa Ferreira	
Reflexões sobre a boa morte em um testamento de Luziânia-Goiás no século XVIII	73
Vanessa Regina Duarte Xavier	
O léxico da língua portuguesa na segunda metade do século XVI: o caso das proparoxítonas em Jerônimo Cardoso	85
Mário Eduardo Viaro	
Termos neológicos em sincronias pretéritas: um estudo do <i>Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural</i> de Vandelli	96
Bruno Maroneze	
Terminologia e ensino: uma relação necessária	110
Mariângela de Araújo	
Competência lexical e ensino	119
Beatriz Daruj Gil	
Aspectos da função cognitiva das unidades terminológicas da área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio organizado por competências	135
Fernanda Mello Demai	
Processos semânticos de formação de palavras: uma abordagem pedagógica	151
Aderlande Pereira Ferraz, Geraldo José Rodrigues Liska	
Ensaio sobre a definição lexicográfica	165
Claudio de Assis da Cunha, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida	
Organizadoras	174
Autores	175

Saberes lexicais

*Beatriz Daruj Gil
Elis de Almeida Cardoso
Mariângela de Araújo
Valéria Gil Condé*

O saber lexical acumulado pelas comunidades linguísticas é revelador da visão de mundo que o homem constituiu ao longo de sua história. O sistema lexical de cada língua é responsável pela organização e classificação de dados da realidade compartilhada por determinada cultura, o que significa que as línguas traduzem, segundo modelos particulares, o mundo visto e construído pela comunidade em torno da qual se organiza (BIDERMAN, 1978); mundo que, por sua vez, se reconstrói e se renova também em função das alterações da língua, ocorridas no tempo, no lugar, nos grupos sociais e nos variados atos de enunciação.

A análise do sistema lexical de uma língua pode demonstrar, em diferentes perspectivas, como foi feito o recorte de uma realidade, por meio do qual se pode conhecer o que pensa e como age determinada comunidade. Pode também revelar a soma das experiências de uma sociedade: os sujeitos enunciadorees utilizam o léxico, perpetuando-o e reelaborando-o a cada uso, o que provoca movimentos de alteração, expansão e contração do léxico da língua. Novas situações de comunicação, materializadas em gêneros discursivos novos ou recriados, justificam a necessidade de os falantes, nos usos discursivos, atribuírem novos sentidos a lexemas, ampliando a zona de significação de uma unidade lexical, ou restringirem alguns usos a situações específicas.

O sistema lexical de uma língua está em constante expansão em função desse vínculo profundo com a experiência humana, renovada permanentemente. Não se trata, entretanto, de uma exclusiva expansão da quantidade de significantes. Mais do que isso, o sistema recria-se expandindo usos para um mesmo significante, por meio, por exemplo, das relações polissêmicas e parassinonímicas estabelecidas pelas unidades lexicais no nível do uso e que acabam se incorporando ao sistema.

Para Vilela,

o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e

imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas (1994, p. 14).

Mesmo tendo um limite impreciso, é ele o responsável pelas associações de sentidos, pelo resgate de valores, pela ampliação e reorganização dos significados. Por isso, o compósito léxico reflete tanto as mudanças dos sistemas sociais quanto linguísticos, em que residem os fatos culturais servidos pelos usos lexicais e os fatos da língua que são definidos pelos acontecimentos culturais.

Biderman afirma que:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua (1978, p. 139).

Esse movimento de reelaboração contínua do léxico fez com que sua sistematização fosse questionada e retardada, ao longo da história dos estudos da linguagem. Estudos sobre redes associativas, frequência e estatística lexical, distribuição das classes léxicas, neologia, estilística léxica, semântica lexical, dentre outros, acabaram por demonstrar que, apesar de o léxico estar em permanente expansão, é possível ser objeto de estudo sistematizado, diacrônica ou sincronicamente.

É fato que o léxico é “patrimônio da comunidade linguística” (BIDERMAN, 1978, p. 139), e são os usuários da língua os responsáveis por todas as suas transformações. São eles que criam novas palavras, que mantêm palavras já existentes, ou que alteram a sua significação. De acordo com Antunes (2012, p.28): “O léxico corresponde, assim, ao inventário dos itens linguísticos com que expressamos essas categorias e subcategorias cognitivas”.

Em relação ao uso criativo do léxico, feito principalmente por escritores e poetas, a exploração dos significados de forma original faz com que uma palavra possa ter o seu campo semântico ampliado ou ainda modificado. O significado referencial (denotativo, conceptual) pode dar lugar ao significado não-referencial (conotativo, estilístico, emotivo). A expressividade “nasce do ponto de contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual” (BAKHTIN, 2003, p.294). Para o teórico russo, a utilização dos

itens lexicais se efetiva por meio dos enunciados concretos e, portanto, em um gênero discursivo.

Em se tratando de gêneros do discurso, sabe-se que alguns não permitem uma grande liberdade de escolha, mas outros sim. Os gêneros vinculados à esfera literária, artística ou publicitária permitem ao enunciador revelar sua criatividade lexical, tanto no que se refere à escolha, quanto no que se refere à criação, sem nenhum tipo de limitação.

No conjunto de discussões apresentadas nesta obra, Valéria Gil Condé, através da observação da criação literária de Guimarães Rosa, propõe que se observe com atenção a visão monolíngue da sua produção em língua nacional para redimensionar as influências de outras culturas, colocando em evidência a partilha de línguas que ora se deu por contato, ora é fruto do labor investigativo da sua criação intelectual. Esse processo leva a se repensar sobre o quanto o estudo do léxico carrega marcas pluriculturais, que muitas vezes se encontram apagadas na variedade culta, mas que ainda são recorrentes na oralidade ou em outras línguas de origem comum.

Quando se verifica, no capítulo de Elis de Almeida Cardoso, de que forma a morte é vista por poetas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Mário Quintana, percebe-se que as escolhas lexicais mostram a morte personificada, a morte esmagadora, a morte etérea e serena. As escolhas revelam a necessidade de organização prática da vida de forma até sistemática para a chegada da morte; a fragilidade e efemeridade da vida; a preparação do mundo interior para sentir-se psicologicamente preparado para o fim; a visão da morte como parte integrante da vida da qual o sentimento de medo deve ser banido; a imortalidade da alma.

Na análise do discurso literário realizada por Raphael Bessa Ferreira, a valorização da terra natal, feita por meio de escolhas e criações lexicais, revela a preocupação do poeta Paes Loureiro em apresentar ao leitor a força da água no universo amazônico. Em sua linguagem, as encantarias e crenças típicas da região norte do Brasil vão se mesclando à cultura do caboclo e do ribeirinho; a crítica feita em relação à exploração em busca do capital soma-se ao movimento das ondas, das marés e das cheias e vazantes dos rios amazônicos. O rio aparece majestoso e a paisagem do mundamazônico amazona-se.

No universo artístico, a canção, texto multimodal composto por elementos linguísticos e musicais, possibilita uma escolha lexical criativa. Itens lexicais podem articular letra e música, valorizando as rimas e o ritmo, e ressaltar aspectos sociais e culturais, como se pode ver no estudo de Álvaro Antônio Caretta.

Sendo a canção que caracteriza a cultura portuguesa, o fado canta o amor, a saudade, mas também a cidade e suas características. Por meio das escolhas lexicais, Lisboa é retratada pelos bairros, pelos pontos turísticos e pelas sensações que a cidade, vista ora como menina, ora como mulher, podem despertar.

O discurso publicitário, por sua função apelativa e persuasiva, valoriza o uso criativo do léxico. Metáforas, ambiguidades, jogos de palavras, ressemantizações e criações lexicais inusitadas aparecem com frequência nesse universo.

Em propagandas da rede Hortifruti, analisadas por Alessandra Ferreira Ignez e Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa Ferreira, a criatividade lexical se manifesta principalmente por meio dos cruzamentos lexicais. Trata-se de um processo de formação de palavras que consiste na fusão de duas bases, rompendo com a expectativa do leitor e chamando a atenção para o produto anunciado. Com essas criações, percebe-se a força expressiva do discurso publicitário.

Os estudos do léxico, permeados pela pesquisa histórica, projetam no presente a interação linguística do passado, favorecendo, dessa forma, a transparência das relações emanadas das relações culturais, provenientes de contato. Na história das línguas cabe aos estudos da linguística diacrônica e da filologia restabelecer o traço de união apagado pelo tempo.

No trabalho de Vanessa Regina Duarte Xavier, explora-se a interface Lexicologia e Filologia por meio de uma análise lexical contextualizada sobre a temática da boa morte, em um testamento da Matriz de Santa Luzia - GO, em que se demonstram relações de contiguidade e oposição semântica.

Tomando-se como *corpus* a obra *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (1562/1563), de Jerônimo Cardoso (c1508-1569), Mário Eduardo Viaro discute, sob o ponto de vista diacrônico, os níveis fonológico, fonotático e lexical do paradigma formal de palavras proparoxítonas. Dessa forma, a tese defendida é de que as proparoxítonas não são uma prerrogativa do Renascimento, nem do Humanismo, como preconizam os manuais de linguística histórica. Elas já faziam parte do inventário do léxico na Idade Média.

O ensino do léxico foi tratado tradicionalmente com base no princípio unívoco da equivalência lexical, por meio do qual se entendia que para cada unidade lexical haveria um único significado associado. O desenvolvimento dos estudos do discurso, incluindo a Sociolinguística, Pragmática, Linguística de Texto, Análise do Discurso, contribuíram para que se alterasse esse entendimento e se passasse a tratar a unidade

lexical como escolha lexical, o que faz com que o léxico passe a ser visto como uma propriedade discursiva, por meio do qual se evidenciam ideologias particulares.

No capítulo de autoria de Beatriz Daruj Gil, observa-se que todo o dinamismo do léxico deve ser objeto de seu ensino em aulas de língua materna e de língua estrangeira. Em sua interface com a gramática, a semântica e o discurso é que se constitui o sentido de cada unidade lexical atualizada discursivamente. As escolhas lexicais revelam não apenas o movimento único de cada ato enunciativo, como também a história de contextos por que passou aquela unidade em suas outras atualizações e que também deve ser objeto de ensino do léxico.

Na sala de aula, o léxico pode ser desenvolvido de diferentes formas. É importante desde os primeiros anos da educação básica que o aluno perceba os diferentes significados de uma unidade lexical. Uma das formas de se explorar a polissemia é trabalhar com novos significados atribuídos a palavras previamente conhecidas. Textos publicitários são ricos em neologismos semânticos, resultantes justamente dessa ressignificação. Para se perceber as alterações de significado é sempre necessário se levar em consideração o contexto de uso e as relações metafóricas e metonímicas que se estabelecem como se pode constatar na análise feita por Aderlande Pereira Ferraz e Geraldo José Rodrigues Liska.

De acordo com os PCN (BRASIL, 2002), o emprego de uma metáfora pode ser eficaz num contexto, mas ineficaz em outro. Cabe ao professor fazer o aluno perceber de que forma as escolhas lexicais utilizadas como recursos expressivos levam a diferentes efeitos de sentido.

O ensino do léxico deve, portanto, contemplar os processos semânticos de formação de palavras. Novas propostas curriculares e materiais didáticos devem apontar para a importância e necessidade de se trabalhar as mais diferentes possibilidades de uso da palavra e seus mais variados significados, sejam eles de uso comum ou especializado.

De um ponto de vista mais referencial, o léxico serve às ciências e às técnicas, como forma de organizar e de transmitir os conhecimentos de determinada área do saber. É nesse sentido que se concretizam os estudos de uma disciplina científica situada no âmbito das Ciências do Léxico: a Terminologia.

Conforme afirma Benveniste, “uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação” (BENVENISTE, 1989, p.252). Observa-se, assim, a importância do léxico para as diferentes áreas do saber humano, que tem como principal mecanismo de

concepção e comunicação os signos linguísticos, aqui entendidos como palavras ou termos.

No que se refere à maneira como o ser humano concebe as diferentes realidades do mundo extralinguístico, as terminologias apresentam-se para os estudiosos da linguagem como um objeto de estudo em que se podem verificar as diferentes nuances conceituais expressas no processo de denominação, ao mesmo tempo em que, para os especialistas, nas diferentes áreas do saber, denominar um conceito consiste numa tarefa, muitas vezes, árdua, tendo em vista seus anseios de clareza, concisão e objetividade.

Quanto à transmissão do conhecimento, ressalta-se o contexto discursivo no qual os termos são empregados. Ao mesmo tempo em que se pode observar uma comunicação de especialista para especialista, em um texto conciso e denso do ponto de vista terminológico, verificam-se também textos mais explicativos, destinados a leigos e aprendizes, em que a comunicação não cumpre seu objetivo de divulgação do conhecimento sem definições, ilustrações, exemplos e outros recursos.

Tendo em vista essa diversidade, os estudos terminológicos levam os pesquisadores a variados olhares sobre diferentes áreas do conhecimento e variadas abordagens. No texto de Bruno Maroneze, numa aproximação com os estudos de história da língua, é possível verificar como em sincronias pretéritas uma área do saber foi-se constituindo em língua portuguesa ao longo do tempo, por meio da análise da criação de termos que pudessem servir à denominação de conceitos que surgiram e precisavam ser comunicados em língua portuguesa.

Da mesma forma, são relevantes e muito pertinentes os estudos terminológicos que visam a descrever uma área em ascensão na modernidade, como ocorre com a Educação e a maneira de abordar seus processos e sua organização. O estudo da terminologia usada no “Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Organizado por Competências”, como atesta a análise de Fernanda Mello Demai, demonstra as especificidades e a maneira de conceber uma área, utilizando-se para isso de conceitos já conhecidos que recebem uma ressignificação por meio do uso de metáforas e metonímias.

Por sua vez, o ensino de língua materna não pode estar alheio ao uso das terminologias, assim como as diferentes disciplinas escolares devem reconhecer que seus conteúdos são transmitidos, veiculados e construídos por meio de textos e palavras. Essa relação necessária entre Ensino e Terminologia é apresentada no texto de Mariângela de Araújo.

Os textos anteriormente mencionados demonstram que tal diversidade do léxico especializado se apresenta como um convite à pesquisa e ao entendimento de seu funcionamento nos diferentes contextos de uso e em suas diferentes aplicações. Essas pesquisas, além de serem interessantes e instigantes para os estudiosos do léxico, mostram-se como contribuições relevantes para a organização das áreas e para uma comunicação mais eficaz do conhecimento.

Tendo em vista os saberes lexicais descritos até aqui, que, como se pôde observar, vão desde um vocabulário comum ou técnico-científico até regras para a formação de novas palavras e a combinação destas, constituindo-se um texto, torna-se relevante pensar em maneiras de descrever e armazenar esse saber lexical em obras de referência, de modo que esse conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo, possa ser passado a novas gerações e transmitido a outras culturas. Para isso, tem-se, então, a Lexicografia, a ciência do léxico que tem como objetivo estudar mecanismos e procedimentos para a elaboração de dicionários, de modo a fazer com que estes possam atender aos anseios do consulente; além disso, a Lexicografia pode ter ainda como objeto de estudo dicionários já existentes, a fim de se verificar e analisar aspectos positivos e aqueles que podem ser aprimorados no que diz respeito à seleção e à apresentação de informações em obras lexicográficas, tendo em vista o seu público-alvo. A análise de obras lexicográficas conduz a um aprimoramento na elaboração de novos produtos lexicográficos, além de possibilitar um conhecimento mais profundo a respeito de determinada obra e do acervo lexical por ela contemplado.

Assim sendo, não poderia faltar neste livro sobre saberes lexicais um capítulo reservado aos estudos lexicográficos. Estes estão representados na análise elaborada por Cláudio de Assis Cunha e Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, que apresentam vários aspectos da definição lexicográfica, incluindo suas diferentes acepções, seus elementos constituintes, sua forma de apresentação, além de seus princípios fundamentais. Exploram-se também a dicotomia *definição de coisas* e *definição de palavras* e a tipologia de definições de Porto Dapena (2002).

Espera-se que o compartilhamento desse conjunto de perspectivas do saber lexical seja uma forma de se compreender o léxico como um módulo da língua genuinamente dinâmico e potente, que, quando atualizado em estruturas morfossintáticas e divulgado discursivamente, permita ao usuário da língua construir e perpetuar o seu dizer.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas/SP: Ponte, 1989.

BIDERMAN, M.T.C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica Semtec. *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Linguagens Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

PORTO DAPENA, J. A. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco Libros, 2002.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

Aspectos da criação lexical na obra *Sagarana* de Guimarães Rosa

Valéria Gil Condé

“Eu acho que estudar o espírito e o mecanismo das outras línguas ajuda muito a compreensão mais aprofundada do idioma nacional” (ROSA, G.)¹

Introdução

O que se pretende neste artigo é discutir a respeito dos estudos do léxico que resultam muito mais complexo do que os estudos gramaticais podem apontar, pois se reportam à herança linguística, ao conhecimento de mundo de uma comunidade e da construção intelectual individual. Daí que o léxico resulte em um caráter variável, aberto e ilimitado. No que diz respeito a criação lexical literária, todas as condicionantes citadas anteriormente devem ser consideradas. Neste estudo do léxico literário, conscientes da complexidade e amplitude que o tema abrange, procuraremos, através do léxico criativo, realizar um recorte, priorizando três eixos, a saber.

Primeiro, reconhecer aspectos socio-históricos² e de aquisição de cultura dos quais se vale o autor para compor a sua escrita. Para tanto, com base nos estudos dos cadernos de anotações de G. Rosa, acervo disponível no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, partiremos de um estudo comparado, colhendo alguns exemplos de sua criação lexical em *Sagarana* e as suas anotações pessoais.

No segundo eixo, faremos uma abordagem no campo do léxico histórico de línguas que partilham a mesma origem. Neste sentido, a consulta em dicionários de línguas afins, servirão de base para a sua atestação. Além disso, procuraremos observar em c) as marcas linguísticas da cultura local e os possíveis desdobramentos das ressonâncias sócio históricas da língua vernácula, que se iluminam no momento do seu reconhecimento no presente. Este olhar adquire força na referência que Candido (2011, p.195) imprime à obra rosiana: “universalidade da região”.

No terceiro eixo, motivado pelo artigo intitulado por Anokhina (2015) aprofundaremos na classificação de escritor multilíngue, que a autora atribui a Guimarães Rosa. Além disso,

¹Palavras de Guimarães Rosa em uma entrevista concedida a sua prima Lenice Guimarães de Paula Pitanguy (www.germinaliteratura.com.br/pcruzadas_guimaraesrosa-ago2006.htm) consulta em março de 2019).

² Para aprofundar este estudo, veja-se em CONDÉ (2017).

destacaremos da sua pesquisa³, algumas estratégias que refletem o ato de criação de um escritor multilíngue, a saber: a) observação do seu processo de escrita; b) documentos e anotações de trabalho e o processo da sua escrita corroboram a tese de que autores que mesmo que escrevam em língua vernácula, ampliam o seu repertório linguístico a partir do conhecimento e estudos de sua própria ou de outras línguas.

Estas abordagens de apreensão da escrita do autor favorecem sobremaneira o ensino do léxico no ensino, pois demonstra que o conhecimento que o aluno leva consigo, deve ser considerado, pois está inserido no seu processo sócio histórico, mas que pode ser ampliado, através do aprendizado de novas palavras, desta vez, entretanto, realizando um processo de domínio diferente: técnicas de leitura e de uso através da escrita ou da oralidade. Quando confrontamos os cadernos de anotação do autor com a sua obra, podemos vislumbrar esta prática. Não há aqui uma intenção reducionista de classificação de uma obra literária. A proposta é de penetrar no universo de construção literária de Rosa. Neologismos e outros processos também coexistem em Rosa, entretanto, não pretendemos abordá-los neste artigo.

1 Universalidade regional

No que diz respeito a questões socioculturais, muito do universo mineiro está contido em sua obra. É o que nos relata Mário Palmério:⁴

Boa parte da sua ficção construía-a G. Rosa com os tipos humanos que ele conheceu em seu burgo de nascimento – seu burgo do coração - e com histórias ouvidas aos fazendeiros e peões que paravam, para o mata-bicho e a prosa na venda do Florduardo, e na do vizinho mandachuva Geraldino Rocha.

Regionalismos léxicos nas anotações de Rosa com remissões ao uso que aplicou em *Sagarana*

a) Carapina

Em: cadernos de relatos, microfilme M68, número de folhas 37. Estado de conservação regular, caderno espiral enferrujada. Folha 1:

“Não há carapina que a possa fazer”. O autor coloca entre parênteses o sinônimo: (carapina = carpinteiro).

Em: *Sagarana* (p. 233): “O Cypriano, aquele **carapina** velho velhoso...”

³ <http://www.item.ens.fr/multilinguisme>. Acesso em 12 março de 2019. Projeto coordenado por Olga Anokhina.

⁴ <http://www.academia.org.br/academicos/mario-palmerio/discurso-de-posse>. Acesso em 12 março de 2019.

Comentário: o dicionário Dicionário Houaiss e Villella da língua portuguesa (2001), doravante dicionário Houaiss (2001), considera-a antigo regionalismo brasileiro, de origem tupi Kara'pina, sinônimo de carpinteiro.

b) Briquitar

Em: Cadernos de relatos, microfilme M68, número de folhas 37. Estado de conservação regular, caderno espiral enferrujada. Folha 7:

“briquitei pr’a fazer isto”

Em Sagarana (p.103): “o que foi vantagem, porque o Major gritou com ele antes de ter de **briquitar** para tirar as botas, o que geralmente aumenta muito a ira de um cristão.”

Comentário: o dicionário Houaiss (2001) registra como regionalismo do Centro Oeste do Brasil, de S. Paulo e Minas Gerais. Entre os significados está o brigar, discutir e de pelejar.

c) Cagaiteira

Em: Cadernos de relatos, microfilme M68, número de folhas 37. Estado de conservação regular, caderno espiral enferrujada. Folha 7:

“Cagaitera- cagaita”

Em Sagarana (p.173): “Já sabia que das moitas de beira de estrada trafegam para a roupa da gente umas bolas de centenas de carrapatinhos, de dispersão rápida, picadas mil malditas e difícil catação; que a fruta mal dura da **cagaiteira**, comida com sol quente, tonteia como cachaça; que não valia a pena pedir e nem querer tomar beijos às primas;”

Comentário: Note-se que no caderno o autor monotonga o sufixo -eira > -era, pronúncia generalizada em todo o Brasil.

Em Houaiss (2001), planta nativa do Brasil, regiões de Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

d) Ariri

Em: Cadernos de relatos, microfilme M68, número de folhas 37. Estado de conservação regular, caderno espiral enferrujada. Folha 7:

-ARIRI – “bicho d’água, feito um patinho”

Em Sagarana: “E então descobri que me era possível distinguir o guincho do paturi do coicho do **ariri**, e até dissociar as corridas das preás dos pulos das cotias, todas brincando nas folhas secas”.

Em Houaiss (2001), não se registra **ariri** como ave, mas como uma espécie de palmeira.

As exemplificações anteriormente citadas, longe de se tratar de um reducionismo da substância textual do autor, permitiu-nos perceber o trabalho de compilação do léxico estudado por ele. O que em uma abordagem de ensino de estudo do léxico, caracteriza-se como estratégia interessante como registro e compreensão do significado para, em um segundo momento,

passar-se à prática, a fim de alcançar um domínio que permita utilizá-lo, combiná-lo, inová-lo, ampliando, dessa forma, a sua competência lexical.

2 Concordância léxica entre línguas românicas de origem comum

Ainda que a presença migratória de povos de origem minhota seja relevante nesta região e já se encontra documentada do ponto de vista histórico, identificar o léxico, um inventário aberto, do ponto de vista linguístico, e correlacioná-lo com outras línguas românicas é um estudo interessante, mas de difícil interpretação. Neste sentido, integrá-lo numa porção maior integrada a culturas pretéritas, ajuda-nos a aclarar os estudos lexicais de cultura de mesmo material linguístico. Dessa forma, as correlações entre o estudo do léxico e os estudos românicos, favorecem a intercompreensão entre línguas de mesma origem. Neste aspecto, aproximar as concordâncias entre o galego e português modernos servem para ampliar os estudos da geografia linguística, aproximando um pouco mais do material linguístico de mesma origem comum, no caso, o galego-português. Os exemplos de mesmo significado semânticos abordados a seguir, serão correlacionados com o galego moderno, adentrando, portanto, um pouco mais na Iberorromânia. São eles:

a) Arrear (p.11): “**Arreia** este burro também, Francolim!”

Comentário: Houaiss (2001): colocar arreios em.

RAG⁵: pôr os arreios ou aparelhos a.

b) Léria:

Sagarana (p.147): “Agora, quando encontrava qualquer mandioqueiro ou qualquer um andejo, tinha **lérias** e embustes para indagar, sem dar a saber quem era”;

Comentário: no dicionário Houaiss (2011): fala astuciosa que visa iludir, enganar outrem; pessoa que fala muito, mas não faz nada que preste. Etimologia obscura.

No dicionário da Real Academia Galega online⁶: conversa amigável sobre coisas sem importância; assunto que pode trazer problemas, que pode que causa problemas e preocupações.

c) Carantonha (p.310):

“Mal o caminho se deita, Canindé solta uma interjeição bovina pouco amável: sim de orelhas, sopro frouxo e três oitavos de mugido; e Realejo faz qualquer monossílabo, com ironia também soproso, de ventas dilatadas, contraídas as falsas-ventas. Mas, lá na guia, obliquando a **carantonha**, comenta Buscapé: —As coisas corriam lisas, como um córrego...”

⁵ RAG online: <https://academia.gal/diccionario/-/termo/busca/arrear>

⁶ RAG online: <https://academia.gal/diccionario/-/termo/leria>

Comentário: Houaiss (2001): cara grande, cara fechada, cara feia, carranca, alteração intencional do rosto.

Dicionário da RAG⁷: cara feia, gesto ou aceno que deforma o aspecto normal do rosto.

d) Touceira (p.310):

“Passavam as **touceiras** do bengo, ligeiras... Passavam as moitas, subindo o morro... Corria o capim-angola, ainda em mais correnteza... Eu estou com fome. Não gosto de puxar o carro... Queria ficar pastando na malhada, sozinho... Sem os homens”

Comentário: No Houaiss (2001): grande touça; conjunto de plantas de mesma espécie que nascem muito próximas entre si, formando um tufo espesso. No dicionário da Real Academia Galega⁸: terreno cerrado, com vegetação de árvores ou mato alto.

Ainda que a interseção entre estas duas línguas se deem no Minho, devido ao fluxo migratório, veja-se em Condé (2017), a proposta foi a de ampliar a geolingüística de origem galego-portuguesa, unindo a língua galega ao português brasileiro (România Nova).

3 Multilinguismo

Em se tratando das línguas iberorromânicas que se interpenetram e se influenciaram mutuamente, fruto de contato cultural e político, nem sempre ficam evidentes as diferenças da escrita monolíngue de escritor multilíngue. Quando são línguas que partilham de mesma formação histórica, como é o caso do português e do galego, podem resultar ainda mais difícil. No caso do português do Brasil temos que considerar também a imigração, que apreende léxicos, provenientes de culturas de outras línguas. Entretanto, alguns estudos ajudam a dirimir tais limites. Estudos dialetológicos, contidos em atlas linguísticos, em teses acadêmicas, em dicionários podem delimitar as áreas nas quais há ocorrências de léxico em comum. Conhecer o sistema linguístico das línguas em comparação é importante nos planos lexical, sintático, semântico, morfológico para se estabelecer as diferenças. Entretanto, as correlações entre línguas ficam mais claras, quando escritores se valem de personagens estrangeiros para compor o seu mosaico pluricultural. É interessante observar que no caso de sistemas linguísticos muito próximos, a fusão se dá de forma muito transparente, não interferindo, por vezes se assim o escritor o desejar, na escrita vernácula, ainda que saibamos que o personagem é de outra origem, quase se que apaga esta informação e a língua estrangeira se amalgama na língua vernácula do autor. Ressaltando o que informa COSERIU (1979, p.68), “virtualmente existente no sistema, mas inédito na norma”. Neste aspecto, ao lançar luz sobre estes elementos, o estudo

⁷ RAG online: <https://academia.gal/dicionario/-/termo/caranto%C3%B1a>

⁸ <https://academia.gal/dicionario/-/termo/touceira>

do multilinguismo na escrita transcende a dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia, pois percebe as consonâncias de combinações linguísticas entre culturas de mesma origem, ampliando-as para uma visão panocrônica.

Seguem-se abaixo as evidências léxicas e sintáticas de multilinguismo em Sagarana, através do personagem de origem espanhola (Sr. Ramiro).

a) Mire (interjeição para avisar ou ameaçar), **caramba** (interjeição que denota contrariedade ou surpresa), **santiamén** (em um instante).

“**Mire**: um conto eu posso... Fazendo um sacrificozinho, **caramba!**” (p.85)

“—Tudo num **santiamém**, senhor Eulálio... **Mire** o que digo.” (p.85)

b) Certo, vai a quedar-se, não é verdade, ao melhor estou seguro.

“_Mas, **certo** o senhor Eulálio não **vai a quedar-se** residindo aqui, **não é verdade? Ao melhor**, pelo visto, estou **seguro** de que o senhor se vai...”

c) Graças.

“_ Com’passou, seu Ramiro? Bem?” (p.89)

“_ Bem, **graças**... O senhor a que vem?” (p.89)

d) Momentito (sufixo diminutivo em espanhol)

“- Como queira, senhor /Eulálio...vou buscar o instrumento... Um **momentito**.” (p.90)

Comentário: através desta personagem de origem espanhola, G. Rosa faz uso em nível comunicativo de um amálgama linguístico. Nesta situação discursiva, os níveis gramaticais, lexicais, sintáticos e morfológicos encontram-se representados pela prática que na linguística denominamos de discurso híbrido (GUGENBERGER: 2013, p.32).

Esta situação de comunicação é recorrente em espaços nos quais mais de uma língua concorrem em mesmo território ou entre migrantes, como é o caso do personagem Ramiro, o espanhol. Nos itens a) e b), o léxico pode perfeitamente se amalgamar com o português, é léxico conhecido desta língua, mas de convergência léxica com o espanhol. No item c) **graças**, o uso de reticências pode conduzir o leitor a pensar na expressão do português “graças a Deus”, entretanto, em espanhol, *gracias* é um adjetivo que expressa agradecimento. O discurso híbrido fica bem evidente no exemplo do item b). G. Rosa elabora uma situação pragmática na qual as escolhas sintáticas e léxicas se mesclam entre os dois sistemas linguísticos, de modo a não causar dificuldade de entendimento. Por exemplo, em ‘**vai a quedar**’ poderia causar algum estranhamento, porém, ao complementar com ‘**residindo**’, o leitor consegue perfeitamente estabelecer a coerência da situação pragmática, depreendendo o sentido semântico de todo o contexto. Em ‘**ao melhor**’, tradução de ‘*al lo mejor*’, que indica dúvida ou possibilidade em espanhol, segue-se o complemento ‘**pelo visto**’, com significado semântico de ao que parece, ao que tudo indica. Em d) **momentito**, o uso do sufixo diminutivo {-ito}, com correlações em

muitas línguas românicas, inclusive no português, mas pouco produtivo nesta língua, por isto, muitas vezes opaco, como por exemplo em **bonito**. É um sufixo muito produtivo em espanhol. A base {moment-} é usual em português, fato que se caracteriza por não truncar o entendimento semântico no texto.

Considerações finais

A partir de alguns exemplos da escrita rosiana, procuramos aliar os estudos linguísticos tendo como *corpora* o gênero literário. Os eixos destacados para a pesquisa procuraram apresentar novas abordagens para se trabalhar com o léxico criativo. Para finalizar, como ficou demonstrado, ao longo deste artigo, a escrita criativa reflete o conhecimento linguístico-cultural de mundo do autor. Citando Guinda (2016: p.13): “*se tienes una palabra ya tienes un mundo.*”

Referências

- ANOKHINA, O. *Plurilinguisme et créativité litteraire*. Porto Alegre: Scriptorium, v.1,n.1.p.75-83.,2015.Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scptorium/article/view/201635>. Acesso em 30 de abril de 2019.
- CANDIDO, A. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CARDOSO, E. de A. *O léxico no discurso literário*. São Paulo, Edusp,2018.
- CARVALHO, R. D. de. *Desmedida: Luanda, São Paulo, São Francisco e volta*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.
- CONDÉ.V.G. *Convergência do léxico por contato entre o português brasileiro e o galego modernos*. Rio de Janeiro: Labor Histórico, v.3, p. 97-107, 2017.
- COROMINAS, Joan. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispano*. Madri: Gredos, 1991.
- COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.
- DICIONARIO ONLINE REAL ACADEMIA GALEGA. Disponível em: <http://academia.gal/diccionario>. Acesso em: 30 de abril de 2019.
- FRÍAS CONDE, X. A normalización lingüística na Romania: a normalización da lingua e normalización dos falantes (o caso dos neofalantes), *Ianua: Revista Philologica Romanica*, v. 6, p. 49-68, 2006.
- GALVÃO, W.N. *Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- GUGENBERGER, E. O cambio de paradigma nos estudos sobre contato lingüístico: pode ser útil o concepto de hibridade para a lingüística e a política de línguas em España? In: *Contexto de Linguas, hibridade, cambio: contextos, procesos e consecuencias*. GUGENBERGER, E.; MONTEAGUDO, H.; REI-DOVAL, G. (org.). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, p. 17-48, 2017.
- GUINDA, A. *La experiencia de la poesía*. Poética. Manifestos. Madri: Estilo Estugraf Impresores, 2016.
- HOUAISS, A. & VILELA, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS – Universidade de São Paulo (IEB/USP). Acervo João Guimarães Rosa.
- LEONEL, Maria Célia. Guimarães Rosa Alquimista: processo de criação do texto. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- LEONEL, Maria Célia. *Guimarães Rosa: Magma e gênese da obra*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- PAZ-ANDRADE, V. *A galeguidade na obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: Difel, 1983.
- RAMOS, D. Do Minho a Minas. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 44, n°.1, janeiro / junho, 2008, p. 131-153.
- RIVAS QUINTAS, E. C. M. *Diccionario Etimológico da Lingua Galega*. Léxico rural do noroeste hispano. Santiago de Compostela: Tórculo Comunicación Gráfica, 2015.
- ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, v. 1, 1976.
- VILLARES, R. *História da Galiza*. Uma memória dos avôs europeus. CONDÉ, V.G; TOMÉ FREIRE, I. (trad.). Bahia: Mar Maior-Editorial Galaxia, 2015.

A indesejada das gentes: escolhas lexicais e morte na poesia

Elis de Almeida Cardoso

Introdução

O tema da morte sempre esteve presente na poesia brasileira nos mais diversos contextos sócio-históricos. Em algumas épocas de forma mais contundente, tratada simplesmente como consequência da efemeridade da vida; em outras de forma mais psicológica, analisada como uma passagem obrigatória, embora indesejada. O poeta brasileiro mais associado a esse tema talvez seja Álvares de Azevedo (1831-1852), representante da segunda geração romântica. Influenciado por Lord Byron (1788-1824) e vítima do mal do século XIX, o poeta deixa sua obra marcada pelo “gosto da morte” (CANDIDO, 2006, p. 163).

Segundo Alfredo Bosi (1985, p. 122), o inventário lexical de Azevedo associa-se à morbidez e à depressão. O crítico destaca de sua obra vários sintagmas nominais, entre os quais se podem transcrever: pálpebra dormente, matéria impura, desespero pálido, longo pesadelo, fúnebre clarão, negros devaneios, leito pavoroso.

Para Antonio Candido (2006, p. 163),

A melancolia, o humor negro, o sarcasmo, o gosto da morte traçam à roda do grupo estudantil um círculo de isolamento que acentua, para o observador, o seu caráter de exceção na sociedade ambiente. É a típica tonalidade paulistana, difundida por todo o país, contribuição original desta cidade ao Romantismo brasileiro, ligada à pessoa e à obra de Álvares de Azevedo – principalmente o Macário e A noite na taverna.

Justamente por ser incompreendida pelo ser humano, a morte, tanto na língua comum como no discurso literário, é metaforizada e personificada. O verbo “morrer” muitas vezes é evitado e substituído por “falecer” ou até mesmo por “partir”. Expressões como “passar desta para melhor”, “bater as botas”, “comer capim pela raiz” e tantas outras fazem parte do uso coloquial da língua e refletem a necessidade de criar eufemismos que evitem a escolha da palavra “morte”.

Pretende-se, neste capítulo, verificar quais escolhas lexicais se referem à morte e como ela é vista na obra dos poetas Manuel Bandeira (1886-1968), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Vinicius de Moraes (1913-1980) e Mário Quintana (1906-1994), que foram escolhidos para esta análise por abordarem esse tema em sua obra poética de forma diferente. Foram selecionados poemas que representam a construção do ideário da morte e a visão de mundo de determinado grupo social, a saber: a necessidade de organização prática da vida de

forma até sistemática para a chegada da morte; a fragilidade e efemeridade da vida; a preparação do mundo interior para sentir-se psicologicamente preparado para o fim; a visão da morte como parte integrante da vida da qual o sentimento de medo deve ser banido; a imortalidade da alma.

1 Manuel Bandeira: a morte indesejada

Bandeira tem muitos poemas que falam da morte, mas “Consoada” (1986, p.202), publicado em 1958 em Opus 10, talvez seja o mais representativo.

Quando a Indesejada das gentes chegar
 (Não sei se dura ou caroável).
 Talvez eu tenha medo.
 Talvez sorria, ou diga:
 – Alô, iniludível!

A personificação da morte, “a Indesejada das gentes”, por meio da substantivação do adjetivo (indesejada) e sua transformação de comum em próprio, além da presença do prefixo negativo in-, refletem claramente a posição do poeta. A morte – palavra que não é utilizada no texto – é inevitável e pode chegar de distintas formas: dura ou caroável. Os dois adjetivos paradoxais reafirmam a personificação e revelam a incerteza do enunciador diante desse momento, reforçada pela reação que poderá ter: talvez sorria, talvez tenha medo. De qualquer forma, quando a morte chegar, será cumprimentada (alô) e tratada por iniludível. O vocativo reflete mais uma vez a personificação. Substantivado, iniludível retoma indesejada, apresentando também o prefixo negativo in-.

Ainda em “Consoada”, a dicotomia vida e morte é representada no poema por dia e noite. Cumprido seu momento terreno (“O meu dia foi bom”), a morte pode chegar (“pode a noite descer”). Mas entre parênteses o autor ressalta (“A noite com os seus sortilégios”), mostrando por meio da escolha da unidade lexical sortilégio que a noite/morte é cercada de mistérios, malefícios, artifícios diabólicos.

[...] O meu dia foi bom, pode a noite descer.
 (A noite com os seus sortilégios.)
 Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
 A mesa posta,
 Com cada coisa em seu lugar.

Como só resta ao poeta esperar sua chegada, ela encontrará todas as coisas organizadas: o campo lavrado, a casa limpa e a mesa posta, para que lhe seja servida a consoada.

Os adjetivos participiais (lavrado, limpa e posta) reforçam a ideia de trabalho finalizado e de missão cumprida.

No poema, percebe-se ainda que as unidades lexicais se polarizam, sendo possível sua divisão em dois campos léxico-semânticos que contrapõem morte e vida ou positivo e negativo.

(-)	(+)
Indesejada, dura, medo, Iniludível, noite, descer, sortilégios	caroável, sorria, dia, bom, lavrado, limpa, posta

A respeito da vida e de sua organização, Mikhail Bakhtin declara:

É claro, ainda, que eu não disponho de minha vida, de meu pensamento, de meus atos, que não os organizo no tempo (num certo todo temporal) – o horário de um dia evidentemente não organiza a vida – mas, antes, de forma sistemática; em todo caso trata-se de uma organização dos sentidos (abstraímos aqui a psicologia especializada do conhecimento da vida interior e a psicologia da introspecção [...]) (2003, p. 100).

2 Carlos Drummond de Andrade: a morte que mói

Em sua vasta obra poética, Drummond algumas vezes explora o tema da morte. Algumas vezes a encarando de frente, outras vezes lembrando às pessoas que enquanto houver vida, ela deve ser vivida.

No poema “Moinho” (2002, p.740), a morte é metaforizada e tratada como a mó do moinho que mói o legado da vida, deixando apenas o vento do passado.

A mó da morte mói
o milho teu dourado
e deixa no farelo
um ai deteriorado.

Mói a mó, mói a morte
em seu moer parado
o que era trigo eterno
e o nem sequer semeado.

Da morte a mó que mói
não mói todo o legado.
Fica, moendo a mó,
o vento do passado.

Em três estrofes com versos hexassílabos, o poeta se aproveita também da sonoridade e mostra ao leitor, que da mesma forma que a mó do moinho mói o trigo, transformando-o em

farinha, a morte devagar vai moendo a vida, que se deteriora. A escolha pela repetição da bilabial nasal /m/ lembra o som do mastigar: *moinho, mó, morte, mói, milho, moer, moendo*. É a morte invadindo os seres vivos e aos poucos os corroendo. O moinho da vida vai girando, e a morte vai moendo.

Sejam movidos a vento, a água ou a outro tipo de energia, os moinhos, em diferentes épocas e civilizações, sempre foram utilizados para a moagem de grãos. A mó é o conjunto de duas pedras afiadas, responsável por triturar esses grãos e produzir farinha. É com a farinha que se faz o pão e outros alimentos importantes para a vida humana. O moinho sempre foi, portanto, um importante instrumento na economia de subsistência.

No moinho de Drummond não é o pão que é feito do milho dourado. O ato de moer é visto pelo poeta de forma negativa, uma vez que é manejado pela mó da morte, que tritura a vida, transformando-a em farelo.

As escolhas lexicais do poeta e suas metáforas revelam, então, esse outro moinho. Não o moinho responsável pela fabricação da farinha que dará origem ao pão da vida, alimento para o corpo, mas o moinho que reduz a vida a migalhas e a lembranças do passado.

A vida, no poema, é simbolizada de forma positiva pelos grãos de milho e de trigo. O milho é *dourado*, luminoso, portanto. Resplandece, emite luz. O trigo é eterno, duradouro. É jovem, ainda não foi sequer semeado.

Já a mó drummondiana é dura, massacra, destrói. É uma pedra pesada, que se move lentamente (*moer parado*). Essa mó é a morte que vai trabalhando dia a dia até atingir a todos, sejam jovens, sejam velhos. A destruição é completa, e do legado da vida só fica após sua passagem o vento do passado, apenas ar. Tudo se dissipa, tudo se transforma em pó. Esse é o moinho descrito por Carlos Drummond de Andrade, um moinho que massacra, que destrói. Um moinho que gira movido pela morte. Um moinho que mói a vida.

A vida para o poeta é frágil e se deteriora com o tempo: a morte transforma a vida em farelo e em vento. A mó da morte transforma em pó qualquer grão que passe pelo seu moinho.

3 Vinicius de Moraes: a morte impresentida

Vinicius explora uma temática extremamente diversificada em sua obra, mas também dedica alguns poemas à morte. O poema “A Morte” (1987, p. 183), publicado em 1954, integra sua obra completa.

A morte vem de longe
Do fundo dos céus
Vem para os meus olhos
Virá para os teus

Desce das estrelas
 Das brancas estrelas
 As loucas estrelas
 Trânsfugas de Deus
 Chega impressentida
 Nunca inesperada
 Ela que é na vida
 A grande esperada!
 A desesperada
 Do amor fratricida
 Dos homens, ai! dos homens
 Que matam a morte
 Por medo da vida.

Diferentemente de Bandeira, que não cita a palavra morte, Vinicius utiliza-a não só no título como também é a primeira unidade lexical do poema.

Percebe-se por meio das escolhas lexicais “o signo da religiosidade neossimbolista”, que permeia alguns dos poemas do escritor, que oscila entre o divino e o terreno.

“A morte vem de longe”, diz o poeta, “Do fundo dos céus”, “das estrelas”. A noção espaçotemporal de distância afasta o homem da morte ou do pensamento da morte. Não se deve ter medo da vida, pensando-se na morte.

A morte chega aos olhos. A metonímia é extremamente representativa, uma vez que com a morte e com o fechar dos olhos deixa-se a vida. A morte do corpo é percebida como a morte dos olhos, que deixam de ver o mundo. Os olhos representam a sagacidade, a inteligência, a perspicácia. Pelos olhos, o indivíduo é vigilante, cuidadoso, atento. Os olhos revelam sentimentos, são o espelho da alma.

As estrelas de onde a morte vem são brancas. Símbolo da pureza, o branco faz lembrar as escolhas de Cruz e Sousa (1861-1898) e de Azevedo. Se o poeta simbolista tinha obstinação pelo branco, o poeta romântico associava-o à palidez e à morbidez. Além de brancas, as estrelas são loucas e, por isso, “Trânsfugas de Deus”. Os dois adjetivos (brancas e loucas) podem revelar a passagem do espiritual para o sensorial, do sublime para o cotidiano, do apolíneo para o dionisíaco.

Embora a morte venha do etéreo, ela é esperada, pois é uma consequência inevitável da vida ou, como diria o próprio poeta em seu “Soneto de Fidelidade” (1987, p. 183), a morte é a “angústia de quem vive”, mas chega impressentida. O prefixo negativo *in-* em impressentida reforça a ideia da angústia pela impossibilidade de saber ou de pressentir quando chegará.

Os jogos lexicais com o uso dos prefixos são explorados pelo poeta em esperada/inesperada/desperada. A dupla negação em nunca inesperada espelha a afirmação esperada, cujo reforço provem da escolha do adjetivo grande (a grande esperada). O prefixo negativo *des-* em desesperada já traz a ideia da falta de esperança e, por isso, faz aflorar o

sentimento de aflição, principalmente quando a morte atinge os indivíduos pelos quais se tem um amor fraternal. O elemento *-cida* em *fratricida* recupera não só o morrer como também o matar: a morte mata. O poeta continua com os jogos lexicais que aparecem no fim do poema com as escolhas *morte/vida*. Em vez de paradoxal, Vinicius termina o poema afirmando que a morte faz parte da vida, está contida na vida; logo, matar a morte significa ter medo da vida. Sendo impossível, como diz Bakhtin, vivenciar o próprio nascimento e a própria morte, pela ausência de um enfoque axiológico desses momentos, só resta concordar com Vinicius e lamentar que os homens (ai, os homens) matam a morte por medo da vida. Na vida que vivencio por dentro não podem ser vivenciados os acontecimentos do meu nascimento e da minha morte; enquanto meus, o nascimento e a morte não podem tornar-se acontecimentos da minha própria vida. Aqui, como no caso da imagem externa, não se trata apenas da impossibilidade factual de vivenciar esses momentos, mas, antes de tudo, da ausência total de um enfoque axiológico substancial deles.

Na vida que vivencio por dentro não podem ser vivenciados os acontecimentos do meu nascimento e da minha morte; enquanto *meus*, o nascimento e a morte não podem tornar-se acontecimentos da minha própria vida. Aqui, como no caso da imagem externa, não se trata apenas da impossibilidade factual de vivenciar esses momentos mas, antes de tudo, da ausência total de um enfoque axiológico substancial deles (2003, p.95).

4 Mário Quintana: a morte serena

Uma princesa de contos de fadas, a quem o leitor do poema um dia despertará, é a morte na visão de Quintana em “A Morte é que Está Morta” (2010, p. 58).

A morte é que está morta
Ela é aquela Princesa Adormecida
no seu claro jazigo de cristal.
Aquele a quem, um dia - enfim - despertarás...
E o que esperavas ser teu suspiro final
é o teu primeiro beijo nupcial!

- Mas como é que eu te receava tanto
(no teu encantamento lhe dirás)
e como podes ser assim - tão bela?!
Nas tantas buscas, em que me perdi,
vejo que cada amor tinha um pouco de ti...
E ela, sorrindo, compassiva e calma:
- E tu, por que é que me chamavas Morte?

Eu sou, apenas, tua Alma...

Dedicado ao amigo morto José Régio, o poema caracteriza a morte como uma “Princesa Adormecida”. A intertextualidade com o conto de fadas Bela Adormecida, de Charles Perrault e dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, é evidente. A morte é vista como uma princesa, portanto, jovem e linda, diferentemente de todos os estereótipos conhecidos (caveira, esqueleto, ser sem rosto com capa preta e foice). A princesa adormecida representa a serenidade e a beleza.

A morte é associada à escuridão, e os túmulos são lugares sombrios e sinistros. A princesa-morte de Quintana está “no seu claro jazigo de cristal”. Há no texto a presença do jazigo como representação do lugar de repouso eterno, mas ele é claro, límpido, transparente, por ser de cristal. Deixa passar a luz do dia, afastando a escuridão.

Essa morte não é eterna, uma vez que despertará um dia. Tal como a princesa que furou seu dedo na roca e dormiu por cem anos, mantendo-se jovem e linda, a morte despertará de seu sono com um beijo nupcial. A anteposição suspiro final/beijo nupcial inverte a direção vida/morte. É a morte/vida que causa o encantamento do leitor e, se é vida, é bela. É essa bela que sorri, compassiva e calma, que se vê nos amores e nas buscas.

Para Quintana, a Morte é a Alma. Ela é leve, pura, bela, calma, sorridente e, por isso tudo, deve ser aceita.

Pode-se, com base nas escolhas lexicais do poeta, verificar a construção de um campo em que há apenas características positivas para a morte: Princesa, Alma, amor, beijo nupcial, claro, de cristal, bela, compassiva, calma, sorrindo.

Matar a morte e transformá-la em uma linda princesa é mudar o conceito de morte, fazendo vir à tona o desejo da imortalidade. As unidades lexicais associadas à morte vista como símbolo de dor e tristeza são substituídas por unidades lexicais associadas à vida e, daí, à claridade, à beleza, ao amor. Segundo Bakhtin (2003, p.101), a “alma é a imagem do conjunto de todo o efetivamente vivenciado”. Por essa razão, o postulado de imortalidade da alma associa-se, em relação a si mesmo, ao não apagamento de todos os propósitos da vida e, em relação ao outro, está associado à manutenção de sua imagem pela memória.

[...] o espírito é o conjunto de todas as significações do sentido, de todos os propósitos da vida, dos atos de procedência de mim mesmo...Do ponto de vista do autovivenciamento, convence intuitivamente a imortalidade semântica do espírito; do ponto de vista do vivenciamento do outro por mim, torna-se convincente o postulado da imortalidade da alma, ou seja, da determinidade interior do outro – da sua imagem interior (a memória).

Considerações finais

Chega-se ao fim deste capítulo em que se pretendeu analisar vários aspectos do tratamento da morte na poesia por meio do léxico. O recorte se fez necessário para que se pudesse, sem nenhuma pretensão de esgotar a pesquisa sobre o assunto, finalizar o que se escolheu aqui mostrar: algumas formas de análise do léxico no discurso literário.

Ao se estudar o léxico no discurso literário, pretendeu-se abordar a importância das escolhas e da criatividade lexical não só para a obtenção de efeitos expressivos, mas também para a análise da visão de mundo do escritor em um determinado contexto sócio-histórico. As escolhas lexicais revelam posicionamentos críticos em relação à sociedade e a questões existencialistas. Por trás do poema e das palavras estão escritores preocupados com o contexto em que se inserem; poetas que querem mostrar ao público sua ideologia e sua forma de pensar.

A morte, tema central de muitas obras literárias e também de inúmeros poemas, é vista pelos poetas de formas diferentes. Embora seja uma certeza, sua aceitação é sempre duvidosa. A morte aparece entremeada pela tristeza, pelo medo, pela angústia e por tantos outros sentimentos que trazem à tona a efemeridade da vida e o questionamento sobre a existência. Metaforizada e personificada, ela é vista como indesejada das gentes, como a mó que mói, mas também como princesa. As escolhas lexicais que representam o ideário da morte refletem tanto a dor pela perda da vida, quanto a integração da morte à vida. Mostram que é preciso um preparo psicológico e prático para encarar o fim e, se o fim da vida é certo, resta conformar-se e acreditar na imortalidade da alma. Nessa luta com as palavras em busca desses efeitos, os poetas surpreendem o leitor e mostram que por trás das impressões sensoriais e das representações imaginativas estão os conhecimentos armazenados na memória social.

Referências

- ANDRADE, C.D. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- MORAES, V. de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.
- QUINTANA, M. *Quintana de bolso*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Léxico e estilo: uma leitura da poesia amazônica de Paes Loureiro

Raphael Bessa Ferreira

Introdução

Nos textos literários é recorrente o artifício da criação neológica como recurso expressivo à poética de um autor. Não é à toa que nomes como James Joyce e Guimarães Rosa são exemplos unânimes quando se discute neologismo na prosa de ficção. *O Ulisses* e o *Grande sertão: veredas*, por exemplo, são obras que abarcam um trabalho com a experimentação da linguagem, demonstrando a criatividade desses escritores quanto à reinvenção de vocábulos no tecido textual, ampliando o repertório linguístico e construindo uma nova visão de língua e cultura.

A Dublin de Joyce e o sertão rosiano promovem ao leitor um contato não apenas com um procedimento de renovação da língua como também com a cultura ali ensejada. É quando o local, ou o regional, ultrapassa as barreiras linguísticas e as fronteiras geográficas para se tornar universal. Afinal, o léxico de uma comunidade linguística é espelho de uma cultura e revelador das tradições, crenças e modos de vida de um povo.

O mesmo não poderia ser diferente em relação ao gênero poema. Vielimir Khliébnikov, Vladimir Maiakóvski e Manuel de Barros são escritores que legaram à palavra um lugar de destaque em seus experimentos poéticos. Seja pela busca de uma linguagem “transracional”, como queriam os russos, ou pela retomada de uma essência da língua que pudesse transmitir o reino da “despalavra”, como almejava Manuel de Barros, o trabalho de criação de novas palavras no gênero poema torna-se elemento de fundamental relevância para se compreender a visão de mundo, a cultura, a língua que o autor intenta expressar em sua obra.

A criação neológica corrobora a conversão de eixos morfológicos e campos semânticos que acabam por tornar a palavra um elemento de alta poeticidade dentro do conjunto do poema, possivelmente mais do que na prosa, tendo em vista que este gênero usualmente se caracteriza pela representação de um tom mais próximo daquilo que se conhece como prosaico, enquanto àquele cabe maior liberdade, no que irá ser denominado de poético.

As discussões levantadas pela ciência da expressividade, a estilística, e pelos estudos da poética, ou do método formal russo, são ferramentas que auxiliam o leitor a interpretar e compreender que a criação neológica investe ao poema uma reorganização de cunho morfossemântico, capaz de renovar os sentidos da(s) base(s) por meio dos mais variados processos de formação, dando-lhes o aspecto de inovação.

A junção dos eixos morfológicos e semânticos presente no neologismo desenvolve certo aspecto poético no contexto do poema, que irá substituir o automatismo do significado da(s) base(s) pelo fenômeno do estranhamento; fator de destaque nos procedimentos de vitalidade e novidade próprios ao neologismo, o que os formalistas cunharam de literariedade, também chamada de literaturidade (*literaturnost*).

Os estudos de estilo e do material poético, quando agregados às pesquisas do léxico, são ferramentas indispensáveis ao estudioso da língua e da literatura no que tange à interpretação do material poético, da língua e da cultura que os engloba.

Sendo a obra literária constituída dos inúmeros recursos da língua, valendo-se destes para transgredir o uso formal e padronizado presente nas relações comunicativas cotidianizadas, nota-se que o escritor de poesia, com o seu sentimento transgressor, procura renovar a língua, buscando uma ruptura à tradição esquemática e automatizada existente na palavra em seu uso comum (CHKLOVSKI, 2013).

Tomando então a definição de estilo postulada por Pierre Guiraud (1978), que vê nas marcas da linguagem a expressão do pensamento do autor, pode-se dizer que as formas comunicativas de que o escritor se vale para exprimir sua visão de mundo e sua cosmovisão de língua marcam ao estilo uma fonte de efeitos retóricos e poéticos, com cargas de valores expressivos e impressivos; efeitos naturais, ligados à natureza linguística das formas; sons, forma, etimologia e estrutura; e os efeitos de evocação, provenientes da “associação dessas estruturas com as situações e os meios que as utilizam” (GUIRAUD, 1978, p.86).

Evidentemente que a essa noção de estilo devem ser acrescentadas as ideias de poeticidade dos teóricos do formalismo russo, que veem na poesia o uso desautomatizado da língua, que se mostra carregada de outras cargas de sentido que não as usuais e cotidianizadas pela prática comunicativa.

De modo a corroborar esses argumentos, realizarei uma leitura interpretativa da obra de João de Jesus Paes Loureiro pelo viés estilístico-lexical. Paes Loureiro é um poeta paraense que espelha nitidamente os elementos culturais e linguísticos da Amazônia em seus textos, no intuito de revelar um estilo que se mostra indissociável do conteúdo questionador daquela realidade e que problematiza o contexto sociocultural da região.

Ademais, analisarei ainda as ocorrências de neologismos de cunho semântico ligado ao contexto amazônico presentes no *corpus* poético de algumas das produções deste autor, destacando os processos de formação de novas palavras por meio de derivação sufixal, prefixal e também por junção de bases em compostos. Tais técnicas utilizadas pelo autor demarcam seu estilo de se exprimir, conclamando ao material poético a precedência da forma sobre o

conteúdo, ou quando, no plano expressivo da poesia, são elencadas as potencialidades dos recursos da língua e da criatividade na escolha de palavras do léxico.

1 O léxico amazônica na poesia loureiriana

Como neste trabalho serão analisadas as marcas expressivas das criações neológicas vistas na poesia de Paes Loureiro, nada mais evidente do que constatar como a expressão do indivíduo (o autor) tem relação com o coletivo (a realidade linguístico-cultural da Amazônia). A partir disso, encontra-se ainda na estilística lexical outra ferramenta de grande valia à pesquisa aqui empreendida, visto que esta área dos estudos do Estilo oferece suporte para se analisar os mecanismos de formação e função de novas palavras na poesia, demonstrando como a renovação do léxico resulta em associações expressivas não só com a língua, mas também com a mentalidade do falante que a utiliza.

Assim, estima-se que, ao se levantar e analisar o valor das palavras que dialogam com o contexto amazônico expressas na poesia de Paes Loureiro, se tenha noção dos traços recorrentes e definidores de seu estilo. Afinal, os traços linguísticos que expressam valores nacionais no conteúdo do poema são caracteres reveladores do estilo de um autor.

Esse circuito língua-cultura enseja à criação lexical uma organicidade que passa a motivar sentidos poéticos característicos. Subjacente a isso, é, de fato, pelo léxico de uma língua que “se reiteram, se transformam, se mantêm, se sustentam os modelos mentais, os sistemas de valores, os recortes culturais, os pontos de vista e as práticas de um grupo sociocultural” (CARDOSO, 2013, p.10), o que, não menos, investe à expressão artística uma relação de equivalência entre matéria e forma e entre língua e cultura.

Os poemas escolhidos revelam uma preocupação do autor para com a realidade amazônica, seja em seu viés cultural, político, histórico, social e econômico. Exemplo disso pode ser visto no poema “Busquei”, do livro *Água da Fonte*:

Busquei no olho d'água
a primeira palavra
e a língua represada em sua fonte.

Busquei no canto
em língua submerso
o verso essencial.

Só o poema resgata
em líquidos abismos
a primeira palavra
o peso do passado
e todos os tesouros de fonemas
que a jusante sepulta pela foz.

No leito do poema
 encantarias brotam das palavras
 quando o rio se põe a cantar. (PAES LOUREIRO, 2008, p.155)

Neste poema, são evidenciadas as discussões poéticas do autor sobre o rio, elemento que compõe não apenas a temática de sua poesia, como também enseja reflexões da relação existente entre forma e conteúdo, de modo que dialoguem entre si no poema.

O enunciador se coloca em contato com o mundo amazônico, com a natureza e a paisagem da região, mesclando a esta visão paradisíaca certo tom metalinguístico, visto que o poeta procura a palavra “encantada”. O “verso essencial”, submerso na língua encantada; é também a “primeira palavra”, ainda “represada em sua fonte”, momento primordial ao poeta, que busca “no olho d’água” encontrar os “tesouros de fonemas”. Ou seja, o autor, diga-se, poetiza o que há de amazônico no contexto do poema de modo que ele também emprega no poema certa amazonicidade.

O conteúdo dos versos discute o contexto local, assim como o plano da expressão faz reverberar as malhas hídricas dos rios da região, que se mostram nos versos dispersos no espaço gráfico da página (com estrofes quebradas e dispostas à esquerda e à direita sem padrão de agrupamento formal), e discutindo a encantaria da linguagem que é o trato da palavra na poesia.

De modo a dar conta de uma poética que expressa uma amazonicidade, o autor, por exemplo, constrói seus poemas utilizando formatos que reiterem a carga estética do universo descrito ali. Não por acaso, a desagregação espacial dos versos de seus poemas constitui a desagregação da própria língua nas relações conflituosas entre a cultura do caboclo e do ribeirinho ante as imposições culturais do explorador do capital, assim como se assemelham ao movimento das ondas, das marés e das cheias e vazantes dos rios amazônicos, em versos deslocados pela página como se fossem canoas.

Por isso que o rio, símbolo da paisagem amazônica por excelência, é motivo de elucubrações por parte do autor:

O próprio homem da terra, ao penetrar no emaranhado dos rios – que se interligam, se estreitam, se alargam, mudam de cores e profundidades, exibem e escondem perigos – desse mundo que parece não ter fim, se dá conta do real enquanto uma vaga forma de imensidão que se confunde com o imaginário (PAES LOUREIRO, 2015, p.115).

A técnica empregada no poema reflete o estilo do escritor, que se vale das noções poéticas para enfatizar um projeto questionador da própria linguagem poetizada, o que acaba

por constituir uma obra de formato labiríntico – como os rios e a vegetação amazônica –, na expansão da poesia em si. Ultrapassamento que desarticula as palavras (neologismos), a sintaxe (recortes) e a própria matéria sonora (ecos, aliterações e esquemas rítmicos).

Oh! solidão de mulheres
como silêncios na várzea,
penetram remos de tédio
na baixa-maré da vida... (PAES LOUREIRO, 2001, p.16)

A oscilante movimentação das marés, que sobem e descem, é metaforicamente equivalente aos sentimentos da vida, a “baixa-maré” é um termo náutico que designa a ação de esvaziamento da maré nos rios ou nos mares (“maré baixa” ou “baixa-mar”, como indica o dicionário Aurélio, 2009). Na Amazônia é comum o uso da variante “vazante”. Contudo, em tom especializado, como um termo mesmo, a baixa-maré, segundo o Houaiss (2009), indica ainda o estado mutatis mutandis entre o período de queda do nível da água e posterior aumento do nível da água da maré, salientando-se ainda a ocorrência do fenômeno em seu último período de esvaziamento. Essa constatação cíclica e móvel da baixa-maré e do nível de água no rio, em seu esvaziamento, incide ao leitor a representação de um estado de solidão no qual o eu-lírico do poema se encontra, no silêncio natural da floresta à beira do rio. A paisagem amazônica se metamorfoseia no estado de espírito do enunciador.

A frequência ou repetição de significados, quando aliados ao formato poético, constitui parte do núcleo que o intérprete do texto poético deverá analisar ao longo da produção de um autor. De outro modo, salienta-se que a junção entre forma e conteúdo revela não apenas o estilo do escritor, como também define os principais temas, recorrências, variações e procedimentos com os quais o artesão da palavra se vê às voltas durante sua lavra.

Em “Pronto-atendimento”, por exemplo, o autor se vale da descrição do grande ser folclórico das águas amazônicas, a serpente lendária que habita os rios da região, destruindo embarcações (AULETE, 2007), a boiúna, de modo a retratar a própria linha do verso, cujo encadeamento lógico na sequência da leitura do poema permite ao leitor tal inferência, qual fosse a linha/verso uma parte constitutiva do ser mítico, assim como do todo constitutivo do poema, já que os versos mostram-se sinuosos, serpenteando a página em movimento ziguezagueante:

Nas vísceras dos versos
que presságios?
[...]
vértebra de boiúna deslendada
[...]

(Sangues circundam versos.
 O latido das dúvidas ecoa
 em becos, búzios, almas devolutas.
 Onde lavar agora sua semente?
 Raízes sem memória da terra
 orfãs de árvores.
 Terra queimada
 terra de gritos
 cinzas
 raízes de soluços e somentes.
 Cocar em chamas
 o sol arde a memória
 ra selva transtornada
 - reino sem caminho para os vivos.)
 (PAES LOUREIRO, 2015a, p.248-249)

O resultado desse virtuosismo estilístico comporta a descrição do cenário amazônico. Técnicas de montagem gráfico-espacial que se tornam sincréticas com os elementos prosódicos e melódicos da língua, dando uma dimensão sagrada à palavra, em igual conflito ao que já não mais é lenda, mas deslenda.

No poema “A história luminosa e triste do Cobra Norato”, há a presença da palavra de origem tupi “pororoca”, poro'roka, que significa “estrondo” ou “estourar; o barulho de águas que se encontram, estourando” (BUENO, 2013). Devido ao seu caráter fortemente cultural, tal palavra, hoje adotada pela área da geografia, dificilmente encontrará em línguas outras a mesma carga conceitual agregadora de “estrondo”, “grande onda” e “efeito destruidor” (cf. HOUAISS, 2009; AURÉLIO, 2009). A serpente mítica passeia pela enxurrada de palavras, sílabas, fonemas e versos do poema:

O rio enchia e vazava,
 pororoca, baixa-mar
 e Cobranorato não
 sabia outro pensar. (PAES LOUREIRO, 2000a, p.57)

“Pororoca”, palavra cuja origem indígena e primitiva, corresponde ao fenômeno da “elevação das águas”, que, para o amazônica, ganha proporções de vislumbre não somente pelo enorme tamanho da onda ou ao estrondo que ela provoca nos rios da região, como também alude ao encontro entre águas distintas (a fluvial e a oceânica), assim como as grandes proporções do Cobranorato, que, nas lendas amazônicas, é filho da serpente Boiúna com uma indígena, e causa pânico e temor nos moradores ribeirinhos por justamente ser um dos seres encantados da região .

Após a leitura atenta das marcas expressivas ligadas ao plano lexical, das quais Paes Loureiro se vale em suas obras, constata-se que o autor possui um estilo de escrita de poesia

ligado ao contexto linguístico e cultural da região amazônica. Palavras intimamente oriundas do universo cultural do caboclo, do ribeirinho e dos demais seres viventes daquele contexto, são traçadas nos versos de forma poética, recriando suas significações e imputando-os de uma carga estética própria, necessária à simulação mimética daquela realidade:

É um rosto hipotecado
triste-rosto
por onde pescadores e posseiros
tapuios e boiúnas olham o tempo... (PAES LOUREIRO, 2015b, p.151)

Nos poemas pertencentes ao ciclo dos *Cantares Amazônicos*, por exemplo, são nítidos inúmeros processos estilísticos de criação morfológica. Tais recursos tornam-se eficazes na ampliação não só do campo lexical no qual o leitor irá adentrar, mas também na pluralidade possível de carga significativa de tais unidades lexicais. As novas unidades lexicais oriundas dos processos de composição e derivação demonstram parte de toda uma cosmovisão da realidade amazônica, seus indivíduos e sua cultura, e que se faz como ponto de referência ao estilo do autor, como no caso dos neologismos presentes no “Cântico III”, “maroceano” e “amazonar-se”:

Agora o peixe lento vai sozinho
e busca a foz,
o nada,
e descortina o mar
maroceano
mar do mar
e amazona-se nele
espuma
esperma... (PAES LOUREIRO, 2015c p.43)

Submetendo à língua uma densa carga de afetividade e de expressividade, Paes Loureiro insufla ao material poético uma busca pela inventividade da língua, seja em suas transformações morfológicas, nas polissemias ou mesmo na recriação de um mundo que se faz existente na arte da palavra, o “mundamazônico”⁹.

O estilo do autor, portanto, se pauta não somente pela incorporação de lexias de origem e uso recorrentes na região amazônica, mas pela tendência em explorar criativamente os recursos da língua. A “paisagem” literária criada a partir do repertório linguístico aponta a organização de toda uma operação de criação poética.

⁹ Neologismo criado pelo autor para expressar um conceito em que se revela a íntima relação entre o universo cultural amazônico com o mundo. Nas palavras do autor, “O mundamazônico é um mundo dentro do mundo. Não pode fugir aos conflitos daí decorrentes entre diversidade cultural, globalização, transculturalidade, pluriculturalismo” (PAES LOUREIRO, 2014, p.31)

Pode-se dizer, com isso, que a “linguagem-rio” que o poeta tanto aborda em sua obra representa a aliança entre o conteúdo temático de seus poemas com o formato poético de sua criação, ou com o acabamento do plano da expressão de seus poemas. A linguagem deixa ser usual, cotidianizada e comum para tornar-se encantada, mágica e preenchida com cargas semânticas diferenciadas, que inovam os sentidos questionadores da realidade amazônica, ganhando a aura de “linguagem-rio” por se espriar formalmente no poema, plano da expressão, ao mesmo tempo em que se metaforiza e se torna elemento de discussão da própria poesia, plano do conteúdo, convergindo no que se depreende ser característica do estilo do autor.

A simbiose homem/natureza, poeta/poesia e prosaico/poético funda uma visão estética sobre a Amazônia e tudo o que lhe é inerente: cultura, realidade social, histórica, econômica, etc. A integração entre essas visões dissipa os contrastes e faz emergir do artístico uma realidade “encantada”, ou que mostra ser portadora de uma encantaria da linguagem, em que o poético emerge do cotidiano do ribeirinho, do caboclo e dos demais sujeitos viventes na região. Daí o rio, imagem arquetípica desse *locus*, ser elemento imprescindível ao poeta em sua recriação da realidade pela criação de poesia.

2 As criações lexicais na poesia de Paes Loureiro

Passemos então, nesse terceiro momento, a averiguar como a integração entre léxico, cultura e criação poética se imbricam no trabalho de Paes Loureiro por meio da criação de neologismos que expressam uma íntima relação do poeta, e da palavra na poesia, com a Amazônia. Começemos pelo processo de derivação.

Mais do que apenas consistir do acréscimo de um afixo à esquerda, à direita ou à esquerda-e-direita de um morfema lexical portador de significado (a base), de modo a criar-se nova unidade lexical, o processo de derivação, com o afixo (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2011), introduz, semanticamente, uma ideia acessória ao significado de um vocábulo (CÂMARA JR, 1978).

À base “legal”, por exemplo, pode ser acrescido o afixo *in-* (em sua forma assimilada *i-*), prefixo com carga negativa; *-mente*, afixo formador de advérbio; *-izar*, sufixo formador de verbo; e *-idade*, formador de substantivos; de modo que se possa gerar “ilegal”, “legalmente”, “legalizar”, “legalidade”, “ilegalidade”, “ilegalizar” e “ilegalmente”. Corresponde tal processo, portanto, às noções de que os afixos incidem à base ideias acessórias complementares, ou novas.

Os afixos prefixais têm, ainda, como marca, uma característica de separabilidade maior, representando, quando muito, um elemento de construção (mais) autônoma, ao contrário do que ocorre com os afixos sufixais, não autônomos e geralmente dependentes de um vocábulo

base para tomarem função na frase (GUILBERT, 1975). Devido a isso, facilmente o elemento prefixal pode ser depreendido de um vocábulo primitivo, destacando então uma palavra inteira e constituída de seu significado matriz, ou seja, à derivação prefixal geralmente não poderá ser atribuída a mudança de classe entre a palavra primitiva e a derivada, apesar de existirem casos atípicos, como em “ruga” (substantivo) e “antirruga” (adjetivo).

Derivado do latim *multus*, o prefixo *multi-* apresenta significado de “abundante, numeroso, em grandes quantidades (HOUAISS, 2009). Segundo Alves (2004), esse prefixo, juntamente a *hiper-* e *micro-*, perdeu parcialmente o seu significado primitivo para adquirir função semântica desempenhada pelos substantivos dos quais constituem forma reduzida. Daí Cunha e Cintra (1985) terem designado este elemento morfológico como pseudoprefixo, assim como Jordan e Manoliu (1972).

Sendo indicador quantitativo, o prefixo *multi-* destaca-se pela atribuição de valores intensificadores de grandeza, como em “multielétrico”, presente no poema “A história luminosa e triste de Cobra Norato”, em que se nota um valor semântico de monstruosidade consonante à capacidade energética, ou mesmo destruidora, que o agora mítico ser criado pelo homem, o maquinário explorador da floresta, encerra:

É monstro mais que bifronte
multielétrico. Pajés
não sabem carpir o medo
de tão sólida abusão. (PAES LOUREIRO, 2000a, p.62)

No mesmo poema o prefixo *multi-* aparece ainda como intensificador da base “aquecido”, de modo a ampliar o aspecto destrutivo que o mercúrio, ou os “metais”, provoca(m) nos ribeirinhos devido à presença frequente nas águas:

canaviais e boiúnas
agonizam entre fumaças
e metais multiaquecidos. (PAES LOUREIRO, 2000a, p.63)

Muito recorrente nas criações lexicais da língua portuguesa, a derivação sufixal, além de seu aspecto morfológico de unir um afixo à direita de uma base, provoca ainda a atribuição de uma “ideia acessória” à palavra-base, e, por vezes, a “alteração da classe gramatical desta” (ALVES, 2004, p.29), determinando-lhe a categoria de derivado (ALMEIDA; CORREIA, 2012).

Na poesia de Paes Loureiro encontra-se, dentre os neologismos ligados semanticamente ao rio Amazonas ou ao contexto amazônico, uma variedade de processos de formação de

palavras por sufixação. Em “Deslenda Narcísica do boto VII”, tem-se o que Almeida e Correia (2012, p.30) cunham de sufixação que visa a “adjetivações denominais”:

Em aquerônticas águas já banhado,
nas brenhas e confins (PAES LOUREIRO, 2015b, p.113)

O Aqueronte é o rio mitológico grego no qual, graças ao barqueiro Caronte, os mortos podiam realizar a travessia do mundo dos vivos para o mundo dos mortos. Sendo um dos afluentes do Estige, um dos rios gregos do Tártaro (a terra dos mortos), o Aqueronte é também conhecido por significar “rio do infortúnio”. Nos versos transcritos acima, a poesia de Paes Loureiro engloba aos rios amazônicos o aspecto trágico das águas míticas do Aqueronte graças ao acréscimo do sufixo *-ico*, elemento mórfico formador de adjetivos. Esse aspecto fúnebre que o neologismo dá ao rio sintetiza o que Lapa afirma provocar o sufixo no texto literário: “nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns sufixos” (LAPA, 1991, p.76).

Segundo Alves (2004, p.33) o sufixo *-ico* deriva ainda “adjetivos neológicos formadores de referências”. No poema “Ver-o-Peso” isto fica evidenciado na formação neológica de base oriunda também do universo mítico greco-romano:

Cunhantãs brotam dos rios suas graças afroditicas... (PAES LOUREIRO, 2000a, p.282)

Deusa da beleza e do amor, Afrodite inspirava aos seres humanos os sentimentos afetivos e sensuais ligados ao prazer. Nota-se que a criação neológica do verso, “afrodíticas”, semanticamente ligada aos anseios e volúpias da carne, referência tanto o substantivo “graças” quanto “Cunhantãs”, pois são esses seres femininos, ainda virgens, que provocam apetite sexual nos homens: “as cunhantãs que se transformam em raiz da priprioca cujo aroma enfeitiça todo mundo” (PAES LOUREIRO, 2015, p.209).

Já a criação de palavras pelo processo de composição apresenta uma divisão (ALMEIDA; CORREIA, 2012, p.52): “composição por justaposição” e “composição por aglutinação”. Esta diferencia-se daquela pela subordinação tônica e perda de elemento mórfico de uma das palavras constituintes. Na justaposição, permanece a integridade fônica dos constituintes, sem perdas ou cortes de suas partes mórficas, na qual dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal (CÂMARA JR, 1979, p.70).

Na poesia de Paes Loureiro é recorrente a criação de palavras formadas por bases referentes à água, rios, mares e igarapés. Sendo matéria movente, fluídica e fonte de uma experiência poética imaginativa, os neologismos que possuem tal base discutem sobre a metapoesia (ou o poema que dialoga consigo mesmo). Isso pode ser constatado nos compostos do tipo Substantivo +Substantivo, a exemplo:

O mito agora é medo e mais morte,
motor imóvel sobre a correnteza
do eterno verso-rio em preamar (PAES LOUREIRO, 2015c, p.92)

Tal interpretação é confirmada pelo próprio poeta, que afirma que o poema “faz emergir uma linguagem epifânica, do fundo das encantarias do rio da linguagem, tornando sua poeticidade dominante, realçando ‘a denominação poética’, fazendo o poema ou mito-poema inserir-se com significação própria no contexto circundante” (PAES LOUREIRO, 2002, p.116). Ainda quanto ao caráter poético das águas amazônicas, ou aquático da poética amazônica, Marilina Serra Pinto afirma que “Na paisagem amazônica, os rios são soberanos, e o domínio das águas sobre a terra demonstra o quanto o rio dita o ritmo de vida dos homens, que vivem sob seu regime. O rio é caminho, lugar de circulação, trocas, paisagens e miragens” (PINTO, 2012, p.157). Devido a este aspecto fluídico da vida, o poeta se torna artesão das águas e se vale desse tom devaneante da natureza para criar seu artesanato poético.

Outra reflexão metalinguística que o poeta faz de seu instrumento artístico via criação lexical ocorre na obra *Romanceiro do Quem São Eles*, no qual o neologismo “barco-poema” expressa valores e características pertencentes ao habitual transporte fluviomarinho amazônico, o barco, no propósito de capturar uma essência amazônica (ou poética amazônica) da criação estética do autor, o tom devaneante que cinge uma *poiesis* transportadora de sentimentos e sensações íntimas do eu-lírico:

Na etapa desta viagem
o barco-poema aporta,
carregado de saudades,
no porto do coração. (PAES LOUREIRO, 2013, p.67)

Pode-se dizer que a composição “barco-poema” reflete a realidade da Amazônia no que ela possui de mais íntimo em sua paisagem natural: os barcos e sua relação com os rios. Em conversão simbólica, o barco, que é também poema, representa o meio de locomoção do amazônida que vive à beira dos rios. Além disso, constitui ainda elemento estético de valiosa estima aos ribeirinhos, visto ser um objeto criado artesanalmente (como um poema), ao qual

são agregadas as dimensões de convivência cotidiana da região: locomoção ao trabalho, estudo, procissão religiosa, festas culturais, transporte funerário, etc. No barco há o encontro do ser com a natureza, que o devora, em assimilação correspondente ao texto literário, que convida o leitor a uma viagem. Para Paes Loureiro, o barco constitui a identificação com a paisagem natural e a ideal, com a física e a cultural. Além de provocar uma espécie de aderência física, moral e estética à terra, emoldura um sentimento pessoal e coletivo de felicidade. Não se confunde com a simples contemplação passageira que encanta o viajante. É componente de uma essencialidade ontológica necessária, profunda, vital e quase instintiva. Concorre mesmo para a afirmação de sentido existencial, permitindo o paradoxo de ultrapassamento de uma relação circunstancial para se tornar uma experiência cósmica (PAES LOUREIRO, 2015, p.190).

À semelhança de uma metapoesia, que entrevê uma reflexão da própria criação poética, a obra de Paes Loureiro frequentemente retoma elementos aquáticos, ou ligados à vastidão das águas dos rios amazônicos, para representar a realidade de sua poesia, tanto no sentido literário quanto extraliterário. Acerca disto, o autor assim se pronuncia:

Recorrendo à tópica da linguagem-rio, penso que, tanto no mito quanto no poema, se opera o mesmo fenômeno maravilhoso-maravilhante do poético, como sendo uma espécie encantaria submersa na linguagem, capaz de emergir como brusco jorrar iluminante, impregnado de um novo, o tão antigo e usual sentido das palavras (PAES LOUREIRO, 2000c, p. 323).

Matéria fluídica, como as águas do rio, a prática poética do autor mimetiza-se ao ambiente vasto e infinito próprio de uma região em que as águas abundam – as águas do rio Amazonas chegam a medir quase 7.000 mil quilômetros de extensão -, e mesclam-se ao *ethos* do ribeirinho, do caboclo e do canoeiro, condutor da vida das águas do sonho e do poético, e não menos do poeta, artesão que se vale de uma sensibilidade estética ao recriar seu universo real. Viajante imóvel, o caboclo ribeirinho “Navega em busca das origens pelo devaneio” (PAES LOUREIRO, 2000b, p.364).

O uso de bases providas de significados intertextuais mostra-se uma constante na poesia de Paes Loureiro. Além dos neologismos formados por palavras ligadas a entidades míticas, a personagens literários ou a símbolos religiosos, tem-se ainda o registro de elementos constituídos pela junção de bases de teor histórico, não raro pertencentes ao imaginário heroico de um passado glorioso da região amazônica. Prova são os neologismos presentes no “Cântico XIV”:

O musculoso rio
cabano insano

é desumano em seu destino humano.

Rio-Angelim

Rio-Ajuricaba

Rio-Guaimiaba (PAES LOUREIRO, 2015c, p.63)

Nesse poema, verifica-se a presença de três nomes representativos da história social e da cultura combativa do estado do Pará. A começar pela figura de Eduardo Angelim, “Rio-Angelim”, emblemático político engajado na luta pela independência da província do Grão Pará na revolta conhecida como movimento Cabano, ou Cabanagem. Angelim, líder dos cabanos, ganha relevo histórico, por ter sido preso e exilado durante o processo revolucionário (RICCI, 2006). A inventividade do neologismo decorre da bravura e do senso de justiça que o nome da figura histórica de Angelim conota ao rio Amazonas, um vero “cabano insano”.

Por seu turno, Ajuricaba, líder da tribo dos Manaos, é símbolo da resistência indígena contra os portugueses que invadiam e exploravam as terras e as populações indígenas da região onde se localiza o estado do Amazonas (LEITE, 1950). Ajuricaba, em tentativa de evitar a escravidão e submissão aos colonizadores, afoga-se nas águas do rio em célebre ato de suicídio marcado pelo heroísmo. Mais uma vez o senso de bravura e de heroísmo marca a segunda criação neológica formada por composição no poema.

Também personalidade histórica, desta vez pertencente ao levante dos Tupinambás, o cacique Guaimiaba, líder daquela tribo, enfrentou a colonização portuguesa nas terras da Santa Maria de Belém do Grão Pará (atual Belém) na segunda década dos idos de 1600 (ALVES FILHO, 2001). Guaimiaba é considerado mártir da luta indígena contra a escravização e dominação lusitana naquela região. Em sentido contínuo e crescente, as três figuras históricas, líderes revolucionários permeados pelo senso de heroísmo e de libertação, transferem à imagem do Amazonas sentidos virtuosos de comportamento exemplar face às adversidades beligerantes envolvidas.

Dois neologismos compostos por Substantivo + Verbo são vistos na poesia de Paes Loureiro possuindo como base substantiva a palavra “rio”, tendo o intuito de expressar a mobilidade das águas graças à junção desta base a verbos.

No primeiro caso, em “Deslenda narcísica do boto V”, “riover” exprime a sensação totalizadora que o rio ocasiona na natureza, que, devido a abrangência de suas águas nas vidas das pessoas, parece observar a tudo e a todos:

Com minha multidão de olhos
vejo o rio
e, mais do que riover, vejo-me
nele que passa a correr entre barrancos,
meu destino... (PAES LOUREIRO, 2015b, p.137)

O poeta compactua com as águas do rio por meio da visão, do olhar, percorrendo com os olhos a geografia da região, traçada pelo movimento sinuoso e reentrante do rio, que “passa a correr entre barrancos”.

Já em “Rio em frente”, o “rio” mescla-se à forma verbal reflexiva do verbo “ir”:

Ah! Esse rio-ir-se da linguagem
nas águas hoje escarro de oferendas
purulentas lendas
verminosos mitos. (PAES LOUREIRO, 2015c p.254)

A linguagem da poesia é móvel, nunca estanque, o “rio-ir-se” projeta-se e proteja a palavra no papel, o encantamento da língua se mostra em toda a sua beleza: “purulentas lendas” e “verminosos mitos” fazem parte deste fluxo. A fluidez das águas e a imobilidade do ser, segundo a filosofia de Heráclito, conjugam ao poético a existência e o tom vívido que se faz presente durante a leitura.

Considerações finais

A análise das criações lexicais de Paes Loureiro comprova a estreita relação entre língua, criação poética e cultura. Os artifícios poéticos empregados por Paes Loureiro revela sua visão de mundo e de poesia, prova da manifestação do imaginário amazônico em constante estetização no seu trabalho de ourivesaria.

O enfoque dado aqui corresponde a um diálogo das áreas de estudo da lexicologia, do estilo (a estilística) e da poética, conjugados de modo a dar o suporte interpretativo adequado e abrangente quanto aos modos poéticos do autor em expressar sua visão de língua e cultura.

Um dos meus objetivos no texto era justamente o de averiguar não somente as unidades lexicais cujo conteúdo fosse a realidade amazônica expressa nos poemas –fossem elas de cunho social, político, geográfico, econômico, cultural ou linguístico –, como também analisar de que forma os neologismos criados pelo autor mantinham relação com tais conteúdos. Demonstrei como o poeta, pelo plano do léxico, recria a Amazônia de forma questionadora, mas não menos poética, ensejando particularidades que marcam o seu estilo.

Ao necessitar optar pela escolha de uma palavra, frase ou quaisquer outros recursos da língua (seja fônico, morfológico, sintático ou semântico), o que o poeta pratica é uma operação estilística que tem o intuito de exprimir uma visão sobre a língua, a poesia e a cultura ali imbuída. Para isso, o leitor deve compreender como o estilo do autor se alinha ao meios e procedimentos linguísticos expressos nas obras poéticas.

Referências

- ALMEIDA, Gladis M. de Barcellos; CORREIA, Margarita; *et al.* *Neologia em Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- ALVES FILHO, Armando dos Santos. *Pontos de História da Amazônia - vol I*. Belém: Paka-Tatu, 2001.
- AULETE, Caldas. *Minidicionário Aulete da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BUENO, Silveira. *Vocabulário Tupi-guarani/Português*. 8° ed. São Paulo: Vidalivros, 2013.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CARDOSO, Elis de Almeida. *Drummond – um criador de palavras*. São Paulo: Annablume, 2013.
- CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. TODOROV, Tzvetan. *Teoria da Literatura: textos dos formalistas russos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.83-108.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.
- GUILBERT, Louis. *La Créativité Lexicale*. Paris: Larousse, 1975
- GUIRAUD, Pierre. *A Estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2009.
- IORDAN, Iorgun; MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística románica*. Madrid: Gredos, 1972.
- KOCH, Ingedore Villaça; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. de. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez, 2011.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil – Tomos de I à X*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Água da Fonte*. São Paulo: Escrituras, 2008.
- _____. Altar em Chamas. In: *Cantares Amazônicos*. Belém: Cultural Brasil, 2015a. p.226-363.
- _____. A Poesia como Encantaria da Linguagem. *Elementos de Estética*. Belém: EDUFPA, 2002. p.107-120.
- _____. As Encantarias. In: *Obras reunidas II*. São Paulo: Escrituras, 2000a. p.23-66.
- _____. *Cultura Amazônica – uma poética do imaginário*. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- _____. Deslendário. In: *Cantares Amazônicos*. Belém: Cultural Brasil, 2015b. p.110-217.

_____. Meditação Devaneante. In: *Obras Reunidas – Teatros e Ensaio*s. São Paulo: Escrituras, 2000b. 357-368.

_____. Mundamazônico – do local ao global. *Revista Sentidos da Cultura*. Belém: EDUEPA, 2014, p.31-40.

_____. Mitopoéticas e Imaginário. In: *Obras Reunidas – Teatros e Ensaio*s. São Paulo: Escrituras, 2000c. p.317-326.

_____. Porantim. In: *Cantares Amazônicos*. Belém: Cultural Brasil, 2015c. p.37-104.

_____. *Romanceiro do Quem São Eles*. Belém: Sagrada Família, 2013.

PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. *Cultura e Ontologia no mito da Cobra Encantada*. Manaus: EDUA, 2012.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, 2006, v. 11, p. 15-40.

Lisboa no fado: uma análise léxico-discursiva

Álvaro Antônio Caretta

Introdução

Neste capítulo, perceberemos que o enunciador da canção *Lisboa menina e moça*, por meio de uma seleção lexical específica, cria isotopias a fim de representar a cidade de Lisboa. Essa seleção privilegia elementos lexicais que representam lugares de Lisboa, vinculados a um discurso de tradição na representação da cidade. O enunciador também cria um efeito de sentido de personificação da cidade ao dialogar com ela e atribuir-lhe características humanas. Fazendo uso do relato dialogizado como tipo de discurso eleito para a construção textual, cria um envolvimento romântico e até sensual com a cidade, reforçando esse efeito de personificação. Esses aspectos serão por nós estudados neste texto em que procuraremos observar os elementos lexicais como conectores das relações discursivas, partindo do nível textual até alcançarmos o nível discursivo.

1 Aspectos teóricos

Como base teórica, trabalharemos com propostas relacionadas ao campo dos estudos discursivos. Fundamentalmente serão convocados os conceitos derivados da teoria dialógica do discurso. A fim de estudar o texto, trabalharemos com as teorias do Interacionismo Sociodiscursivo, compreendendo o fado como uma prática de linguagem manifestada em textos-canções multimodais constituídos pelos elementos linguístico e musical. Para darmos conta do estudo do tema da representação de Lisboa, trabalharemos com o conceito de isotopia temática, relacionado ao discurso que orienta a produção textual, compreendendo o léxico como um articulador das relações discursivas.

Segundo as teorias do Interacionismo Sociodiscursivo, os textos não podem ser compreendidos apenas como uma produção linguística, mas também como atividades de linguagem, nas quais o enunciador é conhecedor das condições de enunciação e do gênero textual que será trabalhado. Assim, essas atividades de linguagem organizadas em textos constituem a atividade social humana mediada pela linguagem.

Importante é conceber que a atividade de linguagem só é construída com a intervenção avaliativa do social, perceptível na produção de sentido textual, permitindo ao enunciador expressar suas intenções e avaliações do tema. A produção textual caracteriza-se por escolhas linguísticas, textuais e discursivas, desde o posicionamento sobre o tema, passando pela escolha

do gênero textual e chegando aos mecanismos linguísticos, entre eles a escolha lexical. Essas escolhas são também determinadas pelo uso, a fim de que os textos se adaptem às condições de comunicação.

A questão central a ser estudada neste texto, segundo a perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, é como as representações da cidade de Lisboa nos fados (enquanto representações mentais) tomam forma linguística e nessa medida (e só nessa medida) se deixam comunicar. Para análise da canção *Lisboa menina e moça*, realizaremos um percurso que vai do discurso ao texto. Partindo de elementos discursivos compreendidos dialogicamente, alcançaremos o texto, trabalhando sob o ponto de vista proposto por Bronckart, compreendendo os elementos discursivos como superestruturas e abordando a infraestrutura textual, destacando os elementos gramaticais e enunciativos. Para além, caminharemos ao nível semântico procurando definir o tema Lisboa no texto, perseguindo os conceitos de isotopias proposto por Rastier.

Esse percurso mostra-se pertinente, pois poderemos perceber desde os elementos discursivos até os elementos textuais em seu plano de conteúdo, as relações orientadas pelo elemento semântico, tomando o léxico como articulador das relações discursivas com o componente semântico textual. Se por um lado, trabalhar com teorias discursivas e textuais distintas exige um posicionamento consciente sobre os postulados dessas teorias, por outro permite o diálogo entre elas, compreendendo as suas possibilidades de análise.

A interdisciplinaridade é um dos princípios que norteiam esta análise. Para que possamos exercer esse princípio com método, propomos como orientador de nosso trabalho um percurso de análise do discurso ao texto, estabelecendo relações entre linhas teóricas que tratam do texto e do discurso.

Os estudos bakhtinianos nos permitem observar o aspecto dialógico dos enunciados, a Análise do Discurso (AD), as suas condições de produção, e o Interacionismo Sociodiscursivo, a textualização das ideias. Essas áreas, apesar de possuírem finalidades e campo de atuação bem definidos, convergem para os estudos discursivos e textuais

Tendo em vista a complexidade da comunicação linguística e o estágio de evolução em que se encontram as diversas linhas de pesquisa linguísticas, acreditamos que um modelo de análise do discurso ao texto, constituído sobre o princípio da intertextualidade entre essas correntes de estudo textuais e discursivos, seja uma estratégia eficiente não apenas pelo fato de essas diversas linhas teóricas da Linguística trabalharem com o mesmo objeto de estudo; mas também pelo fato de todas essas linhas, hoje, estarem conscientes de que a língua precisa ser compreendida em atividade, ou seja, no discurso.

Frente a esse contexto, o modelo de análise discursiva da canção que propomos é fundamentado no conceito da interdisciplinaridade entre as linhas de estudos discursivos. Esse modelo compreende a significação linguístico-musical como resultado de um processo discursivo.

Elaboramos um modelo de análise da canção organizado em três etapas: o discurso, a enunciação, o texto. No discurso, seguindo as propostas de Mikhail Bakhtin, são observadas as relações dialógicas constituintes dos enunciados, compreendidos como manifestações de um determinado gênero discursivo. Na enunciação, trabalhamos com o conceito de posicionamento enunciativo, proposto por Maingueneau. A enunciação é compreendida como uma cena elaborada por um enunciador que assume um ethos, posicionando-se, então, no interdiscurso. Na textualidade, trabalhamos com as propostas do Interacionismo Sociodiscursivo, compreendendo as operações de textualização das ideias. Conscientes da especificidade de cada uma dessas disciplinas, de suas potencialidades, mas também de suas limitações, propusemos um modelo de análise discursiva da canção fundamentado na interdisciplinaridade que, frente às diversas faces do texto, apresenta-se como uma estratégia produtiva para o estudo discursivo dos textos, particularmente da canção.

Dessa forma, por meio desse modelo baseado em um percurso analítico do discurso ao texto, orientado pelo princípio dialógico da linguagem, tomando as teorias da Análise do Discurso para observar o posicionamento interdiscursivo dos enunciadores e do Interacionismo Sociodiscursivo para compreender os processos de textualização, pretendemos estudar a representação da cidade de Lisboa no fado *Lisboa menina e moça*.

2 O fado e Lisboa

Estilo típico da cultura musical portuguesa, o fado possui uma história bastante rica e características bem marcantes. Suas origens são controversas, havendo diversas teses sobre o seu surgimento. Desde os consagrados estudos de Tinhorão (1994), defensor da tese de que o fado teve suas origens no Brasil, outros pesquisadores atribuem-lhe origens nos cancioneros medievais, nos lamentos dos marinheiros saudosos da terra natal, nas tascas dos bairros boêmios e até no cantar árabe durante a conquista moura (NERY, 2004). Como nosso objetivo neste texto não é discutir a origem do fado - que em nossa opinião passa por todas essas propostas - nos limitaremos a adotar um posicionamento que seja coerente com a análise discursiva que realizaremos da canção *Lisboa menina e moça* e da representação de Lisboa no fado, nosso objetivo principal.

Dessa forma, focaremos na atividade social fadista no universo boêmio de Lisboa, particularmente no Bairro Alto, na Alfama e na Mouraria, lugares que aparecem

recorrentemente representados nas letras de fado. Delimitando o objeto de estudo, nos preocupamos com a representação de Lisboa no fado. Nesse tema, observamos que os traços particulares dessa representação são primeiramente a representação de Lisboa como mulher. Em acordo com Casarini (2012), entendemos que o fado trabalha com a tradição. Assim, compreendemos o fado como uma atividade musical advinda dos bairros boêmios de Lisboa.

Entre os diversos temas cantados nos fados, como a saudade e o amor, a cidade de Lisboa é um dos preferidos pelos fadistas. Lisboa é representada frequentemente sob o ponto de vista da tradição, ou seja, a Lisboa antiga, e sempre valorizando suas características positivas.

(...) outro aspecto que se revela nos fados sobre Lisboa: a tradição. O fado, seja o seu tema a cidade ou qualquer outro, quase sempre fala do passado, de profissões que não mais existem (como a varina), de uma vida antiga, das navegações, das touradas (CASARINI, 2012, p. 179).

Além disso, segundo o mesmo autor, é bastante comum também a personificação de Lisboa. Porém o aspecto que destacamos aqui é a representação de Lisboa como mulher, visto que essa representação envolve as outras duas, ou seja, observaremos a exaltação de Lisboa personificada como uma mulher.

Esses elementos serão estudados nesse trabalho do ponto de vista discursivo. Dando enfoque à questão do léxico, visto ser o tema deste capítulo, também daremos ênfase ao estudo da letra. Mesmo entendendo que as canções e, claro, também o fado, são textos multimodais, formadas por dois elementos, a letra e a música, daremos maior atenção à letra. Entretanto, como a letra está intrinsecamente relacionada à música, em alguns pontos faremos referência ao aspecto musical, particularmente à compatibilidade entre a letra e a melodia ou à estrutura cancional. Entretanto, não faremos uma análise dos aspectos musicais, como a instrumentação, a interpretação ou até mesmo um estudo completo da progressão melódica em compatibilidade com a letra. Como dito e enfatizado, a nossa preocupação é com o elemento lexical, logo, com a letra. Assim, também não exploraremos a interpretação, elemento bastante importante na atividade fadista. Essa escolha metodológica se dá devido às limitações do tema de estudo, mas também ao espaço disponível para o desenvolvimento deste capítulo.

3 As faces de Lisboa no fado

Para análise, selecionamos a canção *Lisboa Menina e Moça*. Esse fado bastante famoso, gravado originalmente por Carlos do Carmo, é um dos que, entre muitos, representam a cidade de Lisboa. Escolhemos particularmente este não somente por sua popularidade, mas também

pela sua produtividade, ao possibilitar explorar os aspectos que pretendemos desenvolver nessa análise.

Lisboa Menina e Moça (1976)
Ary dos Santos e Paulo de Carvalho

No Castelo ponho um cotovelo
Em Alfama descanso o olhar
E assim desfaço o novelo de azul e mar
À Ribeira eu encosto a cabeça
Almofada da cama do Tejo
Com lençóis bordados à pressa na cambraia dum beijo

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que os meus olhos vêm tão pura
Teus seios são as colinas varina
Pregão que me traz à porta ternura

Cidade a ponto-luz bordada
Toalha à beira-mar estendida
Lisboa menina e moça amada
Cidade mulher da minha vida

No Terreiro eu passo por ti
Mas na Graça eu vejo-te nua
Quando um pombo te olha, sorri, és mulher da rua

E no bairro mais alto do sonho
Ponho um fado que soube inventar
Aguardente de vida e medronho que me faz cantar

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que os meus olhos vêm tão pura
Teus seios são as colinas varina
Pregão que me traz à porta ternura

Cidade a ponto-luz bordada
Toalha à beira-mar estendida
Lisboa menina e moça amada
Cidade mulher da minha vida

Lisboa no meu amor deitada
Cidade por minhas mãos despida
Lisboa menina e moça amada
Cidade mulher da minha vida

Esse fado apresenta uma exaltação a Lisboa. Por meio da personificação, o enunciador expõe um percurso de seu olhar sobre a cidade, posicionando-se espacialmente: *No Castelo ponho um cotovelo*.

Essa posição em que o enunciador se instala, o Castelo de São Jorge, um dos pontos mais altos de Lisboa e também um dos lugares mais antigos da cidade, é bastante privilegiada para

explicar o seu olhar descritivo. O uso do elemento lexical *Castelo* remete a um universo discursivo que recupera a fundação da cidade de Lisboa, visto que a cidade se originou nas fortalezas do Castelo, ativando, assim, a função do léxico como um conector das relações discursivas, no caso históricas.

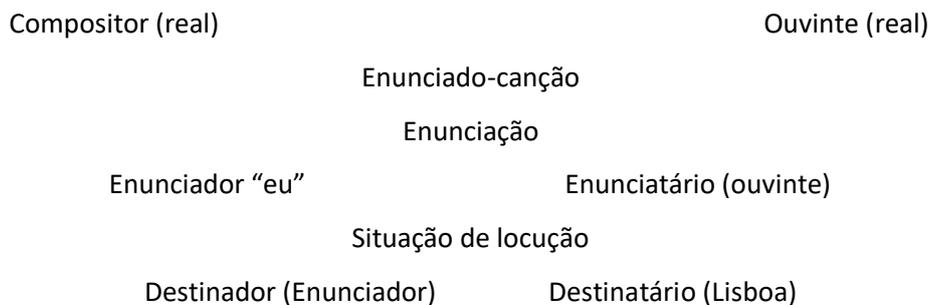
Além disso, essa escolha lexical instaura uma cena validada¹⁰ própria dos admiradores da cidade de Lisboa, pois é do Castelo que se tem uma das melhores e conhecidas vistas para se contemplar a beleza da cidade. A figura do Castelo inicia também a isotopia que o enunciador irá desenvolver no decorrer do texto sobre lugares tradicionais da cidade na composição de seu tema. Essa isotopia temática, que estudaremos no decorrer desta análise, seguindo as propostas de Gonçalves (2014) será textualizada por meio da apresentação dos bairros tradicionais de Lisboa.

Como podemos notar no verso seguinte da canção: *Em Alfama descanso o olhar*, o enunciador remete ao tradicional bairro da Alfama, um dos mais antigos de Lisboa, formado às costas do castelo, à época da ocupação árabe, que se estende pela colina por meio de tortuosas vielas e casas antigas. Sabe-se que esse foi um dos tradicionais redutos de formação do fado, cantado nas tascas populares e hoje um local de vida noturna com muitas casas de fado. Assim, o enunciador ao escolher esses elementos lexicais, *Castelo* e *Alfama*, tem a intenção de vincular a sua textualização a um universo discursivo dos lugares tradicionais de Lisboa.

O tipo de discurso escolhido pelo enunciador para textualizar o seu narrar foi o relato interativo. Coutinho (2014, p.128) mostra que na categoria do narrar, a temporalização enunciativa é caracterizada por uma disjunção entre a ação de linguagem e a textualização. Relacionando com o plano actorial, o relato interativo configura-se por uma operação de implicação, em que ocorre uma relação de conjunção entre o agente da linguagem e a enunciação. Linguisticamente, esse processo é textualizado com dêiticos de primeira pessoa e verbos no presente, criando um efeito textual de conjunção do enunciador com a cena do texto.

Para melhor compreendermos essas relações enunciativas que ocorrem neste fado, remetemos ao esquema que propusemos em Caretta (2013, p. 159) a respeito das relações de enunciação na canção popular brasileira:

¹⁰ Segundo a teoria da Análise do Discurso, na construção da cenografia, a cena validada é uma imagem cristalizada pelo uso recorrente, principalmente na mídia. No caso dessa canção, o Castelo é consagrado pelo discurso turístico de Lisboa.



O verso seguinte *E assim desfaço o novelo de azul e mar* traz a entonação de finalização da ideia linguística e musical. Ainda que aparentemente desvie da construção da isotopia dos bairros de Lisboa, a ideia de novelo será retomada à frente, na isotopia da cidade bordada. A figura do mar também é bastante significativa, pois Lisboa é uma cidade indissociável do discurso marítimo.

A seguir, o enunciador textualiza como topos a Ribeira, outro local tradicional de Lisboa, que se refere às margens do rio Tejo, onde termina o bairro da Alfama. *À Ribeira encosto a cabeça*. Assim, está desenhado, por meio desses elementos lexicais, o percurso visual do enunciador: inicia-se no Castelo, no alto, desce pelas encostas da Alfama e termina na Ribeira, à beira do Tejo. Além de um percurso visual, temos também um percurso histórico, visto que a cidade de Lisboa originou-se no Castelo, com o intuito de proteção contra os ataques dos mouros, e desenvolveu-se pela encosta até a beira do rio Tejo, quando as possibilidades de uma vida comercial já estavam asseguradas.

Um dos locais mais cantados nos fados lisboetas é o Tejo. Nesta canção ele aparece no verso: *Almofada da cama do Tejo*. Esse rio é uma imagem cristalizada da cidade de Lisboa, ou seja, outra cena validada, rico de referências no intertexto, que vincula o discurso do enunciador a esse conjunto de significados, particularmente neste texto compondo a isotopia dos lugares tradicionais e fundadores de Lisboa.

Nestes versos, o rio Tejo está associado ao tema do descanso, do repouso, ou seja, o tom que o enunciador escolhe para apresentar o seu enunciado já se mostra marcado pela tranquilidade, como se verá na sequência da canção. Esse ponto que destacamos aqui e desenvolveremos mais à frente é de grande importância, pois é através desse tom, que se caracterizará o modo de dizer do enunciador, que configurará o seu modo de ser, ou seja, o seu ethos. Cumpre notar que esse modo de dizer é um efeito de sentido que resulta da compatibilização entre os elementos linguísticos e melódicos, em verdade um modo de enunciar, que na canção é um modo de cantar.

Além dos elementos lexicais nominais, é importante verificar a escolha dos elementos verbais, como *descanso* e *encosto*, pois em seu narrar, textualizado como relato interativo pela

conjunção actorial, os elementos verbais conduzem uma isotopia importante, que caracterizará o estilo do enunciador, o seu modo de ser, por meio de seu fazer textual, logo o seu ethos.

Essa imagem do enunciador, como dissemos, é constituída também no componente melódico em que essa passionalidade é tratada de forma suave, sem explorar excessivas tensões melódicas, muitas vezes característica do fado que trata de disjunções amorosas, amores tristes e de saudades. Aqui prevalece uma conjunção com a cidade de Lisboa que orienta essa passionalidade eufórica. Marcado por um estilo passional, porém suave e em conjunção com a cena, o tom da enunciação é passional, porém relaxado, em que o enunciador está em repouso como mostram as figuras selecionadas por ele na representação da cena: *ponho o cotovelo, descanso o olhar, encosto a cabeça, almofada da cama*.

Essa conjunção com Lisboa vem figurativizada na metáfora do beijo: *Com lençóis bordados à pressa na cambraia de um beijo*. Figura da conjunção passional, o elemento lexical *beijo* é um produtivo conector de relações discursivas. Textualmente ele funciona como uma rima¹¹. Essa rima final no texto também é um fechamento da estrofe musical e do desenvolvimento cênico que o enunciador descreve nesta primeira estrofe. Discursivamente, ou melhor ainda, no intertexto, a unidade lexical *beijo* é uma das rimas mais usadas em fados quando fazem uso da unidade lexical *Tejo*. Esse dado é pertinente, pois na tradição do gênero musical fado, a reiteração de motivos, formas, temas e recursos é uma característica marcante.

Talvez sintoma disso seja o fato de o fado estar contido, cercado, em aproximadamente 100 melodias. Todas as letras de fado se encaixam numa delas, sendo que deve haver algumas dezenas que são aquelas que se ouvem normalmente nas tascas e agremiações. Assim, o repertório fadista acaba por ser restrito a essa barreira tradicional, a esse muro (CASARINI, 2011-12, p.182).

Em uma busca de rimas com a unidade lexical *Tejo* em outros fados, encontramos regularmente a unidade lexical *beijo*, além de outras menos regulares como *desejo*, *ensejo*, *vejo*, *revejo*. Entretanto a figura do *beijo* é a mais usada tendo em vista a isotopia amorosa e romântica vinculada na tradição poética portuguesa da relação passional entre Lisboa e o *Tejo*. Cabe ressaltar ainda a continuidade da isotopia da cama nas unidades lexicais *lençóis bordados* e *cambraia*.

A primeira parte da canção é composta, então, por dois tercetos que repetem a linha melódica explorando as figuras acima descritas. Após a apresentação da conjunção efetiva do

¹¹ Talvez imperfeita, mas note-se que em português de Portugal pronuncia-se “bejo”.

enunciador com o objeto-tema, a cidade de Lisboa, a presença do refrão consagra essa conjugação personificando a cidade na forma de mulher.

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que os meus olhos vêm tão pura
Teus seios são as colinas varina
Pregão que me traz à porta ternura

Cidade a ponto-luz bordada
Toalha à beira-mar estendida
Lisboa menina e moça amada
Cidade mulher da minha vida

Segundo Casarini (2012), a representação de Lisboa como mulher é uma das características dos fados que têm a cidade como tema. Esse recurso de textualização permite ao enunciador vincular-se no intertexto a uma tradição genérica presente na atividade de linguagem do fadista. Nessa passagem, o enunciador dirige-se a Lisboa, instaurando-se como destinador textual. Verifica-se, assim, que a cidade não é apenas o referente de que se fala, mas o próprio destinatário. Se por um lado isso contribui para o efeito de personificação, por outro estabelece a relação interativa textual do destinador (enunciador) e do destinatário (Lisboa), anulando o sincretismo do destinatário com o enunciatário subentendido. A relação do objeto com a figura da pureza, que remete à imagem da Lisboa menina aparece figurativizada na expressão *Da luz que os meus olhos vêm tão pura*, que traz o tema do amor romântico.

Na passagem *Teus seios são as colinas*, destacamos dois elementos lexicais: *seios* e *colinas*. Eles são responsáveis pela continuidade do processo de personificação responsável pela isotopia da Lisboa mulher, agora com um apelo de maior sensualidade. Ressalta-se a continuidade da presença de unidades lexicais no plano textual que representam figuras tradicionais de Lisboa, conectando-se com o discurso da tradição lisboeta, no caso a unidade *varina*. Sabe-se que *varina* é uma figura própria da cultura lisboeta. Trata-se das vendedoras de peixe que eram bastante frequentes na zona da ribeira do Tejo. Além disso, novamente o autor faz uso de uma rima tradicional no universo poético entre *colina* e *varina*. Ambas são elementos tradicionais de Lisboa, conhecida como a cidade das sete colinas. A rima entre ambas, associada à ideia dos seios da mulher, insere no texto a isotopia da sensualidade.

A unidade lexical *pregão*, que aparece a seguir em *Pregão que me traz à porta*, dá prosseguimento à isotopia dos elementos tradicionais da cidade de Lisboa. Os pregões das varinas¹² fazem parte do universo cultural discursivo da Lisboa antiga.

A ideia do bordado, um dos elementos do artesanato de Lisboa - já referida anteriormente neste texto - é textualizada agora com uma metáfora da cidade, representada como uma toalha vista do Castelo, bordada e iluminada: *Cidade a ponto-luz bordada / Toalha à beira-mar estendida*, fechando essa isotopia.

A cidade agora deixa de ser menina e passa a ser mulher, em virtude do tema da sensualidade somado à representação da cidade. Nesse ponto do refrão, é apresentado o envolvimento total do enunciador com o objeto por meio das unidades lexicais *Cidade, mulher e minha vida: Lisboa menina e moça amada / Cidade mulher da minha vida*, apresentando um maior envolvimento com o objeto-tema.

Na segunda parte da canção, o enunciador modifica o seu posicionamento espacial, deslocando-se agora desde a parte baixa da cidade até a parte alta. Ele se refere ao Terreiro do Paço, situado às margens do Tejo, tradicional local de Lisboa, antiga morada da corte portuguesa. Enfatiza-se aqui a referência direta à cidade *ti*, criando o efeito de diálogo, instaurando Lisboa como destinatário. Isso promove a personificação da cidade. *No Terreiro eu passo por ti / Mas na Graça eu vejo-te nua*.

Em seu itinerário passional por Lisboa, o enunciador chega ao bairro da Graça, outro ponto tradicional da cidade no qual há um mirador, o Mirador da Graça, de onde se tem uma grande e bela vista, inclusive do próprio Castelo de São Jorge. O enunciador retoma a isotopia da sensualidade por meio da unidade lexical *nua*, advinda da descortinada visão que se tem da cidade a partir desse miradouro.

Quando um pombo te olha, sorri / És mulher da rua. Novamente o enunciador, por meio do dêitico pessoal de segunda pessoa, dirige-se à cidade personificando-a, entretanto o tratamento dado a ela é como *mulher da rua*. Temos, então, outra Lisboa, uma mulher das ruas a quem até os próprios *pombos* dirigiriam sorrisos. Há, dessa forma, uma transformação dessa mulher de uma menina pura em uma mulher das ruas.

Aproveitando a sequência dessa nova isotopia, o enunciador insere um novo local de Lisboa: o Bairro Alto. Tradicional bairro de Lisboa, um dos locais onde o fado se desenvolveu, o Bairro Alto traz em seu imaginário a vida noturna de boêmios, fadistas e prostitutas. Nesse contexto, o enunciador desenvolve a última isotopia em que realiza um exercício metalinguístico

¹² Oh viva da costa / Olha a sardinha, é vivinha da costa / Há carapau e sardinha linda / Há Carapau fresquinho, olha o carapau para o gato. Ó freguesa desça abaixo / Ó freguesa leve um quarteirão, é fresquinha a minha sardinha / Tenho Chicharro lindo, carapau pescada fina.

do fadista boêmio levado ao sonho pela embriaguez. *E no bairro mais alto do sonho / Ponho um fado que soube inventar / Aguardente de vida e medronho / que me faz cantar.*

Para finalizar a canção, a seguir o enunciador retoma o refrão, porém nesta repetição final, em uma extensão do percurso melódico e linguístico, o enunciador confirma a isotopia da sensualidade que gradativamente veio apresentando as diversas facetas de Lisboa como menina, moça, mulher, mulher da rua e finalmente amante. As unidades lexicais *deitada* e *despida*, que inserem o tema da intimidade sexual, são os elementos lexicais responsáveis por essa nova faceta da Cidade de Lisboa.

Lisboa no meu amor deitada
Cidade por minhas mãos despida
Lisboa menina e moça amada
Cidade mulher da minha vida

Por fim, convém observar um elemento muito importante para a textualização: o tom da enunciação. Ainda que não tivéssemos o intuito de realizar uma análise musical desta canção, é fundamental comentar alguns aspectos sobre a compatibilidade da letra com a melodia. Percebemos no decorrer da análise que o enunciador está em conjunção total com o seu objeto, no caso, a cidade de Lisboa. Isso lhe possibilita desenvolver uma melodia passional, mas não tensiva. O tom de sua enunciação é suave, sem conflitos. Se o enunciador estende a duração dos elementos melódicos é para viver mais intensamente esse estado de satisfação com a observação da cidade de Lisboa e sua representação em um fado. Como dissemos, esse aspecto é fundamental, pois ele determinará o ethos do enunciador como romântico, realizado, satisfeito, pleno e passional. Esse efeito de sentido criado pela enunciação ocorre por meio de um modo de dizer do enunciador, ou seja, como ele estabelece a textualização dos elementos linguísticos em compatibilidade com os elementos musicais.

Considerações finais

A canção *Lisboa menina e moça*, é exemplo da representação de Lisboa no fado. Ainda que partamos do texto propriamente dito para a análise, é preciso, para que se compreenda a sua significação, lançar-se ao discurso. Dessa forma, inicialmente, segundo as teorias do Interacionismo Sociodiscursivo, o fado é compreendido como uma prática social, uma prática de linguagem, exercida por meio de textos, como essa canção, constituída pelos elementos linguístico e musical.

Assim, toda composição que se intitula como fado é regida pelas normas dessa prática social que tem no fadista o seu grande agente. Além disso, no interdiscurso do fado, que é regido

pelo dialogismo discursivo, certos temas são consagrados, ou seja, são tradicionais, como cantar a cidade de Lisboa. Para darmos conta do estudo textual e discursivo da representação de Lisboa nessa canção, utilizamos o conceito de isotopia temática, relacionado a esse interdiscurso que orienta a produção textual.

A questão nuclear que trabalhamos neste capítulo é como as representações da cidade de Lisboa nos fados (enquanto representações mentais) assumem forma linguística, textual e discursiva. Para a realização da análise da canção *Lisboa menina e moça*, percorreremos um percurso que vai do discurso ao texto. A produção textual caracteriza-se por escolhas linguísticas, desde o posicionamento sobre o tema, passando pela escolha do gênero textual e chegando aos mecanismos linguísticos, entre eles a escolha lexical.

Nessa canção, o enunciador privilegiou a textualização por meio de uma exaltação da cidade de Lisboa personificada como uma mulher, sempre valorizando suas características positivas. Por meio de uma observação minuciosa da seleção lexical compreendemos o roteiro traçado pelo enunciador vinculado ao discurso tradicional do fado e comprometido com a intenção de mostrar as várias facetas de Lisboa, desde menina, passando a mulher e amante. Esse percurso é apresentado por um cantar passional e relaxado por meio do qual o enunciador apresenta o seu modo de dizer romântico. A estratégia de análise léxico-discursiva que elegemos para estudar essa canção permitiu-nos, dessa forma, observar em destaque a função do léxico como um articulador das relações discursivas.

Referências

- BRONCKART, J. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha, São Paulo, Educ, 1999.
- CARETTA, Álvaro Antônio. *Estudo dialógico discursivo da canção popular brasileira*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.
- CASARINI, M. Lisboa menina e moça: A personificação da cidade nas letras de fado. 2012. Tese Doutorado.
- CASARINI, M. “Cidade -mulher da minha vida”: a personificação de Lisboa nas letras de fado. In: Forma Breve – Conto Interpolado (Ciclo de Contos). Aveiro, Editora Universidade de Aveiro, 2011-2012.
- COUTINHO, A. Uma noção, duas análises, algumas comparações. In: *O universal e o particular: uma vida a comparar*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.
- GONÇALVES, M. e TEIXEIRA, C. A análise temática de textos: entre o interacionismo e a semântica textual. Estudos Linguísticos nº 9, Lisboa: CLUNL-UNL, 2014.
- NERY, Ruy vieira. *Para uma história do fado*. Lisboa: Público, Comunicação social, 2004.
- TINHORÃO, J. R. *O fado: dança do Brasil, cantar de Lisboa*. Lisboa: Caminho, 1994.

Os cruzamentos vocabulares nas propagandas da Hortifruti

*Alessandra Ferreira Ignez
Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa Ferreira*

Introdução

O léxico de uma língua é um sistema aberto que participa de um processo dinâmico de renovação. Ele reúne a codificação de um saber partilhado, representando o modo como a comunidade linguística compreende e estrutura os fatos da realidade. “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 2001, p.13). A lexemização traduz um desejo de entendimento do mundo, que, segundo Barbosa (1981, p.129), só se torna possível por intermédio de códigos. Portanto, o homem gera informação, mas somente o faz mediante uso de linguagem codificada. Como o mundo muda constantemente, o léxico, de forma correlata, é renovado, acompanhando e registrando, assim, essas transformações. Muitos neologismos surgem para atuar nesse sentido, contribuindo para a expansão do sistema. Não se deve esquecer, no entanto, que outras unidades lexicais caem em desuso pelo fato de não atenderem mais às necessidades comunicativas dos falantes. Entende-se que tanto um processo quanto o outro constituem formas de renovação lexical.

O uso do léxico é feito por todos e efetiva-se por meio de enunciados concretos moldados dentro de um gênero textual, que está vinculado a uma determinada esfera discursiva. O falante escolhe o que falar, como falar e o gênero por meio do qual falar, tentando ajustar suas escolhas a seu propósito de comunicação, procurando, com isso, obter sucesso. Os gêneros textuais, assim, são escolhidos pelos usuários da língua para veicular discursos que apresentam intuítos variados. As palavras, por sua vez, tendem a conformar-se com o estilo do gênero, sua função social, bem como com as intenções ou necessidades daquele que formula o enunciado.

Alguns gêneros não permitem que as escolhas sejam tão livres, pois pressupõem um uso mais padronizado da linguagem, não deixando patente um estilo próprio de seu autor. No entanto, outros são mais aptos a um estilo individual, a usos criativos e afetivos da língua, tais como os gêneros artísticos e os da publicidade. As palavras compõem qualquer discurso, sendo a seleção de cada uma delas e o seu arranjo com outras unidades lexicais elementos motores para a produção de sentido dentro de um determinado contexto.

Os gêneros artísticos e publicitários, como dito, revelam criatividade discursiva, e trabalhos voltados a eles tendem a render considerações relevantes sobre usos lexicais, pois,

em alguns casos, encontram-se o inesperado, rupturas, criações que deixam observar potencialidades de renovação lexical. Tendo isso como pressuposto, este trabalho foca as criações lexicais – em específico os cruzamentos vocabulares - em campanhas publicitárias de uma rede de hortifrutigranjeiro – Hortifruti. A análise desses usos será realizada a partir de uma perspectiva léxico-discursiva, valendo-se dos estudos lexicais, bem como dos estilísticos e enunciativos.

1 O discurso publicitário

Em alguns domínios comunicativos, a persuasão, o convencimento, a adesão não são alcançados por meio de um discurso baseado em argumentos consistentes, racionais, mas por meio de estratégias discursivas que recorrem à afetividade, ao desejo, ao humor, à quebra de expectativa. Esse é o caso da publicidade.

O discurso publicitário, tal qual os gêneros artísticos, busca expressividade por meio do uso da linguagem. Com o emprego da língua combinado, frequentemente, com elementos não verbais, pretende provocar efeitos de sentido inusitados para o contexto discursivo em que ocorre. O largo uso da função apelativa da linguagem tendo como característica uma mensagem e/ou uma ordem dirigidas diretamente a um “tu” tem aberto espaço para um discurso mais criativo, que lança mão, não raro, da ambiguidade, da metáfora, das criações lexicais e da interdiscursividade para ter alcances estilísticos.

A criatividade linguístico-discursiva existente na publicidade está, por vezes, centrada na ruptura, na quebra de expectativas. As palavras, os discursos empregados parecem ter seus sentidos modificados e ampliados no contexto midiático. O modo de dizer, nesse universo, representa uma forma de persuasão. O humor, a sátira, os efeitos de sentido atingidos por meio da linguagem estão a serviço do criativo e do lúdico, que causam uma atitude responsiva por parte do interlocutor.

A linguagem publicitária faz um jogo com a função poética e com o apelo em suas formas variadas - não ficando presa ao uso explícito da segunda pessoa neste caso. De acordo com Sandmann (1993, p.27), “naturalmente, vender um produto ou uma ideia é função de toda linguagem da propaganda e não só quando a função apelativa se faz presente com suas marcas linguísticas típicas”. A linguagem criativa, assim, entra em cena como um elemento que irá contribuir para o convencimento do leitor e para a promoção de uma atitude, de um comportamento por parte dele.

A arte de persuadir faz com que o discurso publicitário também se aproxime, em certo ponto, do discurso retórico, valendo-se de estratégias para expressão. Sandmann (1993, p.12) afirma que “entendendo-se retórica como a arte de persuadir, de convencer e de levar à ação

por meio da palavra, é fácil ver que é esse também o papel da linguagem da propaganda”. O autor pondera, no entanto, que, diferentemente da retórica tradicional, a publicidade, a fim de atingir um número maior de pessoas e de prender a sua atenção, faz uso de uma linguagem mais coloquial associada à expressividade. Nesse ponto, apresenta características do discurso artístico. A coloquialidade e as transgressões buscam atingir o público.

O uso da linguagem no discurso publicitário, longe de seguir regras de bem dizer, trabalha sem fórmulas prontas. O contexto enunciativo é que pode indicar qual o uso mais impactante, aquele que causa mais estranhamento, que prende mais atenção. Pensando que a linguagem publicitária deseja alcançar efeitos de sentido por meio da expressão, torna-se um discurso que pode trazer trabalhos produtivos para as áreas da Lexicologia e da Estilística léxica.

Ao se fazer um trabalho voltado para a linguagem publicitária que envolva aspectos estilísticos, é possível pensar em explorar rupturas, plurissignificação, jogos de linguagem, interdiscursividade. Valente (2012, p.61), ao tecer considerações sobre interdiscursos existentes na propaganda, assinala que é profícuo associar o estudo linguístico ao enunciativo, procurando observar o diálogo estabelecido entre discursos e seus efeitos de sentido.

As análises das campanhas publicitárias da Hortifruti focarão, como dito, os cruzamentos vocabulares, considerando o contexto discursivo em que ocorrem, pois entende-se, aqui, que, no universo de discurso da propaganda, contribuem para a promoção de efeitos expressivos; com eles, é possível romper com o esperado, estabelecer diálogos entre discursos e ampliar sentidos.

Escolheu-se como base os estudos léxico-estilísticos, porque a Estilística procura compreender e descrever aspectos expressivos da língua e do discurso sem apresentar um caráter normativo. Debruça-se sobre o modo de dizer, examinando características linguísticas recorrentes em dados discursos, gêneros que possam conferir-lhes um caráter de individualidade, ou seja, traços de estilo. Por muito tempo, a Estilística manteve-se voltada somente para o estudo dos aspectos estilísticos e expressivos do enunciado, apresentando-se sob a forma tripartida de Estilística Fônica, Estilística Léxica e Estilística Sintática. Com o passar dos anos e com a influência dos estudos discursivos, principalmente dos de Bakhtin, observou-se a necessidade também de uma estilística centrada nos aspectos enunciativos, que não perdesse de vista a voz que enuncia, a relação e o diálogo estabelecidos com outras vozes, a situação e o contexto em que o enunciador produz seu enunciado. Ao espriar seus domínios, a Estilística passa a ampliar a lista de elementos estilísticos a serem analisados, sendo possível, portanto, dizer que é, por meio de elementos linguísticos e enunciativos, que se pode buscar uma subjetividade discursiva que se manifesta por meio do estilo.

De acordo com Micheletti (2012, p. 15-16),

A mudança de perspectiva analítica: do enunciado à enunciação (como um primeiro olhar) não põe à margem outros aspectos fundamentais desses estudos que consideram a materialidade linguística, aspectos de seleção tanto os relacionados aos estudos gramaticais e semânticos, mas trazem para o centro das preocupações questões que envolvem os contextos situacionais e os gêneros dos discursos nas diferentes esferas de produção.

Na esteira da autora, entende-se, neste trabalho, que o estudo enunciativo - que, dentre outros aspectos, compreende as escolhas operadas por um sujeito que enuncia a outros – não se dissocia de uma análise pautada na materialidade linguística, sobretudo, nos usos lexicais, uma vez que, por meio deles, é possível depreender o estilo, a expressividade de quem diz, o que diz e o contexto em que diz. Dessa forma, a Estilística léxica ou da palavra – segundo Martins (2000, p.71) – “estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais”. A mesma consideração sobre contexto se aplica aos elementos sonoros e sintáticos, na medida em que não podem ser desvinculados de uma circunstância de enunciação.

Associando, assim, os estudos lexicais aos estilísticos e enunciativos, procuraremos evidenciar de que forma as propagandas veiculadas pela rede Hortifruti atingem expressividade, evidenciando um uso criativo da língua. Em todas as propagandas, verificou-se a presença de interdiscursos estabelecidos por intermédio dos usos lexicais associados a elementos não verbais. Sublinhamos ser, por essa razão, necessário adotar uma perspectiva léxico-discursiva.

2 A natureza em cena

No site da empresa Hortifruti, informa-se que há algumas campanhas publicitárias realizadas pela MP Publicidade que divulgam seus produtos. Dentre elas: *Hollywood*, *Hortiflix*, *É de família*, *Mundo dos Sabores*, *Hortifruti é bom para você*, *Liga da Saúde*, *Cascas* e *Ritmos*. Boa parte dialoga com o mundo das celebridades: *Hollywood*, com os filmes americanos; *Hortiflix*, com filmes que podem ser acessados pelo Netflix; *Mundo dos Sabores*, com programas de televisão que tratam do mundo dos famosos, tal qual *Casa dos artistas*, veiculado pelo SBT, e *Mundo dos Famosos*, realizado pela Gazeta; *Ritmos*, com canções e cantores de sucesso; *Cascas*, com a revista Caras. Outras se voltam para a ideia de proteção: *Hortifruti é bom para você*, *É de família* e *Liga da Saúde*, evocando a última a Liga da Justiça, uma equipe de super-heróis criados pela editora americana DC Comic.

Entende-se que a natureza protege as pessoas de algum mal que possa lhes prejudicar a saúde, merecendo, assim, destaque.

3 Os cruzamentos vocabulares

Se, por um lado, criam-se novas palavras, a fim de que se supra uma necessidade denominativa e, conseqüentemente, amplie-se o léxico da língua, por outro, criam-se unidades lexicais, para que se atenda a propósitos expressivos e estilísticos. Estas, geralmente, ficam presas a um único discurso. (GUILBERT, 1975, P.40-43)

Um dos processos de formação mais produtivos na publicidade e no discurso literário é o cruzamento vocabular, que consiste na fusão de duas bases, não se tratando, porém, de uma composição, pois o neologismo resultante do cruzamento vocabular não precisa manter os radicais envolvidos no processo. Martins (2000, p.123) reforça que o cruzamento revela “criatividade, espírito, e sua força expressiva resulta da síntese dos significados e do inesperado da combinação. Prestam-se sobretudo à linguagem do humor, da brincadeira, mas em alguns casos podem ter um tom lírico até refinadamente estético”. Nas propagandas, em geral, possuem um tom humorístico, como afirma Sandmann (1992, p.59). Sempre é possível pensar na forma e no corte mais expressivos. No *corpus* selecionado, as criações têm um apelo para o humor, portanto as junções buscam o inesperado, o criativo para atingir o público.

A campanha *Liga da saúde* é a que mais apresenta cruzamentos vocabulares. Nela, são criados nomes para super-heróis / “superalimentos”: *Batatman, Thormate, Mulher Marerivilha, As Tartaruvras Ninja, Cajaspion, He-Manga, Champignonlin Colorado, Ovolverine*.

Em *Batatman, Thormate, Mulher Marerivilha* e *Tartaruvras Ninja*, ainda que se possa entender que se formam a partir de *bata*(~~ta~~) + (~~ba~~)*tman*, *Thor* + (~~to~~)*mate*, *Mulher Mar*(~~erivilha~~) + *ervilha* e *Tartaru*(~~gas~~) + *uvas*, é possível dizer também que uma unidade adentra-se na outra, gerando bastante expressividade com a incorporação e a fusão formais e semânticas. Consideremos alguns casos:



Fig. 1¹³

¹³ <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em: dez. 2018.

A aproximação sonora entre *batata* e *Batman* facilita o entendimento do jogo semântico realizado. A batata se torna, em parte, Batman, um super-herói que luta para vingar a morte de seus pais. O alimento, no caso, traz sua energia para a luta, que, nesse contexto, é contra a preguiça. Seria uma mescla dos poderes: a força de Batman e os poderes energéticos da batata. O cruzamento revela o surgimento de um novo super-herói.

O poder do alimento pode combater a preguiça, o que faz com que ganhe destaque. O léxico utilizado é o da violência: *vingar-se* e *vilão*. As duas unidades são utilizadas de modo metafórico. O substantivo *energia* também surge como elemento polissêmico: refere-se ao espírito de luta e, ao mesmo tempo, à energia obtida por meio do consumo do carboidrato.

A *preguiça* é a unidade lexical que, pertencendo ao universo semântico do bem-estar ou mal-estar, recupera, por analogia, a noção de saúde. O alimento em questão serve para combater esse inimigo. O jogo semântico é bastante expressivo.



Fig. 2¹⁴

Thor, deus do trovão, também é considerado deus da fertilidade e protetor dos agricultores. Tanto na mitologia quanto nos quadrinhos da Marvel Comics – que recupera o mito -, ele usa um cinto que lhe confere força suprema para, com seu martelo, lutar contra o mal. “Equipando” o tomate com um elmo e um martelo, a propaganda resgata, de modo interdiscursivo, a imagem do deus. A cor da fruta remete à da capa utilizada pelo guerreiro, além de sugerir a ideia de força.

O nome do super-herói – *Thormate* –, impresso no discurso, está diretamente associado à construção visual da propaganda, por dois motivos: a) semântico – a criação traduz a imagem: *Thormate* – o tomate que é como o deus Thor (forte, guerreiro) -, b) visual: as letras pontiagudas parecem reforçar a imagem central; o < t >, por exemplo, assemelha-se ao martelo; o < m >, ao elmo.

¹⁴ <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em: dez. 2018.

A chamada “O envelhecimento precoce vai sentir a força do trovão” traz mais elementos que recuperam o mito do deus nórdico: as unidades lexicais *força* e *trovão*. Além de estabelecerem um diálogo com a história desse deus, o substantivo *força* retoma de forma direta, e o *trovão*, de forma indireta, a ideia de que os alimentos são poderosos para o combate daquilo que pode prejudicar a saúde. O tomate, no caso, é conhecido por ser um antioxidante que combate o envelhecimento.

Trovão é um substantivo que pode levar o leitor a pensar em força, seja pelas conotações que apresenta, seja por sua massa sonora, sobretudo pelo /ãõ/ final. A criação *Thormate* está relacionada a todos esses elementos do discurso, alcançando expressividade.

Em *He-Manga*, *Cajaspion* e *Ovolverine*, há um segmento fonético comum entre as bases envolvidas, são exemplos de cruzamentos homófonos. A parte sonora final de uma base coincide com a inicial da outra. Há um corte para que não se repita esse segmento e para que a fusão ocorra. Nesses casos, diferentemente dos outros, não se percebe uma palavra adentrando na outra.

Na propaganda de *He-Manga*, são valorizados os poderes do superalimento: “*ele tem a força e várias vitaminas*”. O cruzamento vocabular recupera *He-man*, *alter ego* do Príncipe Adam, personagem de quadrinhos e de desenho animado. Na figura do herói, a personagem busca, no geral, combater Esqueleto, que engendra maldades contra o reino de Eternia e o Castelo de Grayskull.



Fig. 3¹⁵

A unidade lexical, por recuperação discursiva, eleva o alimento à condição de super-herói e está diretamente associada à imagem central: uma manga com armadura semelhante à da personagem do desenho e dos quadrinhos. A armadura de He-man traz uma cruz templária. Na propaganda, o símbolo é uma fruta, o que permite entender, no contexto enunciativo em que é empregado, que representa a força e o poder da alimentação.

¹⁵ <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em: dez. 2018.

A frase explica os poderes do super-herói criado – *Ele tem a força e várias vitaminas* – e retoma o discurso proferido pelo príncipe quando se transforma em herói: *Eu tenho a força*. A criação lexical, por meio do inusitado, da graça, da aproximação sonora contribui para o efeito de humor gerado.

Em todos os exemplos, os cruzamentos servem para associar alimentos à imagem de “superprotetores” da saúde, como a própria campanha afirma: “Aqui a natureza tem superpoderes.”.

Há também cruzamentos em propagandas que dialogam com títulos de filmes famosos (*maçãtrix*, *milhons* e *chuchurek*). Nos dois primeiros casos, pode-se entender que uma base adentra na outra e no terceiro, que uma base perde sua parte inicial.

A propaganda *Maçãtrix*, da série Hortifruti, dialoga com o filme *Matrix*, em que um sistema inteligente manipula a mente das pessoas, cria a ilusão de um mundo real, alimentando-se dos seres humanos. Há, assim, um duelo entre eles e as inteligências artificiais. Para sair do sistema Matrix, Morpheus – representante da resistência à dominação da Matrix - oferece a Neo – personagem principal que se une aos rebeldes- uma escolha : ou ingerir a pílula vermelha para conhecer a verdade e sair da *matrix* ou ingerir a pílula azul para permanecer como antes e se tornar eternamente escravo do sistema.

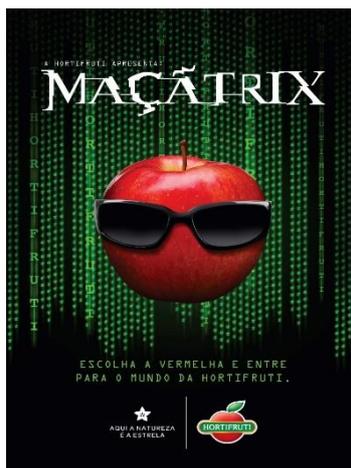


Fig. 4 ¹⁶

A imagem da maçã vermelha com os óculos pretos usados pelas pessoas dentro da matrix está em primeiro plano à frente da “chuva de códigos” verdes cuja decodificação será possível graças a essa fruta, que pode ser associada a Neo, o escolhido, herói dos rebeldes que se perceberá inserido numa realidade virtual. A *maçãtrix* remete, então, a Neo, à sua inteligência

¹⁶ <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em: dez. 2018.

e coragem, e à pílula vermelha, símbolo da verdade. Parece haver aí uma associação entre a maçã de Eva, personagem bíblica, símbolo do despertar para o conhecimento e a *maçãtrix* que ao incorporar Neo também carrega a ideia da descoberta da verdade.

Assim, a criação do cruzamento vocabular *maçãtrix* pode ser pensado a partir das bases *maçã* e *matrix*, ambas semanticamente geradoras da realidade, ambas responsáveis pelo início de tudo. Nessa criação, há uma redução, uma vez que uma das bases, perdeu a sua parte inicial. Para manter a coerência semântica com o contexto cinematográfico parece mais provável que na constituição dessa criação a base *maçã* tenha permanecido inteira e entrado na *matrix*, num verdadeiro intertexto metalinguístico com o filme. Se pensarmos que a parte significativa do signo retoma seu conteúdo, é possível falar em intrametalinguagem (IGNEZ, 2012, p.68).

Nas campanhas que envolvem produções cinematográficas, algumas propagandas recuperam o imaginário infantil, um universo lúdico, tal como a propaganda de chuchu:



Fig. 5¹⁷

A publicidade nos traz o *Chuchurek*, uma estrela da Hortifruti, que evoca o ogro Shrek do filme que recebe o mesmo nome da personagem citada. Trata-se de um ogro ranzinza, mas, ao mesmo, tempo, engraçado. É uma personagem de maus-modos, mas de bom coração. O filme pertence ao gênero fantasia e é dirigido ao público infantil.

No caso da propaganda, entende-se que o chuchu não é bonito, parece ser “ruim”, mas é legal e pode ser divertido ter uma refeição com ele. Ao dizer *De tão, tão distante, para a Hortifruti*, a propaganda recupera o nome de um reino existente no filme. Nele, várias personagens do imaginário infantil habitam. Sugere-se que o chuchu vem desse mundo mágico, encantado. O nome do reino já dialoga com várias histórias infantis que trazem *um reino muito, muito distante*; a propaganda, assim, não só dialoga com o filme, mas com todo um universo de leitura infantil.

¹⁷ <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em: dez. 2018.

Nesse caso, a formação lexical (chuchu + (~~S~~)rek) - que explora o humor - e o apelo para a afetividade podem desconstruir a imagem do chuchu como um “malvado” da alimentação. Uma base, nessa criação, perde a sua parte inicial.

A campanha *Mundo dos Sabores*, por sua vez, lança mão do valor evocativo de estrangeirismos.



Fig. 7¹⁸

Essa propaganda pertence à campanha *Mundo dos Sabores*, que parece evocar o nome de programas relacionados ao mundo dos famosos, o que está em consonância com a ideia de que a natureza é a estrela na Hortifruti. A campanha também busca explorar a diversidade de alimentos existentes no globo. No caso, a publicidade foca a couve chinesa, que evoca a imagem de um mestre chinês de *kung fu* com seu chapéu e seu bigode fino e longo.

A arte marcial chinesa, divulgada em vários filmes norte-americanos, é recuperada na fala de apresentação da couve: *Sou o mestle do kung food*. Visualmente, a couve é um mestre de kung fu, mas, para a Hortifruti, é o *mestle do kung food*. O cruzamento vocabular envolve uma palavra de origem chinesa e um estrangeirismo do inglês, *food*, que significa comida, alimento. A aproximação sonora facilita a construção e promove um efeito expressivo para o texto. O alimento pode ser considerado um mestre na arte da culinária. Além disso, a criação resgata a ideia de que a comida luta contra as doenças.

A escolha por *food* parece não só ser motivada pela sonoridade e pelo significado, mas também pela possibilidade de dar um ar estrangeiro à couve e ao enunciado. A alteração gráfica e conseqüentemente sonora de *mestre (mestle)* tenta imitar um uso típico de orientais ao falar Português. Todos esses elementos servem para evocar outras culturas e línguas, o que é pertinente para essa campanha.

¹⁸ <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em: dez. 2018.

Fig. 8¹⁹

A propaganda apresenta uma fala em Espanhol - *Soy un fan de Fernando Alhonso* - e outra em Português - *Alho espanhol e o mundo dos sabores*. A mescla linguística, novamente, promove um efeito evocativo.

O destaque é dado ao alho espanhol chamado *Fernando Alhonso*. A brincadeira se dá pelo fato de o cruzamento vocabular e a imagem fazerem referência ao automobilista espanhol de reconhecimento internacional Fernando Alonso. Na formação, a base *alho* adentra em *Alonso*. Com a criação, o alimento ganha status de celebridade. A propaganda recupera também a ideia de prestígio por meio da palavra *fan*.

Vale lembrar que esse alimento é muito caro aos atletas olímpicos. Existem registros de que os gregos o utilizavam para melhorar o desempenho físico em suas provas. Tendo também como base essa informação, pode-se interpretar que a escolha do alimento é bastante pertinente para o contexto dessa propaganda, que resgata a imagem de um atleta e, por conseguinte, de um esporte.

Na campanha *Ritmos*, brinca-se com o título da canção *Rebolation*. A propaganda apresenta um cruzamento vocabular: *repolhation*, em que uma base – *repolho* - adentra em outra - *rebolation*.

Fig. 9²⁰

¹⁹ <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em: dez. 2018.

²⁰ <http://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/>. Acesso em: dez. 2018.

A criação resgata a música intitulada *Rebolation*, de Parangolé, que trata de uma nova forma de dançar. No caso, *rebolation* segue a mesma fórmula de outras criações que se valem do sufixo inglês *-ation*: *enrolation*, *embromation*, *enganation*. Todas elas derivam de uma base verbal do português e concorrem com as formas vernáculas *enrolação*, *embromação* e *enganação*. A conotação, nesses últimos três casos, parece ser negativa, pois pressupõe logro. Porém, *rebolation* tem uma conotação positiva. O neologismo da música de referência faz uso de um afixo estrangeiro, ocorrendo uma sufixação. Como o sufixo empregado reforça a ideia de processo, por analogia, parece que a dança, o rebolado apresentam uma duração maior.

Na propaganda, não se trata de uma derivação sufixal, mas de uma cruzamento, em que *repolho* adentra em *rebolation*, promovendo um efeito cômico. Na imagem, os “veios” das folhas do repolho podem, metaforicamente, representar a “barriga tanquinho” do cantor da música de referência.

Nos exemplos vistos, os cruzamentos atuaram como elementos responsáveis pelo humor e pela expressividade.

Considerações finais

Este trabalho constatou que a expressividade presente nas propagandas da Hortifruti é acentuada pelos cruzamentos vocabulares. Em todos os casos, evidencia-se que as criações estabelecem uma relação com outros discursos, deixando ecoar outras vozes.

Com o estabelecimento de interdiscursos, os neologismos, obviamente associados aos textos não verbais, fazem com que sentidos sejam ampliados. As propagandas exigem que sejam ativados os conhecimentos prévios e a memória discursiva do leitor. Além disso, as semelhanças sonoras fazem com que o leitor seja remetido ao contexto de origem e perceba as criações como estratégia para a formulação de paródias.

Lançando mão de cruzamentos, busca-se, por meio da criatividade lexical, surpreender os leitores com as fusões, as combinações formais e semânticas inesperadas. O léxico, dessa forma, foi empregado com propósito de promover humor inteligente. Com humor, vende-se a ideia de que a natureza é a estrela e de que os alimentos têm superpoderes.

Referências

- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos dos neologismos*. São Paulo: Global, 1981.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande: COMPED, INEP, Editora UFMS, 2001.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

- IGNEZ, Alessandra Ferreira. *A expressividade das criações lexicais em Galáxias, de Haroldo de Campos*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: T.ª Queiroz, 2000.
- MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). *Estudos de discurso e estilo*. São Paulo: Terracota, 2012.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SANDMANN, Antônio José. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Contexto, 1993.
- VALENTE, André. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

Reflexões sobre a Boa Morte em um testamento de Luziânia-Goiás no século XVIII²¹

Vanessa Regina Duarte Xavier

Introdução

Boa morte, bem morrer: estas expressões remetem-nos ao seu oposto imediato, a saber, há formas de morrer consideradas ruins ou indesejáveis. Em que concepção religiosa e ideológica assenta-se este pressuposto? Como tal perspectiva, paradoxalmente, imbrica em formas de se viver ou de se conduzir a existência humana de modo a se garantir uma boa morte? Como vida e morte parecem tão entrelaçadas, quicá indissociáveis, embora aparentemente sejam opostas e até mesmo excludentes? São tais questionamentos o fio condutor do texto e que direcionarão nossa análise. Nesse sentido, pretende-se elucidar e problematizar a temática da boa morte, analisando-se o léxico de um testamento setecentista da Matriz de Santa Luzia-GO, região em que se localiza a atual cidade de Luziânia.

Na realização da pesquisa, inventariamos as lexias no documento, após efetuar a sua edição semidiplomática. Este recorte fez-se necessário consoante a grande extensão do códice. Para análise, selecionamos as lexias concernentes aos rituais *post-mortem*. Para este estudo, particularmente, apresentamos a edição semidiplomática de um testamento que constitui o *corpus*, embora esta não seja a espécie documental mais frequente no códice, o qual se compõe, principalmente, de registros de óbitos.

Na sequência, identificamos e analisamos algumas lexias e/ou expressões conforme a sua pertença a uma esfera semântica comum, concernente aos requisitos para uma boa morte. Trata-se, portanto, da análise dos ritos fúnebres evidenciados nos itens lexicais inventariados no *corpus*, a partir da conjuntura ideológica e social de Santa Luzia, atual cidade de Luziânia, na época referida, a qual tomará por base, sobretudo, a obra *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, de João José Reis (1991).

O *Vocabulário português & latino*, de Raphael Bluteau (1712-1728), e o *Glossário de religiosidade*, de Verônica Maria Meneses Nunes (2008), serão utilizados como principais fontes de consulta no intuito de elucidar as acepções das lexias, com base em seu uso no testamento em análise. Tais obras lexicográficas embasarão nossa análise e esclarecerão as lexias em estudo, fazendo-se indispensáveis, uma vez que uma grande parte delas já não é usada nos dias

²¹ Este estudo divulga resultados do nosso estágio pós-doutoral, cujo projeto intitulou-se *Rituais post mortem no Goiás setecentista: edição e estudo lexical de registros da matriz de Santa Luzia* (PNPD/CAPES; PMEL/UFG).

de hoje com as acepções encontradas no documento. Assim, as lexias mencionadas mantiveram-se em uso no léxico comum da língua, mas com outros sentidos.

Este estudo é parte da pesquisa intitulada *Rituais post mortem no Goiás setecentista: edição e estudo lexical de registros da matriz de Santa Luzia*, desenvolvida no estágio pós-doutoral, em uma parceria do PNPd (CAPES) com o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL-UFG). É nosso intuito, pois, esboçar elos entre léxico e cultura através da intersecção entre Filologia e Lexicologia, apresentando a edição de um testamento extraído do códice *Luziania Obitos Livro 01 1786-1814*, pertencente a uma Paróquia da cidade de Luziânia-Goiás. Desta feita, a análise lexical se fará de maneira contextualizada, de modo a demonstrar a relação semântica entre os itens e/ou expressões lexicais, tendo em vista nosso propósito de analisar o vocabulário não como um conjunto de itens isolados, mas sim como parte de uma estrutura mais ampla, em que eles se interligam, seja por contiguidade, seja por oposição semântica.

1 Concepções ideológicas em torno da morte em Luziânia nos setecentos

Uma análise lexical dos requisitos para uma boa morte interessa-nos à medida que compreendemos que “As palavras têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam”, como afirma Antunes (2012, p. 47). É nessa perspectiva que se assenta o presente trabalho, visto que percebemos a língua como o principal instrumento de interação humana, a qual inevitavelmente está inebriada de configurações históricas, sociais, culturais etc., as quais se revelam sobremaneira no léxico – o repertório de signos que o falante encontra à sua disposição nas mais diversas situações de comunicação.

Assim, concebendo-se o signo linguístico como ideológico, cumpre perceber que, conforme as mudanças atravessadas pela sociedade ao longo do tempo e, por conseguinte, por suas crenças, valores e costumes, o léxico sofre rearranjos, ainda que não no mesmo compasso e dimensão que aquelas. Portanto, embora não se possa falar em um paralelo absoluto entre sociedade, cultura e língua, a imbricação entre elas é inquestionável.

Como tal, admite-se que a análise lexical relativa aos rituais *post-mortem* ocorridos na Matriz de Santa Luzia-GO nos setecentos é capaz de desnudar concepções religiosas vigentes à época, que encontram ecos na percepção da morte na contemporaneidade, todavia com alterações significativas relacionadas ao propalado ideário de liberdade religiosa no Brasil atual. Desse ponto de vista, a análise lexical de registros de óbitos de outra localidade e/ou de outra época pode conduzir a reflexões distintas, porque o repertório ideológico não é sempre o mesmo; bem ao contrário, é dinâmico e acompanha, em certa medida, o curso da cultura e da sociedade.

Antes, porém, de partirmos para a análise do *corpus*, é preciso discernir o que era a morte em Santa Luzia-GO, nos setecentos. Ou seria melhor pensar nos seguintes termos: o que separa a morte da vida ou haveria que se falar em um *continuum* entre elas? Em que medida elas se entrecruzam e se explicam? Em sentido literal e objetivamente falando, a morte significa ausência de sinais vitais, isto é, de qualquer indício de vida. Mas esta concepção não alcança proficuamente a concepção de morte que prevalecia nos setecentos.

Considerando o contexto sociocultural em que os documentos em questão foram escritos, o período colonial brasileiro, tem-se o catolicismo como religião oficial. Prova disso são os registros de óbitos, que ficavam a cargo da Matriz de Santa Luzia à época e ainda hoje encontram-se sob a guarda de uma Paróquia de Luziânia. Estas informações mostram-se relevantes à análise porque trazem à baila a doutrina professada pela instituição responsável pela produção dos registros. De acordo com Faria (1998), citada por Lacet (2003, p. 17):

no Brasil colonial o registro da vida das pessoas passava pelo domínio do catolicismo. Os dogmas católicos deveriam ser aceitos ou, pelo menos, respeitados por todos, fossem escravos, livres ou forros, principalmente no que se referia ao respeito à celebração dos rituais.

Depreende-se disso que havia uma forte conexão entre a sociedade e a doutrina católica, ou seja, as manifestações culturais, sociais e religiosas passavam pelo crivo desta poderosa instituição. Tal era a amplitude do seu domínio que inclusive os escravos e forros muitas vezes precisavam abster-se dos cultos originariamente africanos para prestar homenagens aos santos católicos, haja vista ser-lhes igualmente comum o temor ante o *post-mortem*, assim como pelas consequências de um funeral e de um enterro indignos.

Diante desta concepção em torno da morte, escravos e forros encontravam na associação a irmandades religiosas uma maneira de assegurar o direito aos ritos fúnebres, que estavam frequentemente vinculados ao catolicismo, embora em geral eles não professassem esta doutrina. A esse respeito, Lacet (2003, p. 12-13) assevera que

entre as atividades desenvolvidas pelas irmandades, assegurar as pompas fúnebres constituía uma das mais importantes obrigações. Enterrar os mortos era colocado no mesmo nível de caridade que alimentar os famintos, abrigar os peregrinos, vestir os nus, visitar doentes e os encarcerados.

A assertiva acima põe em destaque a relevância que tinha à época o tratamento dado aos mortos, ou seja, era uma das questões centrais da doutrina católica, equiparando-se à caridade que se havia de ter para com doentes e encarcerados etc. Ademais, aos senhores de

escravos a sociedade atribuía o papel de impedir que seus escravos morressem pagãos, o qual era entendido, de modo geral, como um dever cristão.

Nesse contexto, é compreensível que Several pontue que “tornar-se católico era uma estratégia de incorporação ao mundo livre para negros e mulatos forros e também para os escravos” (2001, p. 1), porque, de modo geral, ser católico possibilitava-lhes pertencer ao rol dos homens, transpondo sua mera condição de coisa.

É sabido que a doutrina católica preconiza que à vida terrena sobrepõe-se outra vida, em outro plano, a qual somente pode ser alcançada através da morte. Nesse ponto, vida e morte são paradoxalmente equivalentes, porque o fim da vida terrena propiciaria o início de outra, desta vez eterna. Configura-se, pois, a antítese: morrer/(re)nascido. Outra crença bastante difundida refere-se ao fato de haver condicionamentos – relacionados ao modo como a vida terrena foi/é conduzida – para que esta segunda vida não seja sofrível, mas antes plena e livre de qualquer infortúnio.

Percebe-se, assim, a concepção da morte como uma transição para uma vida em outro plano; é a porta que se fecha para a primeira vida e que, simultaneamente, abre-se para dar acesso a outra, em outro plano. Nesse sentido, a morte deixa de ser caracterizada como não-vida e os limites entre uma e outra tornam-se tênues, porque a vida não deixa de existir, ela apenas apaga-se por um breve momento para tornar a acender-se, ainda mais forte e brilhante.

Diante disso, nota-se que a boa morte é regida pelas escolhas feitas pelas pessoas ao longo da sua existência terrena. Isso implica considerar os sacramentos recebidos pelo falecido, a mortalha escolhida por ele em vida, as condições do seu enterro, tais como o local destinado ao seu sepultamento, a quantidade de missas que deveriam ser rezadas pela sua alma e o modo pelo qual se daria o cortejo do seu corpo, dentre outros.

2 Dos requisitos para a boa morte em um testamento da Matriz de Santa Luzia-GO

Tendo em vista a finalidade de analisarem-se os requisitos para a boa morte a partir de manuscritos goianos setecentistas, mostra-se relevante delimitar conceitualmente a *boa morte*. De acordo com Reis (1991, p. 92),

A boa morte significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo, sem que ele prestasse contas aos que ficavam e também os instruisse sobre como dispor de seu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos. Um dos meios de se preparar, principalmente, mas não exclusivamente entre as pessoas mais abastadas, era redigir um testamento.

A definição disposta acima revela que a *boa morte* estava irremediavelmente ligada à sua preparação prévia. Mas como preparar-se para a morte? Como se poderia evitar que ela

ocorresse de maneira inesperada, sem que o morto tivesse tomado em vida as providências para que a morte não acarretasse consequências perniciosas?

O autor supracitado aponta como uma forma de preparar-se para a *boa morte* a elaboração de um testamento. Esta espécie documental não foi recorrente em meio aos registros de óbitos do códice em questão, aparecendo nele de maneira esparsa. O texto abaixo ilustra o caso de um testamento que consta na documentação em estudo, especificamente, no *recto* do fólio 19, o qual foi editado semidiplomaticamente:

Declaro que odito coronelloã Pereira Guimaraeñs, foi cazado com Dona Per=
 | petua Vas Guimaraeñs parda= | Determinou noSeu solemne Testamento
 oSeguinte | Que seo corpo fosseamortalhado em habito deSam Francisco, ou
 em ou= | tro qualquer em sua falta | Queas Irmandades doSantissimo, Almas,
 deNossasenhoradoRozario, eossacer= | dotes que seachassem
 oacompanhassem, elhedicessem Missa decorpo presente | e cadahum
 [[hum]] oitavario deMissas ao Mor previgiliado daesmola | costumada __ |
 Que seo Parocho lhedicesse tres Missas: aprimeira a inefavel charidade |
 comque Deos sefez homem, ehade ser aprimeira Missa do Natal: aSegun= |
 da agrandeagonia que oSenhor sentio no horto, ehade ser ade quarta | feira
 detrevas com aPaixaõ deSamLucas: ea terceira a grande aGo= | nia que
 omeofilho deDeos sentio quando espirou, | ehade ser aMissa | coñua
 daPaixaõ deesmola dehua oitava cadahuã | Que seo Testamenteiro
 lhemandasse dizer neste Arrayal quatroCappellas | deMissas deesmola
 costumada pela sua alma | Mais oito capellas deesmola de trezentos, e[v]inte
 nacidade da Bahia, ouRio | delaneiro pelas almas deseos Pais, eescravos, e
 quatro por sua alma | E mais naõ seContinha no seo solemneTestamento
 pertencente ao Pio | desua alma; e para constar fiz este assento// | O Vigario
TimotheoCorrea deToledo

Analisando-se o excerto acima, arrolaram-se as seguintes lexias correlacionadas aos ritos fúnebres associados aos requisitos para uma boa morte: *ser amortalhado* (em hábito de São Francisco), *dizer missa de corpo presente*, *ser acompanhado pelas Irmandades* (do Santíssimo, das Almas, de Nossa Senhora do Rosário) *e pelos sacerdotes* (que se achassem presentes), *dizer oitavário de missas*, *dizer capelas de missas de esmola costumada*.

Nota-se, em uma observação geral sobre as lexias acima listadas, que há uma notável preocupação do testador com a salvação da sua alma, visto a primazia de lexias referentes às missas que deveriam ser rezadas após a sua morte, em quantidade, valor e data especificadas por ele, ficando a cargo do testamenteiro por ele instituído o cumprimento da sua última vontade.

Consultando as lexias no dicionário de Bluteau (1712-1728), por datar-se de época próxima à escrita do documento, e no glossário de termos religiosos de Nunes (2008), cremos obter um aparato fidedigno para sua análise. Com isso, pretende-se elucidar alguns conceitos que possam gerar dúvidas ao consulente deste trabalho, haja vista que nos dias de hoje algumas

lexias deixaram de ser usadas nas acepções empregadas no documento, como é o caso de *capela de missa, esmola e oitavário de missa*.

Assim, em Bluteau (1712-1728, p. 121-122), encontramos a lexia *capela* no sentido empregado no testamento em estudo, vale dizer, de “Fazenda, que o Testador deixa com obrigação de Missas. Instituição, que avincula certa parte das rendas a encargos de obras pias, como Missas, &c. & obriga os sucessores, & herdeiros à satisfação dos dittos encargos”. Com base no autor, poderíamos dizer que tal lexia referia-se a uma quantia ou aos bens destinados ao pagamento de missas e outras chamadas “obras pias” em oração à sua alma, segundo determinação do testador aos seus herdeiros e/ou testamentário.

Nunes (2008), de modo semelhante, distribuiu a lexia *capela de missas*, juntamente com *oitavário*, no tema *Atos litúrgicos*, definindo-a como “Lote de cinquenta missas celebradas do 1º dia do falecimento ao 50º dia do sepultamento” (NUNES, 2008, p. 36).

Assim, o coronel João Pereira Guimarães, testador do documento analisado, determinava que fossem rezadas pela sua alma, “neste Arrayal quatro Cappellas | de Missas de esmola costumada”, o que correspondia, de acordo com a acepção exposta acima, a um total de duzentas missas. Além disso, solicitava a realização de “oito capellas de esmola de trezentos, e [v]inte nacidade da Bahia, ou Rio | delaneiro pelas almas deseos Pais, e escravos, e quatro por sua alma”, ou seja, requeria a execução do dobro da quantidade de missas destinadas à sua alma, alterando-se, contudo, a região, que do Arrayal passou às cidades da Bahia e do Rio de Janeiro, e a intenção das mesmas, desta vez pelas almas de seus pais e escravos. Neste excerto, chamam-nos a atenção as missas dedicadas às almas dos escravos do dito coronel. Seria fruto de algum arrependimento, possivelmente por castigos imputados a eles? Teriam os prováveis castigos ocasionado a morte dos mesmos e, por isso, rezar por sua alma?

Certamente, não há uma resposta conclusiva para estas questões, com base apenas no testamento referido. Apesar disso, avultam os questionamentos acima, por ser fato amplamente conhecido que os escravos foram severa e constantemente castigados por seus senhores, de modo geral. Por outro lado, no testamento em estudo, o pedido por capelas de missas em prol da alma de entes queridos, neste caso dos pais do testador, não causa nenhum estranhamento, enquanto que as destinadas aos escravos geram a dúvida: seria uma mera penalização pela situação dos escravos devido à proximidade da morte ou o arrependimento por algum mal a eles ocasionado?

No que tange à lexia *oitavário*, em Bluteau (1712-1728, p. 51) deparamo-nos com a acepção de “O espaço de oito dias, consagrado à celebridade de hũa festa solemne”. Todavia, percebe-se claramente que no contexto do testamento em análise, não foi esta a acepção empregada, mas sim a de “Lote de oito missas celebradas seguidas até o oitavo dia do

sepultamento” (NUNES, 2008, p. 108). Novamente, vê-se que, tal como a lexia *capela, oitavário* concerne à quantidade e ao período de realização das missas, considerando-se como marco o dia do sepultamento. Em vista do exposto, observa-se que a *capela* e o *oitavário* de missas eram atos litúrgicos estabelecidos juridicamente, isto é, com efeito legal via testamento assentado.

Além das lexias analisadas supra, há que atentar-se para a lexia *dizer missa de corpo presente*, que corrobora a preocupação do testador com uma morte tranquila, em que a ascensão a outro plano se daria sem qualquer espécie de infortúnio. A esse respeito, nota-se que Bluteau (1712-1728, p. 511) define a expressão *dizer missa* como “Celebrar o sacrificio da Missa” e *missa das almas* como aquela destinada à “expição dos peccados dos defuntos” (p. 510).

No entanto, embora a lexia *missa das almas*, tal como definida por Nunes (2008), pareça sinônima de *missa de corpo presente*, especialmente se levarmos em conta a sua finalidade, Nunes (2008) estabelece uma importante distinção entre elas, definindo a primeira como “A primeira missa antes do nascer do sol. A que se diz pelos defuntos” (2008, p. 97) e a segunda como “Celebração e encomendação com o corpo do defunto presente” (2008, p. 98). Desta feita, nota-se que ambas se referem a missas pela alma dos defuntos, mas a *missa de corpo presente* conta com a especificidade de ser celebrada na presença do corpo do defunto, o que mostra que as lexias não se equivalem semanticamente.

Interessante notar que Bluteau, em meio à definição do verbete *missa*, aponta como sua origem o hebraico *Missach*, com o significado de “offerta voluntaria” (1712-1728, p. 510); o testamento em análise, entretanto, deixa claro que tanto a *capela* de missas quanto o *oitavário* e outras missas que o testador solicitou que se realizassem por sua alma deveriam ser pagas com a *esmola costumada* ou com outra quantia por ele especificada, de modo que elas não eram voluntariamente oferecidas pela igreja. Aliás, não se pode dizer que tais missas eram “voluntárias” também porque decorriam de uma determinação por parte do testador, inclusive assentada por escrito em documento próprio para tal, do qual o testamenteiro e/ou o herdeiro não poderiam isentar-se sem acarretar consequências jurídicas. Portanto, as missas referidas, em geral, não eram decorrentes de escolhas feitas pelo(s) herdeiro(s).

Ressalta-se, ainda, que tal como já aludido por Duarte-Silva (2013), analisando documentos goianos do século XVIII sobre Irmandades de pretos, a lexia *esmola* não foi empregada em seu sentido mais geral e corrente na contemporaneidade de “doação de dinheiro ou alguma outra coisa para uma pessoa necessitada, um pobre” (2013, p. 415). Pelo contrário, no dizer da autora, “esse item lexical ganha uma extensão de sentido, pois se trata da doação realizada em dinheiro por qualquer pessoa para a associação” (DUARTE-SILVA, 2013, p. 415).

Aqui, precisamos alargar um pouco nossa compreensão, já que não se tratava de uma doação para associação, e sim para a Igreja Católica de modo geral.

Nessa perspectiva, fica evidente o quanto a Igreja Católica lucrava com os ritos fúnebres, haja vista as *esmolas* recebidas pelas missas solicitadas pelos falecidos em seus testamentos. Por isso, não causa estranheza que a concepção ideológica de que era preciso investir no destino após a morte, isto é, na salvação da alma, tenha predominado durante tanto tempo, mantendo-se os seus respectivos rituais, fazendo da Igreja Católica uma instituição com amplos poderes, inclusive fora do âmbito eclesiástico. Isso implica dizer que, muitas vezes, a Igreja interferia em questões políticas, econômicas e sociais, porque à época não havia uma delimitação clara entre tais jurisdições.

Outros aspectos relevantes a serem considerados são o cortejo do morto até o local do seu sepultamento e a sua vestimenta específica, tomando-se como ponto de partida os seguintes dizeres: *ser acompanhado pelas Irmandades (do Santíssimo, das Almas, de Nossa Senhora do Rosário) e pelos sacerdotes (que se achassem presentes) e ser amortalhado (em hábito de São Francisco ou em outro qualquer)*. Nesse contexto, eles indicam outros requisitos para uma boa morte na região de Luziânia-Go nos setecentos, ou seja, a escolha da mortalha, que é a veste com que se recobria o corpo do falecido, e os responsáveis por acompanhá-lo até o sepulcro, isto é, em seu cortejo.

Vê-se, nesse caso, que o coronel João Pereira Guimarães registra o seu desejo de ser amortalhado com o hábito de São Francisco, que é uma espécie de túnica na coloração marrom, usada pelos frades e madres da Congregação Franciscana. A escolha por este hábito em específico pode estar vinculada à devoção do referido coronel pelo santo ou por este compartilhar a filosofia de vida apregoada por ele. Além disso, sendo São Francisco defensor da simplicidade, tendo abdicado da riqueza de sua família, é possível que a opção por seu hábito simbolizasse o desprendimento do testador em relação aos seus bens terrenos face à morte.

Outra preocupação comum entre os falecidos era com o cortejo fúnebre. Parecia relevante que o morto estivesse na companhia de sacerdotes e de membros das Irmandades do Santíssimo, das Almas e de Nossa Senhora do Rosário, por serem os primeiros aqueles que dedicam sua vida ao exercício da doutrina católica, e as irmandades, por serem associações que tinham, dentre outras atribuições, a de zelar para que seus associados tivessem um sepultamento digno.

Pelo exposto acima, depreende-se que a elaboração de um testamento, que dispusesse sobre os bens terrenos e os ritos fúnebres em caso do presumido falecimento do testador, era por si só um requisito para uma boa morte, já que, segundo Reis (1991), a morte indesejada era a que acontecia inesperadamente, sem preparação. E o testamento era uma forma legítima de

assegurar que os cuidados fossem tomados para que a transição para outro plano ocorresse tranquilamente. Portanto, poderia crescer-se aos requisitos até aqui analisados a preparação de um testamento.

Conforme observou-se na análise empreendida até aqui, os requisitos para uma boa morte são, na realidade, estratégias voltadas para a salvação da alma, visto que a morte gerava muito temor na sociedade da época, porque circulavam muitas histórias para explicá-la, não raro permeadas pelo terror. Em geral, o desconhecido, ou seja, aquilo que a ciência ainda não consegue explicar satisfatoriamente e que está fora do alcance da compreensão humana provoca medo, insegurança.

E sobre este campo ainda desconhecido para a ciência, a religião tem, desde sempre, fornecido explicações, mediante as diferentes doutrinas e seitas. Mas não cabe, neste estudo, um aprofundamento sobre as similaridades e diferenças entre a religião católica e as demais. Por ora, interessa-nos o entendimento acerca das respostas que o catolicismo tem fornecido sobre a morte, uma vez que ele perpassava a ideologia vigente à época, o que se faz notar nos documentos estudados, sendo a Igreja a instituição responsável pela sua produção.

Sabe-se que, para a doutrina católica, a vida terrena é perene e que, portanto, todos estão na Terra apenas de passagem. Todavia, o modo como esta vida é conduzida tem interferência direta no destino após a morte. Sob este ponto de vista, aqueles que só se preocupam com os bens materiais ou com as ditas “coisas terrenas” estão suscetíveis a ter o mais cruel e desolador fim, enfrentando todo tipo de sofrimento na vida após a morte. Por outro lado, se a pessoa se dispõe a cumprir os ensinamentos cristãos de amor pelo próximo e de caridade, certamente ela alcançará a felicidade na vida eterna, embora esteja sujeita ao sofrimento na vida terrena, porque não está imune às tentações. Nesta concepção, o homem, à semelhança de Jesus Cristo, conheceria a maldade e o sofrimento na terra, mas, resistindo às tentações, teria uma segunda vida, no plano celestial, feliz e plena.

Disso resulta a necessidade de se ter uma *boa morte*, cercada de cuidados voltados para o perdão da alma do falecido e para a sua conseqüente salvação. Assim, por exemplo, quanto maior e mais pomposo o cortejo para o funeral, mais fazia-se crer que a pessoa fora querida e caridosa em sua vida terrena. E tal ensejo era comum também entre as pessoas de classes menos abastadas, como mostra Reis (1991, p. 23): “Os funerais dos pobres e dos escravos eram mais econômicos, mas há evidências de que os negros frequentemente desejavam e recebiam grandes enterros”.

Isso revela que, na maioria das vezes, predominava a concepção de que o destino da alma estava estreitamente ligado ao do corpo, por isso era preciso tratar em detalhes sobre como este deveria ser preparado em seus momentos finais, porque também disso dependia a

boa sorte da sua alma. Contudo, chega-se, assim, a mais um paradoxo, porque, a princípio, a morte sugere uma separação entre alma e corpo, porque sem a coexistência de ambos não haveria vida; mas, ao creditar ao destino do corpo o da alma, tal construção ideológica desconsidera a cisão operada entre eles em função da morte, restaurando o elo existente entre alma e corpo.

É provável que isto relacione-se ao fato de que a separação abrupta entre alma e corpo tenha consequências ruins no *post-mortem*, porque o indivíduo não conseguiria desvencilhar-se facilmente da vida terrena, o que dificultaria o seu acesso à segunda vida. Como vimos nos dizeres de Reis (1991) referidos anteriormente, a morte repentina, inesperada ou trágica, era motivo de grande temor para a sociedade da época, assim como temiam-se os mortos que não tinham um sepultamento adequado.

Em vista disso, fazia-se necessário seguir determinados ritos fúnebres para que os mortos deixassem de representar qualquer tipo de perigo. É segundo esta concepção que os requisitos para uma *boa morte* elencados *a priori* integrariam um ritual de separação do morto em relação à sua vida terrena, a fim de favorecer a sua incorporação à vida em outro plano.

Convém notar, pois, que os inúmeros pedidos de missa que constam no testamento em estudo constituem formas de buscar a intercessão dos santos e de Deus para facilitar a entrada no “paraíso”. De igual maneira, a associação a irmandades também era uma forma de se prestar culto a um ou mais santos de devoção, a fim de que estes intercedessem pelo devoto nos momentos de aflição e tentação e, como não poderia deixar de ser, na morte. Nesse sentido, é elucidativa a assertiva de Reis (1991, p. 61) de que “celebrar bem os santos de devoção representava um investimento ritual no destino após a morte – além de tornar a vida mais segura e interessante”.

Isso ocorre, segundo Reis (1991) porque a participação em irmandades impunha direitos e deveres aos associados, estando entre os primeiros a assistência médica e funeral, dentre outros, o que incluía o sepultamento decente do associado e de seus familiares, assim como o cortejo composto pelos irmãos de confraria. Dentre os deveres, podemos mencionar a devoção católica, a participação nas cerimônias organizadas pela irmandade e o pagamento de anuidades. Tal premissa nos leva a supor que o Coronel João Pereira Guimarães pertencia a uma ou mais irmandades, tendo em vista que menciona que seu corpo deveria ser acompanhado pelas Irmandades do Santíssimo, das Almas e de Nossa Senhora do Rosário.

Não raro, os escravos e alforriados recorriam às Irmandades, buscando associarem-se a elas, com o ensejo de obter “auxílio, reconhecimento e participação na sociedade” (LACET, 2003, p. 15). Desta forma, as classes constantemente excluídas da sociedade encontravam amparo e

eram minimamente integradas socialmente pelas Irmandades criadas especialmente para este fim.

Considerações Finais

Mediante o objetivo fulcral deste trabalho de discorrer sobre os requisitos para uma boa morte em Luziânia-GO, no século XVIII, a análise lexical de um testamento da época aponta para algumas reflexões possíveis, a saber, a de que havia uma grande preocupação com o destino da alma, no *post-mortem*. Esta estava fortemente vinculada ao fato de a doutrina católica ter prevalecido na sociedade em questão naquela ocasião, fazendo-se respeitada até mesmo por aqueles que não a professavam, como os escravos e forros. O investimento nos ritos fúnebres apresentava-se, então, como uma das formas de se assegurar uma transição tranquila para a vida em outro plano.

Além disso, merece registro o *continuum* evidenciado entre vida e morte, visto que não estão totalmente dissociadas, mas interpenetram-se e interinfluenciam-se mutuamente, não sendo possível concebê-las como excludentes. Evidenciou-se, pois, que a morte não é ausência de vida, e sim a transposição de um plano a outro, sendo que neste último residiria a vida em sua essência.

Assim, concordamos com a afirmação de Queiroz de que “O estudo do léxico nos faz trilhar pelos caminhos da história do homem, ou seja, de suas relações com o meio, com o outro, consigo mesmo” (2009, p. 26), de modo que foi possível notar, na breve análise lexical ora apresentada, como as concepções sobre a morte que permeiam as lexias, em particular na sua esfera semântica, somente fazem sentido se considerarmos o ideário religioso e a organização social da região de Santa Luzia nos setecentos.

Referências

- ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- DUARTE-SILVA, Luana. *Irmandades de pretos: edição e inventariação lexical em manuscritos goianos do século XVIII*. 440 f. Dissertação (Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão*, Departamento de Letras, 2013.

LACET, Juliana Lemos. *Os rituais de morte nas irmandades de escravos e libertos: Vila Rica, século XVIII*. 2003. 53f. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana.

NUNES, Verônica Maria Meneses. *Glossário de termos sobre religiosidade*. Aracaju: Tribunal de Justiça/Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe, 2008.

Óbitos Livro 01 1786-1814. Paróquia de Luziânia- GO. 1786-1814. fólhos 1-32.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Autos de defloração: um estudo léxico-semântico de documentos cíveis do início do séc. XX, *Revista Virtua*, ano 1, n. 1. p. 14-27, Feira de Santana, 2009.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SEVERAL, Rejane da Silveira. Religiosidade e cultura na Porto Alegre colonial. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2001. p. 1-12.

O léxico da língua portuguesa na segunda metade do século XVI: o caso das proparoxítonas em Jerônimo Cardoso

Mário Eduardo Viaro

Introdução

Nos primeiros acordos ortográficos da língua portuguesa solidificou-se a regra de que “todas as proparoxítonas são acentuadas”. Isso é revelador, uma vez que nas regras de acentuação da língua portuguesa, toma-se por princípio básico sempre usar o diacrítico no conjunto com menor cardinalidade: se em português há oxítonas e paroxítonas terminadas em -r, acentuam-se as paroxítonas com essa terminação porque as oxítonas são a maioria (como comprovam os infinitivos de todos os verbos). Inversamente, se as paroxítonas terminadas em -a formam o maior número, acentuam-se as oxítonas etc. Dito de outro modo, as proparoxítonas constituem o menor grupo das três possibilidades acentuais do português e, por ser o conjunto de menor cardinalidade, qualquer vocábulo integrante desse grupo deve ser acentuado. O princípio acima exposto já aparece nas *Bases da ortografia portuguesa*, de 1885, quando se afirma no escólio do cap. I §1 “A acentuação gráfica é sempre a de vocábulo que faz exceção à regra geral” e, depois, no prontuário ortográfico de 1911, no capítulo 26: “Todos os vocábulos cuja sílaba predominante seja a antepenúltima terão essa sílaba marcada com o competente acento escrito”.

A língua portuguesa não é uma língua de acento fixo, como o tcheco ou o húngaro, cuja sílaba tônica é sempre a primeira, ou ainda como o polonês, cuja tônica é sempre a penúltima, ou como o francês, que relaciona tonicidade com a última sílaba. Tampouco podemos dizer que a sua acentuação é livre: uma língua como o russo, por exemplo, tem palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas também, no entanto, às vezes surgem palavras como *папоротниками* <*páporotnikami*> “samambaias” (no caso instrumental). Em português brasileiro, devido ao [i] epentético de algumas palavras, podemos ainda recuar uma sílaba no encontro consonantal de *rítmico* ou mesmo duas sílabas em palavras como *arqueópterix* (Viaro & Guimarães-Filho, 2007; Antunes *et al.* 2008).

Algum tipo de comportamento previsível, que tornaria o português uma língua com restrições complexas nem sempre é claro. Em latim, há restrições claras: não existem oxítonas, as paroxítonas têm a penúltima sílaba longa e as proparoxítonas têm a penúltima sílaba longa. Em grego antigo, as regras são um pouco mais complexas: há oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, no entanto, se a última sílaba for longa, não é possível que a palavra seja proparoxítona.

No caso do português, essa previsibilidade é parcial, e como na solução aronoffiana, que envolve léxico e produtividade sincrônica, o problema das exceções na questão acentual ensejou várias soluções num nível mais abstrato, como a hipótese de presença de consoantes finais em formas fonológicas “subjacentes” que não se “realizariam foneticamente” por causa de “apagamento da consoante final” nas oxítonas terminadas em vogal, por exemplo, em um percurso de transformações que se assemelham a antigas hipóstases plotinianas. Na impossibilidade de comprovação dessas transformações mentais por meio de testes e pelas neurociências, tais hipóteses continuam longe de serem fatos. Tampouco se pode lidar com um “traço” *ad hoc* de empréstimo para decidir se o acento está ou não na forma subjacente (Bisol, 2005: 151) sem levar minimamente em conta questões complexas que envolvem acúmulo e transformações no nível diacrônico.

Uma boa diacronia, contudo, se faz por meio de descrições de sincronias pretéritas comparadas. Faltam-nos justamente essas descrições para entender não só questões etimológicas, mas também fatos da lexicologia e da fonologia histórica.

No tocante à fonologia, trata-se de algo sabidamente complexo, uma vez que só é possível trabalhar com reconstruções de sistemas fonológicos. Como fazer fonologia de uma sincronia pretérita se não é sequer possível afirmar que a pronúncia do vocábulo grafado *Euora* no século XVI era [ˈevore], uma vez que obviamente não temos falantes quinhentistas vivos, cuja pronúncia nos daria o direito de transcrever, como fazemos com dados da sincronia atual, isto é, ou de oitiva ou por meio de análises acústicas? Mais razoável seria transcrever qualquer pronúncia que não se depreenda da viva coleta ou de gravações com o acréscimo do asterisco schleicheriano, que traduzisse a melhor reconstrução possível que poderíamos fazer. Nesse caso, a transcrição de uma *suposta* pronúncia de um vocábulo *Euora*, testemunhado no século XVI deve ser, invariavelmente, algo como *[ˈevore], *[ˈevora], *[ˈevure], *[ˈevora], conforme nossos pressupostos ou embasados indiretamente (por exemplo, por meio de informações de uma gramática coetânea, como a de Fernão de Oliveira).

Tomou-se como *corpus* a obra *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (1562/1563) de Jerônimo Cardoso (c1508-1569), que se compõe de pouco mais de dez mil palavras. Entre elas, verbetes ou palavras existentes no interior dos verbetes, observou-se a existência de 207 itens lexicais que equivaleriam a palavras com alguma fundamentação etimológica que justificasse afirmarmos terem sido palavras com acentuação proparoxítona no século XVI. Muitas dessas palavras mantêm-se assim até hoje, apenas com variações fonéticas de outros tipos, como se verá nos exemplos abaixo.

No tocante à reconstrução dos acentos tônicos, o grau de certeza é um pouco maior do que de outros fenômenos fonéticos (como, por exemplo, a pronúncia das pretônicas nesse

mesmo *corpus*), de modo que há poucos momentos na investigação em que alguma dúvida se interpõe: devido à sua origem culta é muito incomum o hiperbibasmo. Sabe-se que a mudança acentual, não é, em muitas línguas (entre elas, o português), uma transformação comum, de modo que uma explicação etimológica que se fundamente num hiperbibasmo não se revela como uma “lei fonética”, antes se justifica por meio da analogia ou por meio de moldes fônicos (Viaro, Ferreira & Guimarães-Filho, 2014).

Na verdade, a única dúvida em relação ao *corpus*, acerca da acentuação de uma palavra atualmente proparoxítona que tinha alguma probabilidade de não o ser no século XVI ocorreu com o verbete *figuado* [62r]. A etimologia *ficātum* > *figado* mostra que esse vocábulo sofreu deslocamento acentual em alguma sincronia pretérita de difícil determinação nas línguas iberorromânicas (cf. castelhano atual *hígado*), no entanto, não é totalmente certo se esse processo já havia se completado na época de Cardoso.

Como se pode ver por meio desse exemplo, toda vez que um item lexical for extraído da obra de Cardoso, informar-se-á o número do fólio seguido de uma letra (*r* para *recto* e *v* para *verso*).

1 O molde fônico mais prolífico do português para os vocábulos proparoxítonos

O tipo silábico mais comum do português é *cv*. Por isso, também o tipo de proparoxítona mais comum encontrada é *'cv\$cv\$cv*. A terceira sílaba (a átona postônica final), também incluiu casos de sílaba *cvc*, uma vez que a consoante final, nos poucos casos que aparecem no *corpus*, continham um *-s* final de plural, o qual foi abstraído neste e nos casos seguintes. Também foram descartados todos os vocábulos que contêm duas vogais átonas postônicas adjacentes do tipo *v\$vv*, uma vez que poderiam ser entendidas como ditongos decrescentes e, portanto, formarem palavras paroxítonas.

Há 122 itens lexicais com o tipo *'cv\$cv\$cv*, portanto, mais do que a metade de todo o *corpus*. Dessas, 70 não têm sílabas pretônicas (*#'cv\$cv\$cv*). Nas listagens abaixo, padronizou-se a ortografia, sem atualizá-la, isto é, mantiveram-se a qualidade de vogais e consoantes quando a reconstrução não permitia concluir se se tratava exclusivamente de uma variação gráfica. Foi indicado também pelo símbolo \approx para os casos em que há variação fonética, enquanto \sim foi usado para variação morfológica (flexões ou derivações). Quando essa variação estiver dentro de parênteses, trata-se de elemento pertencente a outra tipologia estrutural. Trata-se dos seguintes vocábulos:

bácoro [23r]; *bêbado* [24v]; *bêbera* [24v]; *bíbora* [25v] \approx *víbora* [103r]; *búfaro* [27r]; *cácere* [28r]; *cáfila* [28v]; *cágado* [28v]; *câmara* [4v, 23v, 29r, 50r, 61v,

74r, 86v, 96r] ~ câmaras [29r, 87r]; cânamo [29v] ~ cânemo [70v]; cânones [29v]; cárraga [31r]; cédola [38r]; célebro [38r]; chícharo [39v]; cócegas [32v, 61r]; cólica [32v, 49v]; cônego [34r] ~ cônegos [27v]; dádiva [40r, 83v]; dívida [34r, 49r, 58r] ~ dívidas [10v]; dízimo [49r]; dúvida [50r, 53r, 95v]; fábula [60r]; fêvera [61v]; física [62v] ~ físico [62v]; fôlego [62v]; Gênova [65r]; ídolo [66v]; láparo [68v]; látego [6r]; lázaro [69r]; lícita [70r]; lídemo [70r]; líquida [70v]; lógica [70v] ~ lógico [70v]; médico [37r, 74r]; mísero [76r]; móvito [77r]; música [30r, 33v, 34v, 77v, 97r] ~ músico [77v]; nádega [78r]; náfica [71v] (≈anáfica [71v]); nômima [78v]; números [34v]; pássaro [20r, 39v, 82v] ~ pássaros [23v, 36v, 72v, 77v, 103v]; pérola [84v]; pêssego [84v]; pícaro [85r]; púcara [86v] ~ púcaro [86v]; récova [90v]; rótolo [93v]; sábado [94r]; sóvaro [97v]; súdito [97v]; súpeta [97v]; tâmara [98r]; távola [98v]; tísica [99v] ~ tísico [99v]; título [99v]; túbera [100r].

Além das acima listadas, outras 52 palavras têm sílabas anteriores à estrutura (44 com uma sílaba pretônica e 8 com duas), ou seja:

- #v\$: abóboda [3r]; achádego [6v]; açúquere [6v, 6r, 11v, 29v, 81v]; anáfica [71v] (≈ náfica [71v]); arávigo [50v]; azêmala [23r]; exército [34r, 58v, 60r]; ilícita [67v];
- #vg\$: não há;
- #vgc\$: não há;
- #vc\$: alcá cere [10v]; alcáçova [10v]; almáfega [12r]; almécega [12v]; angélica [15r]; asmático [20v]; estâmago [25v, 49r, 58v];
- #vcc\$: não há;
- #cv\$: capítulo [30v]; católica [31v]; cegárega [38r]; corônica [36r]; depósito [42v]; discípula [48r] ~ discípulo [48r] (≈ discípulo [40v]); filósofo [62v]; legítimo [69r]; macânico [71v, 79v]; manhânimo [73r]; manífico [73r]; pacífico [81r]; recâmara [90r]; retávolo [92r]; retórica [92v] ~ retórico [92v]; vinhádego [103v];
- #cvG\$: freimático [64r];
- #cvGc\$: não há;
- #cvc\$: cismático [39r]; discípulo [40v] (≈ discípulo [48r]); farnético [61r]; pestífera [84v]; resfôlego [92r];
- #cvcc\$: não há;
- #ccv\$: gramática [66r] ~ gramático [66r]; premática [87v]; prepósito [15v, 42v] ~ propósito [88v];
- #ccvG\$: não há;
- #cvGc\$: não há;
- #ccvc\$: não há;
- #ccvcc\$: não há;

Nas estruturas acima, G representa uma semivogal (*glide*), ao passo que c é uma consoante e v uma vogal. Também há expectativas de restrições sobre qual consoante ocupa algumas das posições da sílaba: enquanto c pode ser um <l>, um <m>, um <n>, um <s> ou um <r> na coda -c\$, apenas um <s> representa o c da coda -Gc\$. Também se espera que c seja

apenas <r> ou <l> na segunda posição do ataque CC- (enquanto a primeira é representada por uma oclusiva ou uma fricativa labiodental) e que apenas haja <r>, <l> ou <n> na primeira posição da coda -CC e apenas <s> na segunda posição da coda -CC ou -GC.

Combinadas, as quinze estruturas acima gerariam, no caso de duas sílabas pretônicas, o total de 225 possibilidades, das quais, apenas sete são encontradas:

- #v\$V\$: *Hierônimo* [63v];
- #v\$cv\$: *opinático* [80r];
- #v\$cvc\$: *arismética* [18r] ~*arismético* [18r];
- #vc\$cv\$: *antecâmara* [15v];
- #cv\$ccv\$: *catredático* [31v];
- #cvc\$cv\$: *condicípulo* [34r]
- #ccv\$cv\$: *primogênito* [88r];

Consultando-se o Grande Dicionário Houaiss, que se encontra *online*, observa-se que esse tipo silábico remonta aos primórdios da língua portuguesa, como se pode ver em testemunhos do vocábulo *bácoro* já no século XI, e de modo algum é uma inovação quinhentista. No século XII, já se testemunham formas de *alcácer*. Do século XIII são os primeiros testemunhos de vocábulos como *abóbada*, *capítulo*, *cárcere*, *câmara*, *católico*, *chicharo*, *cônego*, *dádiva*, *discípulo*, *dívida*, *dízimo*, *dúvida*, *filósofo*, *físico*, *fôlego*, *ídolo*, *récova*, *sábado*, *título*. No XIV está o *terminus a quo* de palavras como *açúcar*, *almáfega*, *almécega*, *angélico*, *arábico*, *arismética*, *azêmola*, *búfaro*, *cágado*, *cânone*, *cédula*, *corônica*, *frenético*, *gramática*, *ilícito*, *lâtego*, *lázaro*, *lícito*, *lídimo*, *lógico*, *mecânico*, *mísero*, *música*, *nádega*, *número*, *pássaro*, *primogênito*, *propósito*, *púcaro*, *retávolo*, *retórica*, *súdito*, *tâmara*, *távola* e *vibora*. De textos do século XV abonam-se *achádego*, *alcáçova*, *antecâmara*, *bêbado*, *cânhamo*, *cérebro*, *cismático*, *cócegas*, *depósito*, *estômago*, *exército*, *fábula*, *freimático*, *láparo*, *legítimo*, *líquido*, *magnânimo*, *magnífico*, *médico*, *nômina*, *pacífico*, *pérola*, *pêssego*, *pestífero*, *rótulo* e no século XVI aparece a primeira ocorrência apenas de palavras como *asmático*, *bêbera*, *cáfila*, *catedrático*, *cólica*, *condiscípulo*, *móvito*, *náfica*, *pícaro*, *opinático*, *premática*, *recâmara*, *resfôlego*, *súpeto*, *tísico*, *túbera*, *vinhádego*.

A construção do paradigma formal de palavras proparoxítonas, como se pode ver, não é uma prerrogativa do Renascimento, nem do Humanismo, como vários manuais de linguística histórica afirmam e adquire, na argumentação de muitos textos, um certo ar dogmático. Já existiam proparoxítonas na Idade Média. Também se podem verificar diversos termos de origem grega, não necessariamente ligados à *koiné* bíblica. Se, por um lado, a invenção da imprensa ajudou a divulgar esses termos, aumentando sua frequência de uso e servindo mais eficazmente como molde fônico em mudanças analógicas, por outro, eles já existiam há muito entre a classe

mais letrada e culta dos séculos anteriores. O maior uso dessas palavras também as tornou mais suscetíveis a mudanças irregulares, tão comuns nessa época, uma vez que também foram mais afetadas por analogias com palavras com frequência igualmente alta ou com paradigmas mais prolíficos, isto é, com maior cardinalidade.

2 Moldes concorrentes de vocábulos proparoxítonos portugueses

O segundo tipo de proparoxítonas mais comum é 'cvc\$cv\$cv, que tem 37 ocorrências, 19 sem pretônicas (#'cvc\$cv\$cv), 16 com uma sílaba pretônica e 2 com duas:

bálsamo [23v]; *bárbara* [24r]; *béspara* [25v] ≈ *béspera* [2v, 25v]; *câncere* [29v]; *cânfora* [29v]; *cântara* [29v] ~ *cântaro* [29v]; *Córdova* [35v]; *mármore* [73v]; *máscara* [74r]; *nêspara* [78v]; *pólvora* [85v]; *púlpeto* [86v]; *rispeda* [93r]; *rústico* [93v]; *sândalos* [94v]; *Tângere* [98r]; *tártaro* [98r].

As estruturas silábicas das pretônicas nesse tipo de proparoxítonas são:

- #v\$: *adúltera* [7v] ~ *adúltero* [7v]; *alâmpada* [10r]; *apóstolo* [17r]; *epístola* [37v];
- #vg\$: *autêntica* [22v];
- #vc\$: *alcândora* [10v]; *alcântara* [10v]; *alfândega* [11v]; *almísquere* [12v]; *escândalo* [56v];
- #cv\$: *doméstica* [49v]; *relâmpago* [91r];
- #cvc\$: *carbúnculo* [30v]; *fantástico* [60v];
- #ccv\$: *pronóstico* [88v];
- #cv\$cv\$: *canafístola* [29v]; *salamântega* [94r].

Também essas palavras parecem ter alguma antiguidade na língua: do século XII são: *bálsamo*, *câncer*, *mármore*; do XIII: *adúltero*, *alcântara*, *apóstolo*, *epístola*, *autêntico*; do XIV, *alâmpada*, *alcândora*, *alfândega*, *bárbaro*, *carbúnculo*, *escândalo*, *doméstico*, *fantástico*, *relâmpago*, *véspera*, *rústico*, *tártaro*; do XV: *almísquere*, *cânfora*, *máscara*, *nêspera*, *pólvora*, *prognóstico*, *púlpito*, *sândalo*; do século XVI são apenas: *canafístula* e *rispido*.

O terceiro tipo mais comum, 'v\$cv\$cv, tem 14 ocorrências, das quais 3 têm uma sílaba pretônica e 2 têm duas. As 9 sem pretônicas (#'v\$cv\$cv) são:

álemo [11v]; *ânimo* [15v]; *ázimo* [23r]; *étego* [60r, 61v]; *Évora* [60r]; *hábito* [3r]; *óculo* [79v] ~ *óculos* [79v]; *úmedo* [104r].

- #cv\$: *ciática* [38v] ~ *ciático* [38v];
- #cv\$cv\$: *diabólica* [48r];
- #cv\$cv\$: *indiático* [67v]; *maniácolo* [73r].

Esse tipo também não se formou no Renascimento, pois são século XIII: *álemo, hábito*; do XIV, *ázimo, diabólico, úmido*; do XV: *ânimo, ciático*. Do XVI, apenas *étego, indiático, maniáculo e óculo*.

Em seguida, com 13 ocorrências, o tipo 'ccv\$cv\$cv, das quais 8 não têm pretônicas (#'ccv\$cv\$cv) e 5 têm apenas uma sílaba pretônica:

clérigo [37v]; *crédito* [37v, 40v]; *prática* [87r]; *pródigo* [88r]; *prólogo* [88r]; *tráfego* [100v]; *tríbolo* [57v, 101r]; *trôpego* [101v].

- #vc\$: *astrólogo* [21r]; *empréstimo* [52r]; *escrúpulo* [57r];
- #cv\$: *matrícula* [74r];
- #cvc\$: *mandrácola* [73r].

Também aqui vemos: no século XIII, *clérigo, prólogo*; no XIV, *astrólogo, empréstimo, matrícula, mendrácola*; no XV, *crédito, escrúpulo, prática, prodigo, tráfego*. Nenhuma dessas formas surgiu no século de Jerônimo Cardoso.

O tipo mais frequente a seguir, com 7 ocorrências, é #'vc\$cv\$cv, nenhuma com pretônicas:

âncora [15r]; *árvore* [20r, 71v, 98v, 101v] ~ *árvores* [3v, 19r]; *áspero* [21r, 93r]; *hóspeda* [80v] ~ *hóspede* [80v]; *ímpeto* [68r].

Novamente, vemos os *termini a quibus* dessas palavras nos séculos XIII: *âncora, árvor, hóspede*; XIV: *áspero, ímpeto*, mostrando, surpreendentemente, ser um padrão muito antigo, apesar de pouco produtivo.

3 Moldes fônicos menos prolíficos

Os cinco tipos mais frequentes, acima descritos, têm duas sílabas finais \$cv\$cv, totalizando 193 ocorrências, ou seja, 93,2% das formas existentes em Cardoso (1562/1563), indicando uma tendência muito forte para esse tipo de final de palavra para as proparoxítonas. Contudo, com igualmente 7 ocorrências, como o caso anterior, encontra-se o tipo 'cv\$ccv\$cv, sendo que 2 delas têm uma pretônica. As sem pretônica (#'cv\$ccv\$cv) são:

fábrica [60r]; *lágrima* [68v]; *pública* [88r] ~ *público* [52r, 68v, 79v, 86v]; *répica* [91v].

- #v\$: *hipócrita* [68r];

- #cv\$: *república* [91v].

Essas palavras são do século XII: *fábrica*; XIII: *lágrima*; XIV: *hipócrita*, *pública* (mas, um século antes: *púlvego*); XV: *república*. Do século XVI, apenas *répica*.

As demais estruturas testemunhadas são as seguintes:

- - Duas ocorrências de 'cv\$cv\$ccv, uma delas com pretônica #v\$: *idólatra* [66v] e outra não (#'cv\$cv\$ccv): *cômitre* [33r];
- - Duas ocorrências de #'ccvc\$cv\$cv, ambas sem pretônica: *príncipe* [17r, 88r] e *próspero* [4v, 88v];
- - Uma ocorrência de #'v\$ccv\$cv, sem pretônica; *África* [8v, 62r, 98r];
- - Uma ocorrência de #'vc\$cv\$ccv, sem pretônica: *álvidro* [13r];
- - Uma ocorrência com #'vc\$ccv\$cv, sem pretônica: *ingreme* [68r].

Essas palavras remanescentes foram testemunhadas pela primeira vez nos séculos XII: *álvidro*, *príncipe*; XIV: *idólatra*; XV: *cômitre*, *próspero*. Apenas *ingreme* tem o primeiro testemunho no século XVI.

Comum a todas as estruturas é o aparecimento de ccv\$ em apenas uma sílaba, de modo que são supostamente inexistentes as proparoxítonas que contenham ccv\$ duas vezes nas três últimas sílabas, tais como ★'cv\$ccv\$ccv, ★'ccv\$cv\$ccv, ★'ccv\$ccv\$cv ★'v\$ccv\$ccv, ★'vc\$ccv\$ccv, ★'ccv\$ccv\$ccv, ★'ccvc#cv#ccv, ★'ccvc\$ccv\$cv, ★'ccvc\$ccv\$ccv e outras, embora hoje tenhamos formas como *prácrito*, *sânscrito* etc. Também não ocorre a estrutura ★'v\$cv\$ccv, que hoje se encontra em formas como *álacre*.

Observe-se que o símbolo ★ difere, para nós, de *, uma vez que o primeiro indica uma forma supostamente inexistente, enquanto o segundo, desde meados do século XVI indica uma forma reconstruída, portanto, supostamente existente, conforme Viaro & Bizzocchi, 2016.

Considerações finais

O fato de uma forma não ocorrer não significa, evidentemente, que a língua esteja alijada dessa realização. Há várias situações, contudo, em que um contexto fônico possa ser considerado “impeditivo”:

- no nível fonológico, podemos dizer que uma forma é inexistente porque determinado segmento não ocorre no subsistema fônico do sistema linguístico em questão. De fato, não se esperam encontrar cliques e sons ingressivos em nenhum sistema que não disponha de fonemas com essas realizações.

- no nível fonotático, podemos dizer que, apesar de haver determinadas realizações, algumas combinações intrassilábicas não são possíveis, por exemplo: dois sistemas linguísticos

distintos podem ter a estrutura silábica \$CCV\$ e os fonemas /t/, /r/ e /a/, mas, como visto acima, num desses sistemas, é possível haver sílabas como #/tra/# e \$/rta/\$, enquanto, no outro, apenas a primeira sílaba é possível. Nesse último caso, o símbolo ★\$/rta/\$ equivale a dizer o mesmo que “\$/rta/\$ é impossível”. E isso de fato ocorre entre o português e o russo: pta <rtā> em russo significa “da boca” (genitivo singular da palavra pot <rot> “boca”).

- Ainda no nível fonotático, as relações de limite vocabular podem oferecer um terceiro caso de impedimento: a sílaba [ra] é perfeitamente possível em português, contudo não pode ocorrer no início da palavra (simbolicamente: ★#[ra]) na maioria das variantes dessa língua.

- Já no nível lexical, há impedimentos intersilábicos (ou intravocabulares), que inexistem em paradigmas formais chamados “moldes fônicos”: uma sílaba iniciada com /ŋ/ não pode vir após uma sílaba terminada com /s/, ou, dito simbolicamente, em português uma afirmação como ★/s\$ŋ/ é verdadeira. Um molde fônico não precisa necessariamente compor-se de segmentos contíguos (Viaro, Ferreira & Guimarães-Filho, 2014).

A mobilidade das permissões e dos impedimentos perpetua-se diacronicamente, na razão direta dos três níveis acima expostos (fonológico, fonotático e lexical): muitos fonemas inexistiam em latim e passaram a existir nas línguas românicas; tal fenômeno reflete, na verdade, uma mudança paradigmática, ainda que sua oposição tenha menor cardinalidade e isso, automaticamente, se desdobra no surgimento de novidades fonotáticas intrassilábicas ou permissões/ restrições relativas ao limite vocabular. Por fim, combinações intersilábicas, antes impeditivas, passam a existir e ser produtivas, enquanto outras, outrora permitidas, deixam de existir. Dito de outra forma, a mudança estrutural de um sistema fonológico é mais lenta do que a mudança nas permissões fonotáticas, as quais são mais lentas do que a mudança dos moldes fônicos.

No caso específico estudado, a cardinalidade de um conjunto de proparoxítonas que tenha uma sílaba \$CCV\$ é notavelmente menor, ao passo que uma proparoxítona que tenha mais de uma sílaba \$CCV\$ é bastante rara ainda hoje. Comparando-se o português renascentista e o atual, percebe-se que essa situação ainda se mantém, embora a cardinalidade dos conjuntos se tenha modificado e, em alguns casos, tenham desimpedido, isso é, deixou de ser nula. O mesmo ocorreu com o influxo maior de termos latinos e gregos durante o renascimento, em comparação com o português medieval.

Percebe-se, por exemplo, que em apenas um dos casos acima (*clérigo*), a segunda consoante de ccv é um [l]: a baixa cardinalidade dessa consoante nessa posição de segundo elemento do *onset* se reflete, por vezes, na preferência de algumas formas rotacizantes (confronte-se *freimático* com o atual *fleumático*). Fatores como esses podem ajudar a entender diversos outros fenômenos, mais característicos do século XVI, supostamente, por causa do

aumento da frequência de uso dessas palavras, em razão da sua maior divulgação por textos impressos, dentre eles:

- a oscilação da vogal da segunda sílaba, por exemplo, em *abóboda* (atual *abóbada*), *álemo* (atual *álamo*), *astrólogo* (atual *astrólogo*), *azêmala* (atual *azêmola*), *béspara* (atual *véspera*), *capítolo* (atual *capítulo*), *cédola* (atual *cédula*), *lídemo* (atual *lídimo*), *nêspara* (atual *nêspera*), *púlpeto* (atual *púlpito*), *ríspedo* (atual *ríspido*), *títolo* (atual *título*), *úmedo* (atual *úmido*)

- a oscilação consonantal: *célebro* (atual *cérebro*), *álvidro* (atual *árbitro*), *arávigo* (atual *arábico*).

- mudanças de estruturas do vocábulo: *açúquere* (atual *açúcar*), *almísquere* (atual *almíscar*), *cegárega* (atual *cigarra*), *cárrega* (atual *carga*), *corônica* (atual *crônica*), *mandrácola* (atual *mandrágora*), *salamântega* (atual *salamandra*), *Tângere* (atual *Tânger*);

- diferenças entre as pretônicas, como em *macânico* (atual *mecânico*) ou mesmo da tônica como *estâmago* (atual *estômago*).

Aplica-se amiúde a explicação etimológica do mecanismo genericamente chamado de “analogia”, sem que seja claramente definido como uma combinação da cardinalidade dos paradigmas formais acima mencionado e da frequência de uso. De fato, uma mudança irregular só pode ser causada ou por um fenômeno formal preponderante dentro de um paradigma ou então por influência de uma palavra muito usada facilmente ativável pela cognição dos falantes em uma sincronia. Descobrir relações de saliência em sincronias pretéritas é um desafio ainda a ser enfrentado pela linguística histórica para se justificarem muitas de suas propostas.

Referências

ARAÚJO, G. A.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O.; OLIVEIRA, L.; VIARO, M. E. Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português. *Caderno de estudos linguísticos*. Campinas, 50 (1): 69-90, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637239/4961>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

CARDOSO, J. *Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij, 1562-1563. Disponível em: <<http://purl.pt/15192>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

COELHO, F. A. *et al.* Relatório das Bases da Reforma Ortográfica. *Diário de Governo*, n.º 213, 12/ 09/ 1911. Disponível em: <<https://dre.pt/application/dir/pdfgratis/1911/09/21300.pdf>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Grande dicionário Houaiss*. Edição online, atualizada e ampliada de HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

VIANNA, A. R. G.; ABREU, G. V. *Bases da ortografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1885.

VIARO, M. E.; BIZZOCCHI, A. L. Proposta de novos conceitos e uma nova anotação na formulação de proposições e discussões etimológicas. *Alfa*, São Paulo, 60(3): 579-601, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8453/5982>

VIARO, M. E.; FERREIRA, M. J.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas. In: VIARO, M. E. *Morfologia histórica*. São Paulo: Cortez, 2014, pp. 58-105.

VIARO, M. E.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas do português. *Estudos linguísticos*. Araraquara, 36 (1): 27-36, 2007.

Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/02.PDF>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

Termos neológicos em sincronias pretéritas: um estudo do *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural de Vandelli*

Bruno Maroneze

Introdução

O léxico científico português tem sido cada vez mais objeto de estudos diacrônicos. Interessa saber acerca de sua formação, sua evolução e suas relações com a própria história do saber científico. Nesse contexto, inserimos o presente estudo, que se debruça sobre uma importante obra da história da ciência portuguesa, o *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural*, de Domingos Vandelli.

Inicialmente, faremos uma breve descrição da obra e de seu autor, inserindo-os no contexto do Iluminismo português do século XVIII. Em seguida, abordaremos alguns conceitos teóricos e metodológicos a respeito dos estudos diacrônicos do léxico para, na seção 3, apresentarmos a análise e discussão dos dados extraídos da obra. Descreveremos alguns dos neologismos encontrados e formas variantes de termos ainda empregados, bem como a grande riqueza de latinismos presentes na obra. Por fim, a seção 4 traz algumas conclusões a respeito da nossa pesquisa, ainda que parciais.

1 A obra e seu autor

Domingos Vandelli (1735-1816), natural de Pádua, na Itália, foi um dos cientistas trazidos a Portugal por ocasião das reformas instituídas pelo Marquês de Pombal, que tiveram, entre outros objetivos, o de modernizar o ensino de ciências nas universidades portuguesas. Assim, Vandelli chega a Portugal em 1764, contratado para lecionar História Natural e Química. Em sua longa estadia em Portugal (até 1810), atua em diversas funções, não só como professor, mas também como organizador de jardins botânicos, museus e laboratórios, além de ter sido um dos fundadores da Academia Real de Ciências de Lisboa e médico particular do príncipe regente D. João, antes de sua vinda ao Brasil. Após a expulsão dos franceses em 1810, é acusado de ter simpatizado com os franceses e é exilado, retornando a Portugal apenas em 1815, pouco tempo antes de sua morte (MARQUES; FILGUEIRAS, 2009).

A obra aqui analisada tem um longo título impresso em sua folha de rosto (como era praxe nas obras científicas da época): “Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural extrahidos Das Obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos”. Além do dicionário, o volume ainda apresenta, ao final, uma “Memoria sobre a Utilidade dos Jardins Botânicos”, dedicada à rainha D. Maria I. Foi

publicado em Coimbra, pela “Real Officina da Universidade”, no ano de 1788, e uma versão digitalizada encontra-se disponível no repositório Google Livros (no *website* <https://books.google.com.br/books?id=ovRAAQAAAMAJ>).

O volume todo contém pouco mais de 350 páginas. Após uma introdução de seis páginas (numeradas em romanos), inicia-se o dicionário propriamente dito. Em vez da tradicional organização por ordem alfabética, seu autor optou pela divisão por classes. Conforme é dito na introdução, “Esta obra divide-se em Terminologia 1. dos Mammaes. 2. das Aves. 3. dos Peixes 4. dos Amphibios. 5. dos Insectos. 6. dos Vermes. 7. da Botanica. 8. e da Mineralogia” (p. V). Em cada uma das classes dos animais (classes 1 a 6), os verbetes estão organizados por ordem alfabética, com a entrada em latim e o equivalente ou explicação em português. As seis classes dos animais ocupam as páginas de 1 a 187.

À p. 189, inicia-se a classe das plantas, com o título “As classes das plantas no sistema sexual de Linneo”, que apresenta os termos relacionados à reprodução sexuada das plantas. À p. 193 inicia-se a parte do dicionário intitulada “Terminologia da Botanica”, com os termos apresentados não em ordem alfabética, mas organizados por temas (raiz, tronco, ramos, folhas, inflorescências e, por fim, frutificações). Os termos da mineralogia iniciam-se à p. 287 e ocupam apenas cinco páginas.

O texto anunciado na folha de rosto intitulado “Memoria sobre a Utilidade dos Jardins Botânicos” ocupa as páginas de 293 a 301. Ao final, encontra-se uma errata de três páginas (não numeradas), um índice alfabético (com as páginas numeradas em romanos minúsculos de i a xxxvi) e vinte páginas com ilustrações de animais e plantas, numeradas em romanos.

O motivo da ordenação dos termos por tema, em vez da tradicional ordem alfabética, não é explicitado em parte alguma do dicionário; porém, a menção às obras de Lineu, na folha de rosto e em outras partes, leva à hipótese de que o dicionário tenha sido inicialmente concebido para auxiliar os estudantes na leitura das obras desse autor e, por isso, seguiria uma ordenação semelhante.

A menção às obras de Lineu é, justamente, o que confere a esse dicionário especial importância: as duas principais obras desse importante autor (o *Species Plantarum*, de 1753, e o *Systema Naturae*, cuja décima edição é de 1758²²) datam de apenas três décadas antes do dicionário; além disso, Vandelli trocou correspondências com Lineu (VANDELLI; LINEU, 2008), fatos que levam a crer que foi Vandelli o principal responsável pela divulgação das obras de

²² Ambas disponíveis online: O *Species Plantarum*, em <https://www.biodiversitylibrary.org/page/358106>; e a décima edição do *Systema Naturae*, em <https://www.biodiversitylibrary.org/item/10277>.

Lineu em Portugal. Assim, é possível hipotetizar que esta obra aqui analisada tenha sido o principal veículo de divulgação da terminologia lineana em língua portuguesa.

2 Alguns conceitos teóricos e metodológicos

Costuma-se atribuir a Eugen Wüster (1898-1977) a sistematização dos estudos de Terminologia, com a chamada Teoria Geral da Terminologia (TGT) (cf. CABRÉ, 1993; BARROS 2004, entre outros). Em sua concepção, a Terminologia deveria ser uma disciplina eminentemente sincrônica; segundo a TGT, “o signo terminológico só pode ser analisado por um enfoque sincrônico” (BARROS, 2004, p. 60). No entanto, a partir do final do século XX, essa postura começa a ser revista (MARONEZE; ALVES, 2019) e, atualmente, encontram-se diversos estudos a respeito da formação diacrônica do vocabulário científico. É nesse contexto que se insere o presente trabalho.

Ao se estudar o vocabulário científico, um dos conceitos mais importantes é o de neologismo terminológico (cf. ALVES, 2001 para um estudo sobre as relações entre neologia e terminologia). O neologismo é conceituado por Alves (2007, p. 5) como uma nova palavra, resultante de um processo de criação lexical. No âmbito das linguagens de especialidade, neologismos surgem com muita frequência, para expressar conceitos novos. Assim, no presente estudo, busca-se identificar quais neologismos no domínio da História Natural foram criados e/ou divulgados pelo *Diccionario...* de Vandelli.

Metodologicamente, a identificação de um neologismo não é tarefa trivial. Para estudos do português contemporâneo, em geral se emprega o critério metodológico do “córpus de exclusão” (cf., entre outros, MARONEZE, 2011, pp. 92-93), que consiste na verificação da presença do “candidato a neologismo” numa lista de unidades lexicais consideradas não-neológicas (em geral, obras lexicográficas e bases de dados); o candidato será considerado neologismo se não constar nesse córpus de exclusão.

Em relação a estudos de sincronias pretéritas, o mesmo método poderia ser aplicado. Para isso, seria necessário compilar uma lista de unidades lexicais não-neológicas para o período em questão (o ano de 1788, por exemplo; ou outra data próxima considerada arbitrariamente), que seriam confrontadas com as unidades lexicais presentes na obra analisada. No entanto, tal procedimento exigiria recursos ainda não disponíveis para a língua portuguesa.

Assim, neste estudo, para a delimitação do caráter neológico de um termo, empregará-se o critério da inexistência de atestação prévia: será considerado neológico o termo para o qual não houver atestação anterior. Esse critério tem a vantagem de não exigir a compilação de grandes listas de unidades lexicais para a época estudada, mas tem a desvantagem de ser um critério apenas “temporário”, pois o estatuto neológico de determinado termo poderá ser

facilmente contestado se estudos posteriores registrarem a atestação do termo em obra de data anterior.

Outra objeção a esse critério que pode ser levantada é que a língua portuguesa ainda não dispõe de extensas listas de datação de unidades lexicais. Embora de fato ainda haja enorme carência quanto à datação, uma importante obra lexicográfica, o dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001), apresenta datações para grande parte de suas entradas, datações essas que serão empregadas como referência no estudo aqui realizado. Espera-se que, assim, este estudo também contribua para a ampliação do que se conhece atualmente sobre as datações dos termos científicos em língua portuguesa.

Esse critério para a identificação de neologismos de sincronias pretéritas assemelha-se ao conceito de *terminus a quo* evocado nos estudos de Etimologia (VIARO, 2011, p. 106). Conforme afirma o autor, “A retroação de datas /.../ tem interesse não só para a Etimologia, mas também para várias outras áreas, sobretudo para a Historiografia” (VIARO, 2011, p. 108). Argumenta-se, no presente trabalho, que a retroação de datas também é de interesse para os estudos de Neologia e Terminologia, bem como para a História da Ciência, ao possibilitar a identificação do surgimento de novos conceitos científicos.

A obra analisada é de fácil acesso, por encontrar-se disponível no repositório Google Livros, conforme já mencionado na introdução. No entanto, apresenta muitas incorreções relativas ao reconhecimento óptico de caracteres (decorrentes, provavelmente, do fato de a obra apresentar ortografia e tipografia diferentes das atuais), razão pela qual optou-se por fazer a revisão manual do texto. Essa tarefa²³ ainda não foi finalizada e, dessa forma, a coleta de termos neológicos aqui apresentada não é exaustiva.

Devido à ausência de datações para termos complexos (formados por mais de uma unidade lexical), optou-se por coletar apenas termos simples. Os termos coletados foram comparados com suas datações indicadas no dicionário Houaiss (versão digital de novembro de 2009). Foram considerados neológicos aqueles cuja data indicada no Houaiss é posterior a 1788 (data de publicação do *Diccionario...* de Vandelli). Também foram identificados alguns termos para os quais não há data disponível no Houaiss, que também foram considerados neológicos. A seguir, traçam-se algumas considerações a respeito desses termos.

3 Análise e discussão

3.1 Alguns neologismos detectados

²³ Para esta tarefa, colaboram os estudantes de Iniciação Científica Florival Dourado dos Reis Neto e Amarildo Braga de Oliveira, ambos do curso de Letras da UFGD.

Um levantamento inicial (não exaustivo) identificou os seguintes neologismos divulgados na obra de Vandelli:

	Termo neológico (em grafia modernizada e lematizada)	Contexto	Data do neologismo segundo o dicionário Houaiss	Definição
1	abdominal adj.	...como se observa nos escudos abdominaes das serpentes... (p. 11)	1789	Relativo ao abdômen.
2	ano sm.	...he a parte molle inferior ao dorso, e que fica entre a ponta do sterno, e o ano. (p. 13)	1789	Variante de <i>ânus</i> .
3	aurícula sf.	As aves não tem auriculas, em seu lugar, tem algumas penas mais compridas, que cercaõ o buraco das orelhas. (p. 14) ...Diz-se do coração, que tem duas auriculas. (p. 2)	1836	1. Orelha. 2. Cavidade superior do coração.
4	bulboso adj.	Que contem corpos carnosos, isto he, bulbosos. (p. 204)	1836	Em forma de bulbo.
5	canaliculado adj.	... arqueada para a parte inferior, liza superiormente, quasi canaliculada na parte inferior... (p. 21)	1836	Provido de canálculo.
6	cirro sm.	Terminando em <i>cirrhos</i> no apice, isto he, em varios filamentos... (p. 222)	1873	Filamento por meio do qual a planta se liga em outras.
7	córtex sm.	Debaixo desta pellicula delgada, ou epiderme, está a casca <i>cortex</i> ... (p. 193)	1844	Revestimento (casca) da raiz de uma planta.
8	escanelado adj.	Escanelado, ou excavado muito superficialmente ao comprido. (p. 10)	1899	De pernas finas (não é claro se a acepção empregada em Vandelli seja essa)

9	escavação sf.	Cuja extremidade tem huma escavação. (p. 19)	1858	Concavidade.
10	excretório adj.	He uma cavidade, ou pequena bexiga nas glandulas entre as extremidades das artérias, veias, e ductus excretorios. (p. 5)	1789	Que excreta.
11	fêmur sm.	Aves, que não podem caminhar, cujos fêmores estão postos entre o tegumento do abdomen, ficando somente as tibias, e os dedos para a parte de fora. (p. 16)	1815	Ossos da coxa.
12	filamento sm.	A qual consta sómente de pequenas raizes fibrosas, ou filamentos... (p. 194)	1789	Estrutura vegetal em forma de fio.
13	foliáceo adj.	Ou são aquellas membranas foliaceas, que descem pelo comprimento do caule. (p. 196)	1844	Relativo às folhas.
14	lacínia sf.	He a folha superiormente dividida em duas partes, ou lacinias... (p. 217)	1858	Segmento de uma folha ou pétala.
15	linear adj.	A base da folha he alguma cousa apertada, ou linear... (p. 214)	1858	Relativo a linha.
16	longitudinal adj.	Tendo o diametro longitudinal igual ao transversal... (p. 213)	1858	No sentido do comprimento.
17	mandíbula sf.	A parte carnosa, que cobre a mandibula... (p. 6)	1844	Maxilar.
18	medular adj.	Sem nenhuma substancia medular no meio... (p. 198)	1789	Relativo a medula.
19	membranáceo adj.	Ou são as extremidades delgadas, e membranaceas de alguma semente... (p. 196)	1873	Semelhante a membrana.
20	membranoso adj.	De substancia, que parece membranoza. (p. 15)	1844	Semelhante a membrana.

21	metacarpo sm.	Nas azas das Aves observa-se dous ossos delgados immediatos ao metacarpo... (p. 17)	1836	Parte da mão entre o carpo e os dedos.
22	oleífero adj.	He huma uniaõ de pellos, que cerca a glandula, ou poro oleifero... (p. 21)	1873	Que secreta óleo.
23	papilionáceo adj.	Azas se dizem os petalos das flores papilionaceas... (p. 196)	1789	Relativo às papilionáceas (certa família de plantas)
24	pecíolo sm.	Quando o <i>pecíolo</i> se une ao meio da folha... (p. 212)	1844	Parte da folha pela qual ela se prende ao ramo.
25	pedúnculo sm.	Nascendo donde sahe a flor, ou nos <i>pedunculos</i> ... (p. 209)	1789	Haste que sustenta uma flor.
26	penáceo adj.	tambem no Gallo se observa a mesma caruncula, a que o povo erradamente dá o nome de Crista, quando naõ he se naõ pennacea. (p. 15)	1899	Que tem forma de pena.
27	piloso adj.	Sendo a folha destituida de excrescencias pilosas, verrucosas &c. (p. 222)	1836	Que tem pelos.
28	pro(e)minência sf.	He huma prominencia, que se observa logo abaixo da bocca. (p.2)	1858	Saliência, elevação.
29	pro(e)minente adj.	Assim se chama o caule triangular, quadrangular &c. pelo numero dos angulos longitudinaes prominentes... (p. 202)	1881	Saliente.
30	propelir v.	... que servem as Aves como leme, com que as mesmas Aves se propellem, e guiaõ o seu corpo. (p. 24)	1890	Impulsionar.
31	pubescente adj.	... figura convexa superiormente, e concava inferiormente, e o lado exterior mais apertado, o	1873	Que apresenta pelos à forma de penugem.

		interior mais largo, o posterior pubescente, ou com lanugem, a parte anterior mais estreita.		
32	rêmige sf.	As remiges primores quase sempre são mais apertadas, ou estreitas... (p. 24)	1813	Espécie de pena usada para o voo.
33	seminu adj.	Coxas. São seminuas, ou não tem penas na parte inferior, que fica assima dos joelhos. (p. 17)	1836	Parcialmente nu.
34	tendinoso adj.	He uma substancia, que medéa entre a parte ossea, e tendinosa. (p. 15)	1836	Relativo a tendão.
35	uropígio sm.	He o lado inferior do uropigio, ou espaço, que está entre o ano, e o ápice do mesmo. (p. 16)	1789	Apêndice onde se inserem as penas da cauda das aves.
		São as pennas da cauda pegadas em modo de pente, ou cillas ao uropygio (p. 24)		
36	vibrissa sf.	Com vibrissas, ou pelos rijos, os quaes existem em alguns Mammaes. (p. 12)	1874	Pelo rijo com função tátil que ocorre na face de alguns animais.

A esses 36 acrescentam-se ainda os cinco neologismos a seguir, registrados no dicionário Houaiss, mas sem indicação de data (ou, no caso de “carúncula”, com a indicação vaga “século XVIII”):

	Termo neológico (em grafia modernizada e lematizada)	Contexto	Data do neologismo segundo o dicionário Houaiss	Definição
1	carúncula sf.	... e tambem no Gallo se observa a mesma caruncula... (p. 15)	Século XVIII	Proeminência carnosa.

2	deflexo adj.	Sendo taõ deflexos, que chegaõ a tocar a terra... (p. 208)	Não há	Curvado para baixo.
3	entretecido adj.	Sendo cuberto de cabellos entretecidos... (p. 204)	Não há	Entrelaçado.
4	germe sm.	Pegados á raiz corpos, que contem germes, ou bulbos. (p. 195)	Não há	Estágio inicial de um vegetal.
5	verrucoso adj.	Sendo a folha destituída de excrescencias pilosas, verrucosas &c. (p. 222)	Não há	Que tem verrugas.

Foram identificados, ainda, cinco termos sem atestação no dicionário Houaiss:

	Termo neológico (em grafia modernizada e lematizada)	Contexto	Definição
1	cibário adj.	Os dentes saõ, os instrumentos cibarios, osseos, postos nas mandibulas. (p. 4)	Relativo à alimentação.
2	elongado adj.	He uma cauda elongada... (p. 2)	Esticado.
3	interscapúleo sm.	Sem pennas nos dous lados do pescoço, da cabeça até ao interscapuleo... (p. 21)	Parte do dorso entre as asas das aves.
3	íngue sf.	Nas ingues, isto he, nas virilhas. (p. 7)	Virilha.
4	júgulo sm.	O pescoço: nas Aves he naturalmente alongado, e redondo desde o jugolo até á cabeça... (p. 16)	Parte inferior do pescoço.

Dentre esses cinco termos não registrados no Houaiss, dois (*cibário* e *júgulo*) são registrados no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, que também registra o verbo *elongar* (embora não o adjetivo *elongado*); já os substantivos *íngue* e *interscapúleo* não aparecem registrados, embora se registrem os adjetivos derivados *inguinal* e *interescapular*. É possível que sejam termos que caíram em desuso, ou empregos particulares do autor do *Diccionario...* que não se difundiram posteriormente.

Esse levantamento preliminar, não exaustivo, já é suficiente para que se perceba a importância dessa obra na consolidação do vocabulário científico em língua portuguesa. Ainda que alguns desses termos não tenham tido seu primeiro emprego em português nesta obra (a confirmação disso exige mais pesquisas de datação), sua divulgação numa obra de referência e

de caráter didático como esta sem dúvida contribuiu decisivamente para a ampliação do léxico científico.

3.2 A percepção do caráter neológico

Nos casos de *cirro* (grafado *cirrho*) e *íngue* (grafado *ingue*), o autor precisou explicar, por meio de uma paráfrase introduzida pela expressão *isto é* (grafada *isto he*), o significado dos termos aos seus leitores, o que revela a sua percepção de que se trata de neologismos:

_ Cirrhosum, cirrhatum. fig. 72. 73. Terminando em cirrhos no apice, isto he, em varios filamentos, por meio dos quaes sobem por outros corpos. (p. 222)

-Inguinales. Nas ingues, isto he, nas virilhas. (p. 8)

Em outro momento, o termo *íngue* é reforçado pelo seu sinônimo não neológico:

NUDA Cutis. Sem pennas nos dous lados do pescoço, da cabeça até ao interscapuleo, e dos sovacos, ou axillas das azas pelos lados do peito até as ingues, ou virilhas, e até aos femores posteriores. (p. 21)

3.3 Formas variantes

Em cinco casos, o termo empregado por Vandelli pode ser considerado uma forma variante da forma empregada na atualidade. Em *prominencia* e *prominente* (já listados em 3.1), ocorre uma variante registrada no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, mas não no Houaiss, que registra apenas as formas com *e proeminência* e *proeminente*.

Outros três casos merecem uma discussão mais detalhada:

a) *vertex*: trata-se de um termo que designa o ponto mais alto da cabeça de um animal, conforme se observa pelo contexto:

-Verticalis. No vertex, ou ápice da cabeça. (p. 15)

No dicionário Houaiss, duas formas são registradas com essa mesma acepção: *vértice* e *vértex*:

vértice. s.m. (1789) [...] 5 ANAT ponto mais alto da cabeça; vértex (HOUAISS; VILLAR, 2001, verbete vértice)

vértex. \cs\ s.m.2n. (1858) o ponto mais alto (de algo); ápice, vértice □ v. do crânio ANAT o ponto mais alto sobre a linha mediana da abóbada craniana (HOUAISS; VILLAR, 2001, verbete vértex)

Para ambos os casos, a forma registrada em Vandelli seria considerada um neologismo (por ser datada de 1788); porém, não se tem clareza sobre se *vertex* deve ser considerado uma

variante de *vértice* ou de *vértex*. É provavelmente mais adequado considerar como uma terceira forma que caiu em desuso.

b) *cília*: é empregada com o sentido de cílio ou sobrancelha. Em particular, Vandelli emprega esse termo para descrever estruturas da língua do gambá (gênero *Didelphis*) ou as penas rêmiges das aves:

-*Subciliata*. Que tem na sua borda algumas cílias, ou fibras paralelas carnosas a modo de pastanas. *Didelphis*. (p. 7)

REMIGES Penne. São pennas a modo de cílias ou pestanas inseridas no lado posterior das azas [...] (p. 24)

A forma *cílio*, no masculino, aparentemente não é empregada na obra; já a forma *cília*, no feminino, não é registrada nem no Houaiss nem no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Não está claro se foi uma forma empregada em algum momento e, posteriormente, desusada, ou se se trata de uma idiosincrasia do autor do *Diccionario...* (que, como se sabe, não era falante nativo da língua portuguesa). A questão permanece em aberto para novas pesquisas.

c) *pétalo*: Vandelli emprega sempre essa forma masculina, não registrada nem no Houaiss nem no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, mas atestada em diversos períodos da língua portuguesa, inclusive no século XX, como se observa no trecho a seguir:

O corte transversal do tubo da corola na região mediana, mostra secção arredondada com os pétalos perfeitamente unidos. [...] Cada pétalo possui um feixe condutor do tipo colateral que chega a atingir as epidermes [...] (ESTEVEZ, 1983-1985, p. 77)

No entanto, a forma feminina *pétala* também parece ser tão antiga quanto a masculina, a julgar por esta atestação do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* de 1793 (identificada por meio de busca no *site* Google Livros):

Amor perfeito s. m. [...] Cultivase nos jardins pela belleza das suas flores, de que cada folha, ou pétala he de tres cores [...] (ACADEMIA, 1793, verbete *amor perfeito*)

Interessantemente, a forma *pétalo* seria mais justificada etimologicamente, pois de acordo com o dicionário Houaiss, seu étimo é o latim *petalum*, e não *petala* (que seria a forma do plural). Novas pesquisas são necessárias para identificar em que momento uma das formas caiu em desuso e a outra se torna a mais empregada.

3.4 Latinismos

A obra de Vandelli, um dicionário bilíngue latim-português, apresenta inúmeros termos em latim. Muitos desses termos foram posteriormente incorporados à língua portuguesa, com adaptações mínimas, e integram o dicionário Houaiss e/ou o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Alguns deles são:

divaricatus > divaricado (adj.) (sem data no Houaiss)

fastigiatus > fastigiado (adj.) (sem data no Houaiss)

frutescens > frutescente (adj.) (datado do século XIX no Houaiss)

fulcratus > fulcrado (adj.) (sem data no Houaiss)

migratio > migração (datado de 1817 no Houaiss)

prehensilis > preênsil (datado de 1877 no Houaiss)

retractilis > retrátil (datado de 1958 no Houaiss)

scapus > escapo (subst.) (datado de 1844 no Houaiss)

stipes > estipe (subst.) (datado de 1881 no Houaiss)

stoloniferus > estolonífero (adj.) (sem data no Houaiss)

suffruticosus > sufruticoso (adj.) (sem data no Houaiss)

tunicatus > tunicado (adj.) (sem data no Houaiss)

Em relação à etimologia desses termos, o dicionário Houaiss apresenta explicações diversas e conflitantes: os termos *divaricado*, *fastigiado*, *frutescente*, *migração*, *preênsil*, *estipe* e *escapo* são apresentados como de origem latina. Já os demais são considerados como tendo sido formados em português (fulcro + -ado, retract- + -il, estolon(i)- + -fero, sub- + fruticoso e túnica + -ado).

Embora não se possa considerar a presença de *fulcratus*, por exemplo, na obra de Vandelli, como uma primeira atestação do termo português *fulcrado*, pode-se considerar que o termo latino divulgado pelo *Diccionario...* sem dúvida influenciou a criação do termo português. Dessa forma, ao considerar que *fulcrado* foi um termo formado em português, o dicionário Houaiss ignora a forma latina preexistente. Observa-se, assim, que um estudo mais minucioso da obra de Vandelli trará novos olhares para a etimologia destes e de outros termos oriundos do latim científico.

Considerações finais

Apenas com um estudo preliminar como o aqui desenvolvido, já foi possível demonstrar a enorme riqueza de informações presente no *Diccionario de Termos Technicos de Historia*

Natural de Domingos Vandelli. Trata-se de uma obra de grande importância para a consolidação da terminologia portuguesa e também para a História da Ciência no mundo lusófono.

Por meio da identificação dos neologismos presentes na obra, é possível “contar a história” de inúmeros conceitos científicos, mostrando como eles surgem nas obras de outros autores (em especial, Lineu), e são difundidos em português. Além disso, como se espera ter demonstrado, não só os termos em português, mas também as formas latinas presentes na obra merecem estudos detalhados, para que se analise a incorporação de empréstimos do latim científico por parte da língua portuguesa.

Espera-se que este estudo exploratório inicial possa abrir caminhos para futuros estudos que identificarão mais detalhadamente os caminhos traçados pelos termos na língua portuguesa e, assim, contribuir também para a própria história do fazer científico no mundo lusófono. Para isso, é imprescindível identificar a “sobrevida” dos termos, observando os casos em que eles desaparecem ou mudam de significado, bem como identificar também se há atestações anteriores, seja em português, seja em latim ou outra língua, que poderão ajudar a entender a dinâmica de transmissão do conhecimento científico ao longo do tempo.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em 13.fev.2019.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. *Diccionario da Lingoa Portugeza*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1793. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=cspKAAAacAAJ>>. Acesso em 16.fev.2019.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*. Criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ALVES, Ieda Maria. Terminologia e Neologia. *TradTerm*. Vol. 7, 2001, pp. 53-70.

BARROS, L. de A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

CABRÉ, M. T. *La terminología*. Teoría, metodología, aplicaciones. Trad. para o espanhol de Carlos Tebé. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries, 1993.

ESTEVES, Vania Gonçalves Lourenço. Contribuição ao conhecimento de *Vernonia beyrichii* Less. (Compositae) – aspectos morfológicos e palinológicos. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Vol. XXVII, 1983-1985, pp. 67-85. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per065170/per065170_1983_1985_27.pdf>. Acesso em 16.fev.2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARQUES, Adílio Jorge; FILGUEIRAS, Carlos A. L. Uma família de químicos unindo Brasil e Portugal: Domingos Vandelli, José Bonifácio de Andrada e Silva e Alexandre Vandelli. *Química Nova na Escola*. Vol. 13, n. 4, nov. 2009, pp. 251-256. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc31_4/06-HQ-4009.pdf>. Acesso em 16.nov.2018.

LINNAEUS, Carolus (Lineu). *Systema Naturae*. 10. ed. Estocolmo: Impensis Laurentii Salvii, 1758. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/10277>>. Acesso em 04.fev.2019.

LINNAEUS, Carolus (Lineu). *Species Plantarum*. Estocolmo: Impensis Laurentii Salvii, 1753. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/358106>>. Acesso em 04.fev.2019.

MARONEZE, Bruno; ALVES, Ieda Maria. Um estudo de História da Terminologia: os termos em William Harvey (1628). *Polifonia*. Vol. 26, n. 41, 2019, pp. 84-102. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7117>>. Acesso em: 04.abr.2019.

MARONEZE, Bruno. *Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas*. Tese (doutoramento em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VANDELLI, Domingos; LINEU, Carlos. *De Vandelli para Lineu, de Lineu para Vandelli: correspondência entre naturalistas*. Rio de Janeiro: Dantes, 2008.

Terminologia e ensino: uma relação necessária

Mariângela de Araújo

Introdução

A Terminologia, disciplina que estuda os termos e os conceitos das diferentes áreas do conhecimento e do saber humano, começou a definir-se, como disciplina científica, a partir de 1930. Em seu início, a disciplina nasce com a preocupação de auxiliar a comunicação entre especialistas, sobretudo no que diz respeito às necessárias relações internacionais (cf. CABRÉ, 1993).

Atualmente, entretanto, a Terminologia tem passado por vários tipos de reflexões e, do ponto de vista teórico, tem-se ampliado de forma a poder abranger um maior número de situações comunicativas, em que termos e conceitos são usados e abordados.

A consciência de que a formação de especialistas passa pela aquisição de conceitos e termos fez com que terminólogos começassem a se ocupar dos termos veiculados em textos usados em cursos de graduação, na formação dos aprendizes de várias ciências e tecnologias, como exemplos no Brasil podem ser citados os trabalhos de Alves sobre a terminologia da Economia (ALVES ET AL., 2003; ALVES, 2011a e 2011b) e de Finatto sobre a terminologia da Química (FINATTO ET AL., 2002 e 2006).

Mais recentemente, começou-se a perceber que a formação de especialistas e o uso de terminologias iniciam-se antes da graduação, nos níveis anteriores da Educação, primeiramente com estudos abordando os níveis médio e fundamental II (por exemplo, COSTA, 2000; CANO, 2005). Posteriormente, percebeu-se que o uso de termos e a formação dos conceitos inicia-se bem antes, na mais tenra idade. Nesse sentido, iniciou-se uma preocupação terminológica buscando averiguar como as crianças entendem os conceitos científicos (ESTOPÁ, 2014) e como os termos são apresentados às crianças nos primeiros anos de sua escolaridade (ARAÚJO, 2012; ARAÚJO e SOUZA, 2015, 2017).

Assim, neste texto, serão abordadas as relações entre a linguagem e o desenvolvimento dos conceitos científicos, de maneira a evidenciar o fato de que o ensino das diferentes disciplinas passa pelo ensino das palavras relacionadas a elas (termos) e o ensino de língua materna não pode deixar de evidenciar as palavras e os textos usados para a transmitir os diferentes conhecimentos relacionados às diferentes áreas do saber.

1 A relação entre conceitos científicos e linguagem

Quando se fala da relação entre o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento dos conceitos científicos não se pode deixar de mencionar os trabalhos de Vigotski, uma vez que seus estudos buscam, de forma consistente, relacionar a linguagem e o desenvolvimento dos conceitos. Essa relação é estabelecida pelo autor, sobretudo, no livro *A construção do pensamento e da linguagem*.

Para Vigotski, há uma estreita relação entre o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento do pensamento humano. Quer dizer, os processos de desenvolvimento da linguagem e do pensamento são simultâneos e estão intrinsecamente relacionados.

Segundo o autor, o processo de aquisição lexical inicia-se na criança em tenra idade, porém essa aquisição ocorre em uma série de fases, em que o entendimento das crianças passa por mudanças em relação a esse objeto: “[...] durante muito tempo a palavra é, para a criança, antes um atributo (Wallon), uma propriedade (Koffka) do objeto, paralelamente a outras propriedades, que um símbolo ou um signo”. (VIGOTSKI, 2001, p. 102)

Assim sendo, segundo evidenciam os estudos, em um primeiro momento da aquisição de palavras, as crianças não são capazes de generalizar: a palavra denomina um objeto específico no mundo e faz parte dele, ou seja, não é um signo, uma vez que não denomina um conceito ou significado, mas está estritamente ligado a um referente do mundo.

Com o passar do tempo, ainda segundo Vigotski, a criança vai passando por um processo de generalização das palavras, de modo a começar a aplicá-las a um grupo maior de objetos existentes no mundo. No entanto, esse processo de generalização vai-se constituindo aos poucos, de acordo com as hipóteses que a criança tem sobre as características em comum entre os objetos. Nesse sentido, Vigotski afirma que o pensamento por conceitos só se desenvolve plenamente na adolescência. Antes disso, a criança apresenta um ‘pensamento por complexos’.

Se o primeiro estágio do desenvolvimento do pensamento se caracteriza pela construção de imagens sincréticas, que na criança são equivalentes dos nossos conceitos, o segundo estágio se caracteriza pela construção de complexos que têm o mesmo sentido funcional. [...] Essa passagem para o tipo superior de pensamento consiste em que, em vez do ‘nexo desconexo’ que serve de base à imagem sincrética, a criança começa a unificar objetos homogêneos em um grupo comum, a complexificá-los já segundo às leis dos vínculos objetivos que ela descobre em tais objetos.

[...] O pensamento por complexos já constitui um pensamento coerente e objetivo. Estamos diante de dois novos traços essenciais, que o colocam bem acima do estágio anterior mas, ao mesmo tempo, essa coerência e essa objetividade ainda não são aquela coerência característica do pensamento conceitual que o adolescente atinge. (VIGOTSKI, 2001, p. 179)

Dessa forma, apesar de o ‘pensamento por complexos’ consistir em um importante passo no desenvolvimento da criança, é importante ressaltar que ainda não se está diante de um pensamento conceitual e, apesar da generalização, esta não se dá por meio das relações coerentes e abstratas construídas pelos adultos, e sim por hipóteses que permitem à criança um agrupamento de coisas que, para ela, são semelhantes. Segundo Vigotski (2001, pp. 180-1), se no conceito os objetos são generalizados por um traço, constituindo-se por um vínculo uniforme, no complexo o vínculo é factual e concreto. Por essa razão, é tão comum nessa fase do ensino o uso das imagens e da experimentação. No entanto, as palavras e os textos estão lá presentes nos livros e nos discursos do professor, associados aos elementos mais concretos que podem levar então ao estabelecimento de vínculos, que visem à generalização e à construção de conceitos.

Caminhando, então, para a aquisição dos conceitos relacionados à ciência, é importante destacar que, para Vigotski, o processo de aquisição de conceitos científicos ocorre de modo diferente da aquisição de conceitos denominados por ele como “conceitos espontâneos”.

[...] é necessário elucidar como, em linhas gerais, relacionam-se entre si o processo de formação de conceitos científicos e aqueles conceitos que Tolstói tem em vista e que, por se originarem da experiência vital direta da criança, poderiam ser convencionalmente designados conceitos espontâneos. (VIGOTSKI, 2001, p. 251)

Nesse sentido, parece haver certa divergência entre a concepção de Vigotski e as concepções atuais da Terminologia, tendo em vista as teorias mais recentes. Referentemente à Teoria Comunicativa da Terminologia, por exemplo, lê-se que:

[...] nossa proposta parte do pressuposto de que os termos não são unidades isoladas que constituem um sistema próprio, mas unidades que se incorporam ao léxico de um falante quando adquire o papel de especialista pela aprendizagem de conhecimentos especializados. (CABRÉ, 1999, p. 118)

Tal divergência pode, porém, se desfazer ao refletir-se que a diferença não está exatamente no processo pelo qual a criança passa, mas, antes disso, na maneira como o conceito científico é ensinado para a criança. Em relação às concepções espontâneas, estas são adquiridas sem que haja, necessariamente, por parte dos indivíduos que convivem com a criança uma formulação da definição, ao passo que os conceitos científicos passam por essa formulação, ou seja, os professores, no geral, apresentam definições, direcionando a percepção dos alunos quanto ao seu entendimento. Nesse sentido, afirma Vigotski:

[...] a força e a fraqueza dos conceitos espontâneos e científicos no aluno escolar são inteiramente diversas: naquilo em que os conceitos científicos são fortes os espontâneos são fracos, e vice-versa, a força dos conceitos espontâneos são a fraqueza dos científicos. [...] É amplamente conhecido o fato de que a criança formula melhor o que é a lei de Arquimedes do que o que é irmão. [...] A criança assimila o conceito sobre a lei de Arquimedes de modo diferente do que assimila o conceito de irmão. (VIGOTSKI, 2001, p.264)

Por meio dos exemplos apresentados por Vigotski pode-se entender que, no geral, as crianças não recebem “explicitamente” a formulação do que é irmão, ou seja, no geral, a palavra irmão não é definida para a criança; ao contrário, ela experencia em seu cotidiano o que é um irmão, podendo atribuir significações subjetivas a esse conceito. Nesse sentido, não é raro, por exemplo, que crianças não entendam bem, ou adquiram tardiamente, a relação de parentesco existente entre os seus tios e seu pai ou sua mãe. Ao contrário, *Lei de Arquimedes* é um conceito apresentado à criança na escola; assim, o professor apresentará o termo e o explicará ao aluno, oferecendo provavelmente uma definição. Antes de sua entrada na escola, é provável que a criança nunca tenha entrado em contato com esse conceito e com o termo que o denomina. Sendo assim, quando a criança recebe a demanda para definir o termo, ela se utilizará da informação adquirida e memorizada, tendo provavelmente mais facilidade para apresentar uma definição.

2 Os termos das ciências naturais e as crianças

Nesta seção deste texto é importante demonstrar como as crianças, em tenra idade, passam a lidar com os termos/conceitos que lhes são apresentados nas aulas de Ciências Naturais.

Para que se possa iniciar essa reflexão é importante ter em mente que, ao mesmo tempo em que as crianças lidam com termos mais ‘desconhecidos’, que lhes são apresentados ou definidos pela escola, elas também terão de lidar com palavras já conhecidas que vão ganhando uma especialização. Assim, pode-se dizer que nem sempre é possível estabelecer uma distinção clara entre ‘conceitos científicos’ e ‘conceitos espontâneos’, uma vez que os últimos podem passar a ‘ganhar’ cientificidade.

A seguir serão apresentados alguns termos, com seus contextos de uso, encontrados em livros didáticos das áreas de Ciências Naturais destinados a alunos do ensino fundamental I.

Você já parou para pensar como as <ondas sonoras> são produzidas nos sons que ouvimos?

As <ondas sonoras> entram pela <orelha externa>, passam pelo <meato acústico externo> e chegam à <membrana timpânica>. (Porta Aberta – Ciências, 2.º ano, p.17)

As <algas> são <organismos> que fazem <fotossíntese> e liberam <gás oxigênio> no ar. O que é chamado de <algas> abrange uma grande diversidade de <organismos fotossintetizantes>, desde <organismos unicelulares>, como as <cianobactérias>, os componentes do <fitoplancton> (<dinoflagelados> e <diatomáceas>), até as <algas macroscópicas> que encontramos na praia. (Buriti – Ciências, 2.º ano, p. 24)

<Minerais> são <elementos> ou <compostos químicos> com <composição> definida dentro de certos limites, <crystalizados> e formados naturalmente por meio de <processos geológicos inorgânicos>, na <Terra> ou em <corpos extraterrestres>. A <composição química> e as <propriedades cristalográficas> bem definidas do <mineral> fazem com que ele seja único dentro do <reino mineral> e, assim, receba um nome característico. (Buriti – Ciências, 3.º ano, p. 25)

A <decomposição> do lixo pelos <micro-organismos> produz <metano>, um <gás inflamável>. Esse <gás> pode ser queimado no próprio <aterro> ou também ser recolhido e tratado para ser utilizado como <combustível>. (Porta Aberta – Ciências, 4.º ano, p. 119)

Os exemplos apresentados demonstram a inserção de termos nos livros didáticos e, por conseguinte, a densidade terminológica existente nesses textos. Pode-se verificar que os termos apresentados não são banais e que denominam conceitos de alta cientificidade, dificilmente utilizados em situações cotidianas vivenciadas pelas crianças em casa. Esses termos devem ser tratados pelo professor e definidos, para que a criança possa entender o texto didático. Note-se que, devido à densidade terminológica dos textos, não há como a criança fazer inferências, para entendê-los minimamente é necessário que se saiba, mesmo que não detalhadamente, o que significam os termos.

Nesse sentido, o professor, que no fundamental I é polivalente, terá de apresentar os conceitos aos alunos nas aulas de Ciências; ao mesmo tempo poderá trabalhar com os alunos a interpretação do texto e demonstrar como os termos são importantes na construção dos textos relativos a diferentes áreas do conhecimento, podendo, ainda, elaborar com os alunos pequenos glossários. Nessa dinâmica, o professor poderá demonstrar e analisar com os alunos alguns verbetes de dicionários, verificando as informações contidas e como são elaboradas as definições; pode ainda lançar mão de recursos visuais, que estão presentes em dicionários voltados para essa faixa etária. Outra observação que se pode fazer, em séries mais avançadas (no quarto e no quinto ano, por exemplo, em que a alfabetização já está mais consolidada), é chamar a atenção para os termos complexos, em que as palavras não podem ser entendidas isoladamente, mas formam um todo significativo.

Além disso, como se afirmou anteriormente, encontram-se termos nos livros com os quais a criança tem um contato cotidiano, porém no contexto empregado estes ganham

cientificidade, não podendo ser mais entendidos, no contexto da área de especialidade e no livro didático, da mesma forma como são entendidos em contextos familiares e informais. Observem-se os contextos a seguir.

<Alimentos> como pães, bolos, cereais, raízes e tubérculos têm carboidratos e fornecem <energia> para as atividades do dia a dia. Os carboidratos também são conhecidos como <açúcares>. (Coleção Pitangá Ciências, 2º ano, p. 26)

O <Sol> é a principal fonte de <calor> do <planeta>. Sem o <calor> fornecido pelos raios solares, a <Terra> seria tão fria que, provavelmente, os seres vivos que existem hoje não conseguiriam mais viver no <planeta>. (Coleção Pitangá Ciências, 3.º ano, p. 36)

Em Ciência, denomina-se <energia> a capacidade de realizar <trabalho>; considera-se que um <trabalho> é produzido quando origina <movimento> ou algum tipo de <deformação>. O <trabalho> é numericamente igual ao valor de uma <força> multiplicado pelo <deslocamento> que essa <força> produz a partir de determinado ponto. Matematicamente, essa relação é expressada pela fórmula: $T = F \times d$, em que T é o <trabalho> realizado pela <força> F no <deslocamento> d ao longo da <direção> da <força>. (Coleção Buriti Ciências, 4º ano, p. 94)

Nos contextos apresentados, foram destacados termos que são usados cotidianamente pelas crianças, porém com um significado científico e específico, diferente daquele usado comumente. Assim sendo, a criança tem de fazer um esforço para perceber que não pode atribuir a esses termos o significado impreciso e genérico já conhecido, uma vez que este não está imbuído da cientificidade exigida pela área de especialidade.

Nesse sentido, para o professor, pode tornar-se ainda mais difícil trabalhar com esses conceitos, pois os alunos já trazem um conhecimento prévio, que não pode ser descartado, uma vez que é pertinente em usos cotidianos, mas que podem trazer obstáculos para a aprendizagem do conhecimento científico. A título de ilustração podem ser apresentadas algumas das características definitórias dadas, com alta frequência, por alunos do sexto ano do ensino fundamental para o termo *água* (PUPIM, 2016, p. 67):

“É um líquido.”

“Serve para beber, tomar banho, lavar a louça, o quintal, fazer comida etc.”

“Serve para beber.”

“É muito importante.”

“Mata a sede das pessoas.”

“É uma coisa.”

Por meio dessas definições, consegue-se verificar que, mesmo em ambiente escolar, os estudantes trazem em suas definições as suas experiências de mundo, ainda que cientificamente essas experiências não expressem adequadamente o conceito. É de se notar, por exemplo, o fato de grande parte dos estudantes afirmarem que a água é um líquido em suas definições, embora já tenham aprendido que a água pode apresentar-se em três estados, o sólido, o líquido e o gasoso. Cabe, assim, ao professor continuar apresentando o conceito científico de maneira adequada e proporcionando aos alunos a experimentação, para que possam avançar em relação ao conceito espontâneo. Também seria um exercício salutar apresentar para os estudantes a polissemia que a maior parte das palavras apresenta. Com isso, o professor utiliza os conceitos estudados em Língua Portuguesa para ajudar na compreensão de termos das Ciências.

Considerações finais

Neste texto, buscou-se demonstrar a importância de haver uma aproximação entre a Terminologia e o Ensino. Essa aproximação não é apenas algo possível, mas essencial, caso se tenha a dimensão de que a formação de especialistas se inicia desde os primeiros anos do ensino básico. Houve uma época em que esses primeiros anos buscavam apenas garantir a aprendizagem da escrita e da leitura, além das formulações básicas de Matemática (que também apresenta o seu conjunto de palavras específicas); atualmente, porém, as disciplinas de Ciências, História e Geografia ganharam mais efetividade nessas séries iniciais, fato que demanda uma atenção especial por parte do professor com aos conceitos e os termos associados a eles.

Um fato interessante e que pode ser usado muito a favor, nesses anos iniciais do ensino fundamental, embora também possa ser visto de maneira negativa, é que o professor nesse nível de ensino é polivalente. Aquilo que pode ser apontado como um problema – o fato de o professor não ser especialista nas diferentes disciplinas – pode também ser usado a favor: há um grande espaço nesse nível de ensino para a interdisciplinaridade. Essa interdisciplinaridade facilita o intercâmbio de conhecimentos. Ou seja, um assunto ou texto trabalhado em Ciências ou História, por exemplo, pode com bastante facilidade se tornar objeto das aulas de Língua Materna, o que pode tornar-se um grande ganho para o estudante.

Há de se dizer ainda, nestas considerações, que essa interdisciplinaridade deveria continuar e se aprofundar nos níveis seguintes do ensino, de forma que o professor de língua materna pudesse utilizar-se de textos das diferentes especialidades, atuando colaborativamente com os professores de outras disciplinas, uma vez que o maior veículo que se tem para a troca de conhecimentos é a língua, por meio das suas palavras e de seus textos.

Assim, conclui-se que a aproximação entre a Terminologia e o Ensino seria, portanto, de grande valia para estudantes e professores.

Referências

- ALVES, I. M.; SILVA, M. M. A.; ARAÚJO, M. O léxico nas línguas especializadas. In: Claudio Cesar Henriques (Org.). *Linguagem, conhecimento e aplicações: estudos de língua e linguagem*. Rio de Janeiro: Europa, 2003, p. 32-39.
- ALVES, I. M. Neologia tradutiva em textos de Economia. *ReCIT. Revista del Área de Traductología*, v. 02, 2011, p. 97-110.
- ALVES, I. M. Adjetivos de carácter opositivo na formação de termos sintagmáticos da Economia. *Organon (UFRGS)*, v. 25, 2011, p. 221-239.
- ARAÚJO, M. Terminologia, crianças e professores: as Ciências Naturais no ensino fundamental I. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2012, v. VI, p. 477-487.
- ARAÚJO, M.; SOUZA, P. H. Conceitos, concepções alternativas e ensino de Ciência: uma investigação baseada em estudos terminológicos. *Anais do X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Águas de Lindoia: ENPEC, 2015. p. 1-8.
- ARAÚJO, M.; SOUZA, P. H. Terminologia e ensino de ciência: o calor nos livros didáticos de Ciências para alunos do ensino fundamental I. *Anais do XXII Simpósio Nacional de Ensino de Física*. "A Física e o cidadão contemporâneo". São Carlos, 2017. p. 1-8.
- CABRÉ, M.T. *La Terminología. Teoría, metodología y aplicaciones*. Barcelona: Ed. Antártida; Empúries, 1993.
- CABRÉ, M. T. *La Terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada / Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- CANO, W. M. Uma aplicação pedagógica da terminologia: um dicionário escolar de Ciências. *Revista do GELNE (UFC)*, Fortaleza, v. 4, n.1/2, 2005, p. 168-171.
- COSTA, L.C. O ensino/aprendizagem da terminologia técnico-científica no ensino médio brasileiro. *Acta Semiótica et Lingvistica*. v. 8, n. 1, 2000.
- ESTOPÀ, R. Construir para deconstruir y volver a construir: elaboración colaborativa de un diccionario escolar de ciencias. *Enseñanza de las ciencias: revista de investigación y experiencias didácticas*. n_32.3, 2014, p. 571-590.
- FINATTO, M. J. B.; BARBOSA, R. G.; DEL PINO, J. R. Da linguagem da Química: modalização e causalidade em textos didáticos os didáticos. *Contrapontos*. V. 6, n. 2, 2006, p. 263-280.

FINATTO, M. J. B.; ENZWEILER, N.; HUANG, C.; EICHLER, M.; DEL PINO, J. R. Manuais acadêmicos de química geral em língua portuguesa: aspectos lingüístico-terminológicos e aspectos conceituais. *Tradterm*, 8, 2002, p. 211-240. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2002.49131>

PUPIM, E. L. *Um diálogo entre o ensino de Língua Portuguesa e as Ciências Naturais: a aquisição de termos no Ensino Fundamental*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. 125 f.

VIGOTSKI, L. V. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Competência lexical e ensino²⁴

Beatriz Daruj Gil

Introdução

Definir o que é necessário conhecer sobre uma unidade lexical, que não seja exclusivamente seu significado mais frequente, é um assunto tratado nos estudos linguísticos já há algumas décadas. Descreveu-se um conjunto de aspectos da unidade lexical articulados a todos os módulos da língua: fonética, morfologia, sintaxe, semântica e discurso, definindo-se que o saber lexical envolve um saber semântico, gramatical e discursivo, dos quais também depende.

Esse conhecimento desenvolvido estendeu-se também aos que se preocupam com o ensino do léxico e contribuiu para que se aprimorassem as práticas de ensino de vocabulário, que passaram a se orientar, ao longo do tempo, mais ao emprego do léxico, abandonando-se assim a visão ultrapassada de que conhecer uma unidade lexical é conhecer um de seus significados.

Neste capítulo, procura-se revisar um conjunto de teorias sobre competência lexical (LADO, 1958; RICHARDS, 1976; NATION, 1990, 2005; SCHIMITT e MC CARTHY, 1997; SCHIMITT, 2010; LEFFA, 2000; SCARAMUCCI, 2007) e sintetizar quais dimensões devem constituir o saber lexical a ser ensinado e aprendido na escola. Ao final, trata-se de exemplificar como algumas dessas dimensões podem ser desenvolvidas na análise de unidades lexicais de um texto jornalístico.

1 Aspectos da competência lexical

Preocupado com o papel do vocabulário nos programas escolares, Richards (1976), já há mais de quatro décadas, procurou discutir o que significa conhecer uma unidade lexical, como ela é acionada na memória e quais são as dimensões do seu uso, temas que não se traduzem diretamente em procedimentos de ensino, mas que são essenciais para o entendimento da competência lexical. Organizou-os em um conjunto de oito pressupostos relativos à natureza da competência lexical e, em seguida, mostrou como eles podem servir de orientação para um programa de ensino do léxico. Dentre os pressupostos, além do primeiro, em que se determina que o falante nativo de uma língua segue expandindo seu vocabulário na idade adulta, ao passo

²⁴ Este estudo faz parte da pesquisa de pós-doutorado realizada pela autora, no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos – UFScar, em 2018 e 2019.

que, comparativamente, a sintaxe tem apenas um pequeno desenvolvimento, os outros sete definem que conhecer uma unidade lexical significa ou implica em conhecer: a) a probabilidade de sua ocorrência na fala e na escrita e o tipo de unidades do léxico que costumam andar acompanhadas; b) as limitações impostas no uso de acordo com a variação de função e de situação; c) o comportamento sintático associado àquela unidade; d) a sua forma e estrutura de base e suas derivações; e) as suas relações associativas no nível do paradigma; f) o seu valor semântico; g) os diferentes significados associados a ela.

Se por meio do primeiro pressuposto conclui-se que o indivíduo não cessa de ampliar seu vocabulário ao longo da vida, nos outros sete, percebe-se quais são os aspectos e comportamento das unidades lexicais que se segue aprendendo na vida adulta. O que se vê nesses sete pressupostos é que ampliar o vocabulário, na perspectiva do autor, não significa ampliar a quantidade de signos e significados conhecidos, como se costumava ensinar em uma tradição escolar mais antiga, por meio de listas de palavras ou de exercícios de sinonímia isolados de um texto. Significa saber empregar o léxico, o que define uma *dimensão discursiva* do vocabulário, e que pode ser vista nos pressupostos *a* e *b*. Muito mais tarde, Oliveira (2007), ao analisar textos de vestibulandos e de calouros de uma universidade do Rio de Janeiro, também chama atenção para o fato de que o grande desafio, concernente ao ensino do léxico, é ensinar o aluno a empregar o vocabulário.

Os pressupostos também chamam atenção para o fato de que o conhecimento lexical tem uma *dimensão gramatical*, a medida em que se considera o conhecimento da formação de palavras como parte da competência lexical, assim como as relações sintáticas estabelecidas pela unidade lexical, como se vê nos pressupostos *c* e *d*.

Finalmente, nos pressupostos *e*, *f*, *g*, encontra-se uma *dimensão semântica* do conhecimento lexical, que, contrária à tradição de que estudar léxico significa conhecer um significado da unidade lexical, em geral visto como significado absoluto, materializa-se por meio da ênfase às relações associativas da unidade lexical no nível do paradigma, aos traços semânticos e à polissemia, em que se ressalta a maleabilidade do léxico em sua atualização discursiva.

Ao tratar dos padrões de dificuldade do vocabulário, Lado (1955), sem negar a existência da unidade lexical como unidade da linguagem, já considerava indevido e desajustado ao pensamento linguístico moderno a negligência à sua estrutura formal e gramatical.

Considerou também aspectos das dimensões semântica, gramatical e discursiva do léxico, sintetizadas nos pressupostos de Richards (1976), duas décadas mais tarde. Dentre esses aspectos da unidade lexical, Lado (1955) destaca três sem os quais não se poderia analisar o ensino e aprendizagem do léxico: a forma, o significado e a distribuição das unidades lexicais em

categorias gramaticais. Em relação à forma, trata da variação da expressão sonora nos usos linguísticos. Quanto ao significado, explora mais extensamente aspectos como: a) a variação semântica frequente nos usos de cada cultura; b) a maleabilidade do significado das palavras, com ênfase na importância da polissemia na aprendizagem de línguas; c) as diferenças entre significado lexical, morfológico e sintático. Já em relação à distribuição, trata da variação da categorização das unidades lexicais em línguas diferentes e também da relação das classes de unidades lexicais com o significado, a forma, a função gramatical.

Mais tarde, Nation (1990) retoma o questionamento de Richards (1976) sobre o que está envolvido no conhecimento de uma palavra. Parte do pressuposto de que é o professor quem deve controlar o vocabulário com que os alunos lidam na aula, enfatizando unidades lexicais a serem ensinadas e aprendidas, ajudando os alunos a fazerem analogias e construir padrões lexicais e decidirem que características das unidades lexicais merecem atenção. O autor acredita que os esforços empreendidos na aprendizagem do léxico, chamados por ele de *learning burden* da unidade lexical (NATION,1990), podem ser minimizados se alunos e professores utilizarem padrões semânticos e outras regularidades da linguagem. Para Nation (1990), conhecer uma unidade lexical envolve um saber pluridimensional. Ele divide o que considera importante saber sobre a unidade lexical em conteúdos do conhecimento receptivo e do conhecimento ativo e organiza aspectos da **forma, da gramática, da função e do significado**, nos dois tipos de conhecimento, que poderiam servir de fundamento para o ensino pluridimensional do léxico. A seguir apresenta-se o quadro organizado por Nation (1990, p. 31), sobre esses aspectos pluridimensionais:

Quadro 1

Conhecendo uma palavra

Forma			
	Forma falada	Conhecimento receptivo	A expressão sonora da unidade lexical parece com quê?
		Conhecimento produtivo	Como a unidade lexical é pronunciada?
	Forma escrita	Conhecimento receptivo	A unidade lexical parece com quê?
		Conhecimento produtivo	Como a unidade lexical é escrita?

Gramática	Posição sintática	Conhecimento receptivo	Em que posição sintática a unidade lexical costuma ocorrer?
		Conhecimento produtivo	Em que posição sintática deve-se utilizar a unidade lexical?
	Colocações	Conhecimento receptivo	Que unidades lexicais ou tipos de unidades lexicais são esperados antes ou depois de determinada unidade lexical?
		Conhecimento produtivo	Que unidades lexicais ou tipos de unidades lexicais deve-se usar junto com determinada unidade lexical?
Função	Frequência	Conhecimento receptivo	A unidade lexical é frequentemente utilizada?
		Conhecimento produtivo	Com que frequência se deve utilizar determinada unidade lexical?
	Adequação	Conhecimento receptivo	Onde se pode esperar encontrar a unidade lexical?
		Conhecimento produtivo	Onde a unidade lexical pode ser usada?
Significado	Conceito	Conhecimento receptivo	O que a unidade lexical significa?

	Conhecimento produtivo	Que unidade lexical deve ser usada para expressar um determinado significado?
Associações	Conhecimento receptivo	Como outras unidades lexicais interferem no que se pensa sobre uma unidade lexical?
	Conhecimento produtivo	Que outras unidades lexicais podem ser usadas no lugar de determinada unidade lexical?

(extraída de: NATION, I. S.P. **Teaching and learning vocabulary**. Boston: Heinle & Heinle, 1990, p. 31) Tradução nossa.

No que se refere à dimensão da gramática, por exemplo, conhecer a unidade lexical é saber, na leitura, em qual estrutura gramatical ela costuma aparecer, e, na escrita, saber usar a unidade no padrão gramatical adequado. Conhecer um verbo significa saber que ele pode ser complementado por um objeto direto ou indireto ou modificado por um adjunto adverbial, como em **Encontramos o caminho rapidamente**, em que o verbo **encontramos** é complementado pelo objeto direto **o caminho** e modificado pelo adjunto adverbial **rapidamente**. Da mesma forma, conhecer um substantivo é saber que ele pode ser complementado ou modificado, como em **feliz lembrança do passado**, em que **lembrança** é complementada pelo complemento nominal **do passado** e modificada pelo adjunto adnominal **feliz** (NATION, 1990). Conhecer as informações sintáticas contidas na unidade lexical contribui para que se acesse o significado em uma perspectiva relacional.

No aspecto do significado, como se vê no quadro 1, Nation (1990) chama atenção para a rede de associações da qual uma unidade lexical pode participar e que pode definir seu sentido. Conhecer a unidade lexical é também saber escolher, em um conjunto de parassinônimos, o que produz o efeito de sentido adequado às intenções que se tem no ato enunciativo. A unidade **professor** é, por exemplo, preferencial em um maior número de contextos, em relação a sua parassinônima **docente**, em função de ser mais frequente, mais conhecida, diferentemente de **docente**, que pode causar estranheza em um uso mais comum e corrente da língua.

Esse aspecto semântico da unidade lexical está completamente associado a outro, chamado por Nation (1990) de **adequação**, subdivisão do item **função**, ao qual subjaz o conhecimento dos efeitos de sentido associados aos contextos mais adequados para cada enunciação. Isso significa que conhecer o contexto de uso de cada unidade lexical faz parte do significado da unidade.

Ainda no tópico **significado**, Nation (1990) trata das **associações** e chama atenção para a natureza estrutural do léxico, já que as unidades lexicais da língua não se encontram estocadas na memória do usuário de forma livre e desordenada. Ao contrário, organizam-se em redes associativas de tipos variados. Uma delas é a organização em campos léxico-semânticos. As associações estabelecidas pela unidade lexical são também parte do seu significado, já que uma unidade tem seu significado delimitado em oposição a sua companheira do campo léxico-semântico. No que se refere ao ensino, o conhecimento dessa rede ou de parte dela permite ao aprendiz escolher qual unidade usar em cada contexto de enunciação, considerando a história de usos dessa unidade.

Em obra mais recente, Nation (2005) reagrupa em três tipos os aspectos da unidade lexical que devem ser ensinados: **significado, forma e uso**. No que se refere ao **uso**, o autor mescla aspectos discursivos com o que anteriormente (NATION, 1990) ele tinha agrupado no aspecto **gramática**. Além de tratar dos padrões gramaticais e da colocação, ele inclui as **restrições de uso** que consistem no conhecimento de quando uma unidade lexical pode ou não pode ser utilizada em determinado contexto. Além disso, sugere exercícios para explorar o uso, em que o estudante deveria ser levado a conversar sobre o significado, forma, pronúncia, afixos e raiz, etimologia, colocação e padrões gramaticais da unidade lexical, o que sugere que, para o autor, é no nível do uso que todos os aspectos da competência lexical devem ser explorados em sala de aula.

O conhecimento desses aspectos da unidade lexical constitui a competência lexical do indivíduo. Nation (1990) acredita que o ensino e aprendizagem desses aspectos faz diminuir o esforço que o aprendiz tem que fazer para aprender e memorizar as unidades lexicais, ou, em palavras do autor, diminuir o *learning burden*. Por isso, em toda a discussão promovida por Nation (1990) está presente o princípio de que quanto mais previsíveis forem, para o aprendiz, as características de uma unidade lexical, tanto no nível formal, gramatical, funcional ou semântico, mais suave será o *learning burden*.

Schmitt (2010) discute os vários tipos de conhecimento lexical necessários para o uso apropriado de uma unidade lexical em contextos variados. Acredita que é preciso haver, nas práticas de ensino e aprendizagem de vocabulário, um aprofundamento na investigação em todas as dimensões da unidade lexical que permitem conhecê-la.

Ao tratar dos vários tipos de conhecimento lexical necessários para usar uma unidade lexical, Schimitt (2010) considera que associar o conhecimento de uma unidade ao conhecimento do que ela significa é apenas o primeiro passo. Com esse conhecimento é possível apenas usá-la de forma muito básica, e pouco provavelmente será possível utilizá-la em contextos variados. Para isso será necessário um conhecimento mais profundo da unidade lexical. Retoma assim o conjunto de tipos de conhecimento lexical elaborado por Richards (1976), e aprimorado por Nation (1990), reafirmando sua importância. Enfatiza que conhecer o significado pleno da unidade lexical envolve conhecer diferentes sentidos, chamando atenção para o fenômeno da polissemia como parte essencial do estudo do léxico.

Retoma também a estrutura gramatical da unidade lexical (categorização, flexão e derivação); a colocação, como relação de unidades que se atualizam frequentemente juntas; o registro, que significa a apropriação da unidade para gêneros mais ou menos formais; a frequência com que a unidade lexical ocorre em determinado discurso e as associações paradigmáticas que as unidades estabelecem, organizando-se em campos léxico-semânticos.

Para Schimitt e Mc Carthy (1997), é muito mais fácil aprender conteúdos formais, semânticos e gramaticais da unidade lexical do que aprender tipos de conhecimento contextual do léxico. Para isso seria necessário que o aprendiz fosse exposto inúmeras vezes aos contextos variados em que aparece determinada unidade lexical, principalmente no que se refere ao estudo da língua estrangeira. É possível ensinar, por exemplo, várias colocações de uma unidade lexical, mas impossível ensinar unidades com as quais não se estabelece relação de colocação. Concluem os autores que os tipos de conhecimento lexical se dividem entre os que são facilmente desenvolvidos pelo professor e aqueles que dependem da exposição do aprendiz a contextos variados.

Para Scaramucci (2007: 75), o modelo proposto por Richards (1976), do qual se partiu neste artigo, ampliou “o conhecimento da palavra para além de seu significado, passando a incluir suas frequências/colocações, registros, comportamento sintático, derivação/flexões, associações, significados denotativo e conotativo”. A autora adverte, contudo, que esse modelo não incorpora a dimensão do uso do conhecimento lexical por meio da qual se constrói a compreensão. É por isso que ela propõe que se adicione ao modelo de conhecimento lexical de Richards (1976) “um nível discursivo/pragmático, incorporando à dimensão linguística também uma dimensão de uso, ou cognitiva” (SCARAMUCCI, p. 75).

Essa dimensão do uso deve se desenvolver junto à dimensão linguística do conhecimento lexical, por meio da qual será possível saber empregar a unidade lexical. A autora defende que essa dimensão discursiva contribui para o acesso ao significado mais imediato da

unidade lexical, no ato da decodificação, assim como para a construção de sentido do texto (SCARAMUCCI, 1995, 2007).

Scaramucci (2007) realizou pesquisa com estudantes universitários que cursavam a disciplina Inglês Instrumental, com foco na competência lexical, incluindo o conhecimento e o uso lexical no processo de construção do sentido. Identificou, por exemplo, que, nesse processo, o desconhecimento do significado de uma unidade lexical depende também de um “bloco de informações” (SCARAMUCCI, 2007, p. 84) porque as unidades lexicais, para além de seu significado isolado, contém informações sobre como se relacionam umas com as outras. Conclui a autora que, na situação de uso, o acesso ao significado exige conhecimento de relações de outros níveis linguísticos, como as morfossintáticas, e não apenas o conhecimento lexical. Tampouco depende do encontro de um equivalente lexical.

Leffa (2000) destaca a importância da frequência como aspecto externo da aquisição lexical, fundamental para a composição e compreensão de um texto. É em relação aos aspectos internos que o autor define o conhecimento que é preciso oferecer ao aluno para sua aquisição lexical. Reúne então os saberes sobre a unidade lexical e que deveriam ser ensinados: a) a probabilidade de ocorrência da unidade lexical na fala e na escrita; b) a colocabilidade com outras unidades lexicais (unidades lexicais que costumam aparecer juntas); c) compostos sintagmáticos formados pela unidade lexical; d) a limitação de registro de acepções de uma unidade lexical; e) derivações e flexões da unidade lexical; f) classificação gramatical das unidades lexicais; g) relações paradigmáticas estabelecidas pela unidade lexical; h) valores denotativos e conotativos da unidade lexical.

Assim como Richards (1976) e Nation (1990), Leffa trata de aspectos gramaticais da unidade lexical que devem ser ensinados: colocabilidade, compostos, derivações e flexões, e classificação gramatical. Um exemplo de colocabilidade seria o caso da unidade lexical **céu** que costuma aparecer acompanhada por **azul**. Em relação aos compostos, **céu** aparece, por exemplo, em **arranha-céu**. Já no caso das derivações, **bonitinho** ou **bonitinha** podem ser exemplos de usos em que o acréscimo do afixo **inho** ou **inha** à raiz constrói o sentido de **pouca beleza**. Quanto às flexões, são as desinências nominais e verbais que colaboram para a formação de nomes e, no caso dos verbos da língua, variando no tempo e no modo, como em **encontrar, encontra, encontrou, encontrasse, encontre**. Há também casos em que uma desinência habitualmente utilizada para flexão de número, ganha sentidos variados como em **necessidade** (o que não se pode evitar, necessário) e **necessidades** (funções fisiológicas). No caso da categorização gramatical, é preciso que se ensine, por exemplo, que **malvado**, apesar de frequentemente ser adjetivo, atualiza-se como substantivo em **o malvado**, em função de sua associação ao artigo **o**.

Leffa (2000) também considera aspectos semânticos da unidade lexical como as relações paradigmáticas e os valores denotativos e conotativos. As relações paradigmáticas podem aparecer no texto e no repertório dos leitores. Em um texto cujo tema é futebol, é possível encontrar unidades lexicais relacionadas no nível do paradigma, como **pênalti, bater o pênalti** (ponto de vista do jogador), **defender o pênalti** (ponto de vista do goleiro). Também é possível elencar outras que podem não estar no texto lido, mas na memória dos interlocutores, como **cobrar o pênalti, marcar o pênalti, barrar o pênalti, esbarrar o pênalti**. Os valores conotativos vão aparecer em diferentes usos da unidade lexical, a depender do contexto situacional, como em **céu de estrelas** (uso denotativo) e **céu da boca e arranha-céu** (usos conotativos).

É preciso reafirmar, como fez Scaramucci (1995; 2007), a necessidade de que se incluam nessas dimensões da unidade lexical a serem ensinadas a dimensão do uso. Será o texto o privilegiado espaço em que a unidade lexical atualizará todas suas potencialidades sejam gramaticais, semânticas ou discursivas.

2 O que é preciso ensinar e aprender sobre uma unidade lexical

Reunindo os aspectos da competência lexical destacados na seção anterior, apresenta-se, a seguir, um quadro-síntese do que se demonstra ser comum e essencial a todas as referências citadas, no que se refere às dimensões do léxico e ao que deve ser ensinado em cada uma delas.

Quadro 2

Síntese das dimensões do léxico

Dimensão gramatical	<ol style="list-style-type: none"> 1 Função e variação das categorias gramaticais 2 Derivação e flexão 3 Relações sintagmáticas 4 Colocação
Dimensão semântica	<ol style="list-style-type: none"> 1 Relações paradigmáticas 2 Polissemia e parassinonímia 3 Denotação e conotação
Dimensão discursiva	<ol style="list-style-type: none"> 1 Variação histórica, geográfica estilística e variação social nos diferentes níveis linguísticos (fonético, morfológico, sintático e semântico) <ol style="list-style-type: none"> 1.1 Registro 1.2 Restrições de uso 2 Probabilidade de ocorrência

3 Exploração das dimensões do léxico no texto

Nesta seção analisa-se um aspecto de cada dimensão de um conjunto do léxico do texto “Contra adversidades, caravana de migrantes segue trajeto rumo aos EUA”, notícia publicada no site da revista digital Carta Capital, em 22/10/2018:

Internacional

Crise humanitária

Contra adversidades, caravana de migrantes segue trajeto rumo aos EUA

por Radio France Internationale — publicado 22/10/2018 16h57

A marcha dos hondurenhos torna-se uma questão diplomática. Trump tenta usar politicamente o episódio

Pedro Pardo/AFP



Os hondurenhos estão determinados a atravessar o México

Os milhares de migrantes [hondurenhos](#) continuam a marcha em direção aos Estados Unidos, enquanto um outro grupo aguarda, na fronteira entre a Guatemala e o México, pela permissão de entrar no país.

A *RFI* conversou com as ONGs que acompanham aqueles que conseguiram chegar ilegalmente em território mexicano, cuja situação é bastante crítica. O presidente norte-americano, Donald Trump, deve comparecer ao Texas para obter apoio contra a migração.

No domingo 21, homens, mulheres e crianças partiram de Ciudad Hidalgo para Tapachula, uma distância de quarenta quilômetros que eles percorreram a pé, durante sete horas, sob forte calor. Os esforços físicos acarretaram problemas de saúde, como desidratação. Ao chegar no destino, eles se instalaram em dois parques públicos para passar a noite, em situação precária.

Leia também:

[Anistia Internacional: a Nicarágua viola direitos humanos](#)

[Por que latino-americanos insistem em migrar para os EUA?](#)

“Nós estamos no Parque Central de Tapachula. Entre 3 mil e 5 mil pessoas fazem parte da caravana. Choveu bastante e precisamos de um abrigo”, disse Irineo Mujica, da ONG Povos sem Fronteira, que acompanha o grupo de migrantes. “Tentamos distribuir alimentos, mas é muito complicado. As pessoas estão destruídas. Elas sofreram uma forte pressão e têm o sentimento de serem perseguidas”.

A caravana encontrou muitas dificuldades desde que saiu de Honduras. Após um percurso de mil quilômetros, os migrantes ficaram bloqueados durante dois dias na ponte que separa a Guatemala do México, até tomarem a decisão de atravessar o rio nadando.

O maior desafio humanitário é encontrar abrigos nas cidades por onde eles passam. “O ponto principal de nossa ação é tentar aumentar a capacidade local de abrigar os migrantes, pois estamos descapacitados atualmente”, afirmou Maria Rubi, porta-voz regional do Alto Comissariado sobre Refugiados da ONU. “Estamos tentando ver o que podemos fazer”.

Durante a caminhada em direção a Tapachula, os migrantes foram pressionados pela polícia federal, que tentou impedir o progresso da marcha. As autoridades políticas também tentaram persuadi-los a regularizar a [situação migratória](#), mas Donald Trump segue a ressaltar que não acolherá os migrantes quando eles chegarem à fronteira [dos Estados Unidos](#).

No domingo 21, Trump publicou dois tuítes sobre o assunto. O primeiro, para sublinhar o fato de que seu governo não permitiria a entrada da caravana. O segundo para culpar os [democratas](#) e para exigir uma mudança nas leis migratórias.

Recomenda-se que a atividade com texto em aulas de língua portuguesa se inicie com o acionamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o tema e o gênero do texto, seguida da exploração dos aspectos daquele gênero, linguísticos e extralinguísticos, assim como da eventual produção de um texto, para só em seguida se tratar do material linguístico em atividades mais estruturais. Como não se tem o objetivo de esgotar, nesta discussão, todas as etapas do processo de leitura e análise do texto em sala de aula, limitamo-nos a apresentar algumas sugestões do que pode ser ensinado sobre léxico e suas relações com gramática, semântica e discurso. Tampouco tem-se o objetivo de realizar uma análise em que se esgotem todos os aspectos lexicais do texto.

Na notícia acima, trata-se do movimento de um grupo de hondurenhos que marcha em direção aos EUA em busca de emprego. Descrevem-se, principalmente, as condições adversas por que passa o grupo em um percurso longo que vêm fazendo até chegar ao destino.

A exploração do léxico do texto pode se iniciar com a dimensão semântica: organiza-se um campo léxico-semântico da **adversidade**, com o objetivo de se analisar as **relações paradigmáticas** estabelecidas pela própria unidade lexical **adversidades** que aparece no título do texto **Contra adversidades, caravana de migrantes segue trajeto rumo aos EUA**. O campo pode ser formado da seguinte maneira:

Quadro 3
Campo léxico-semântico da adversidade
ADVERSIDADE

- 1 Adversidades
- 2 Distância de quarenta quilômetros
- 3 Percorreram a pé
- 4 Durante sete horas
- 5 Sob forte calor
- 6 Esforços físicos
- 7 Problemas de saúde
- 8 Desidratação
- 9 Situação precária
- 10 Precisamos de um abrigo
- 11 Muito complicado
- 12 Sofreram forte pressão
- 13 Serem perseguidas
- 14 Dificuldades
- 15 Percurso de mil quilômetros
- 16 Migrantes ficaram bloqueados
- 17 Atravessar o rio nadando

Uma das relações paradigmáticas estabelecidas pela unidade lexical **adversidades (1)**¹ é a de hiperonímia em relação a um conjunto de hipônimos como: **distância de quarenta quilômetros (2)**, **percorreram a pé (3)**, **durante sete horas (4)**, **sob forte calor (5)**, **esforços físicos (6)**, **problemas de saúde (7)**, **desidratação (8)**. Há mais outras três unidades lexicais que funcionam como hiperônimos de um conjunto de hipônimos. São elas: a) **situação precária (9)** e seus hipônimos: **precisamos de um abrigo (10)**, **muito complicado (11)**, **sofreram forte pressão (12)**, **serem perseguidas (13)**; b) **problemas de saúde (7)** e seu hipônimo **desidratação (8)**; c) **dificuldades (14)** e seus hipônimos: **percurso de mil quilômetros (15)**, **migrantes ficaram bloqueados (16)**, **atravessar o rio nadando (17)**. Em uma atividade de organização de relações paradigmáticas de uma unidade lexical, é possível buscar essas unidades associadas no próprio texto que está sendo estudado ou fora do texto, extraindo-as, por exemplo, do repertório dos alunos. O conjunto de adversidades que compõem os hipônimos da unidade lexical **adversidades (1)** pode ser ampliado por outras unidades que os alunos recolhem do seu conhecimento prévio sobre o tema dos movimentos migratórios. O objetivo dessa exploração semântica do léxico é incitar o aluno a perceber um tipo de relação estabelecida pelo léxico que contribui para a constituição de sentido global do texto.

No campo da **adversidade**, não há usos conotados das unidades lexicais, o que é facilmente justificado em função de o gênero ser a notícia, em que se privilegia a exposição dos fatos por usos linguísticos denotativos.

Observando as unidades do campo do ponto de vista léxico-gramatical, destacam-se aqui as relações sintagmáticas de **distância (2)** que aparece, no texto, no enunciado: **uma distância de quarenta quilômetros que eles percorreram a pé, durante sete horas, sob forte calor**. Trata-se de notar como se dá a relação entre o substantivo **distância** e seus modificadores. Primeiramente **distância** é modificada pela locução adjetiva **de quarenta quilômetros**. Essa locução é formada pela preposição **de**, pelo numeral **quarenta**, e pelo substantivo **quilômetros**. Nela, tem-se também a modificação do substantivo **quilômetros** pelo numeral **quarenta**, que serve para quantificar os **quilômetros**.

Em seguida, **distância** é novamente modificada pela oração subordinada adjetiva explicativa **que eles percorreram a pé**. O verbo **percorreram**, da oração adjetiva, também é modificado pelas locuções adverbiais, que funcionam como adjuntos adverbiais: **a pé, durante sete horas e sob forte calor**. Nessas locuções adverbiais, pode-se ressaltar outras relações de

¹ Os números que seguem a unidade lexical, dispostos nos parênteses, correspondem à posição da unidade no campo léxico-semântico intitulado Adversidades.

modificação, como: a) o numeral **sete** que modifica o substantivo **horas**, quantificando –o; b) o adjetivo **forte** que modifica o substantivo **calor**, intensificando-o.

Vê-se que um conjunto de modificadores é que constrói o sentido inteiro da unidade **distância** em sua atualização discursiva: **quarenta quilômetros** constrói a ideia de uma distância longa; em **a pé** pode-se perceber o esforço físico dos hondurenhos. Já em **durante sete horas** revela-se o período longo de caminhada, e, finalmente, em **sob forte calor**, transmite-se a sensação de cansaço devido à alta temperatura.

É no conjunto de relações sintagmáticas atualizadas no texto que se pode apreender o sentido de **distância**. Ele não é constituído apenas pelo sentido básico da unidade **distância**, nem somente pelo conteúdo extralinguístico, mas também pelas relações gramaticais que estabelece na sua atualização e que, por sua vez, apontam para o extralinguístico.

Nota-se que as relações sintagmáticas são um campo muito produtivo na prática de ensino do léxico. Como as relações no enunciado estabelecem-se, prioritariamente, em torno do nome e do verbo, muito se pode demonstrar dessas relações tomando-se muitas outras unidades do texto como ponto de partida, sejam elas nomes ou verbos. A partir daí é possível que se explorem as relações de modificação e complementação, nominal e verbal, na própria atualização discursiva, abolindo práticas de ensino em que essas relações são tratadas fora do texto e reduzidas a nomenclaturas.

Para além do campo léxico-semântico, do ponto de vista discursivo, destaca-se um uso gramatical relacionado ao registro. A escolha pela colocação pronominal enclítica **torna-se** em **A marcha dos hondurenhos torna-se uma questão diplomática** demonstra a adequação ao nível de formalidade do gênero notícia. Em outros gêneros, menos ajustados ao padrão normativo da língua portuguesa do Brasil, prefere-se, geralmente, o uso proclítico: **se torna**. Vê-se, neste exemplo, como o componente gramatical está articulado às escolhas discursivas.

Um outro aspecto da dimensão discursiva, associado às restrições de uso, é a escolha do tempo verbal futuro do presente **acolherá** em **Donald Trump segue a ressaltar que não acolherá os migrantes**; e **permitirá** em **Não permitirá a entrada da caravana**. O uso do futuro do presente, no português do Brasil, é pouco utilizado na língua corrente, ficando muito restrito a contextos que tenham nível de formalidade maior, como na notícia.

Não se pode esquecer que em todas as práticas de análise como as aqui citadas, que tratem de aspectos linguísticos do texto, as unidades lexicais devem ser analisadas em sua atualização discursiva, mesmo que não se esteja tratando especificamente de um aspecto da sua dimensão discursiva.

Considerações finais

Por meio da revisão teórica feita na primeira parte deste capítulo, observa-se que conhecer o léxico envolve um saber relacional que nem sempre é absoluto. Como visto na seção em que se analisou parte do léxico de um texto, é preciso ensinar e aprender a observar, a cada atualização discursiva, como uma unidade lexical se arranja em determinado contexto. Isso pode determinar efeitos de sentido muito particulares àquele contexto e que a própria unidade lexical seria incapaz de criar, se arranjada diferentemente em outros contextos.

Esse aspecto relacional tão enfaticamente aqui destacado também alerta para o fato de que por meio do material léxico-semântico de um texto é possível tratar da gramática, tópico tão polêmico no ensino da língua. O léxico contribuiria para uma abordagem aplicada dos tópicos gramaticais, considerando que já não se justifica mais ensino de gramática de forma descontextualizada.

Além de contemplar essa dimensão gramatical, esta análise contribuiu para desfazer a ideia antiga e ainda corrente de que ensinar vocabulário é ensinar o significado de uma unidade lexical, como se ela possuísse significado absoluto. A dimensão semântica do léxico inclui as relações de sentido que uma unidade lexical estabelece ao longo de sua história, nos inúmeros contextos por que passa, por exemplo, a polissemia, a parassinonímia e antonímia, a hiperonímia e hipônímia, a ambiguidade. Também por meio dos campos léxico-semânticos, pode-se ver como as relações paradigmáticas das unidades lexicais colaboram para a constituição de sentido.

Esses aspectos gramaticais e semânticos do léxico nunca poderão prescindir de sua dimensão discursiva, se o objetivo é alcançar o sentido do texto por meio das unidades lexicais. Em um texto, as unidades lexicais são **escolhas lexicais**, o que faz o léxico ser uma propriedade discursiva. Ao escolher uma unidade lexical, interferem, no ato da enunciação, vários elementos do discurso, a saber: participantes da enunciação (a visão que enunciador tem do assunto que está tratando, o que enunciador pensa sobre seu possível interlocutor e sobre o que esse interlocutor pensa sobre ele), gênero discursivo, tempo, lugar e condições da produção enunciativa. Por esse motivo, ao se ensinar o léxico é preciso que se articulem constantemente as três dimensões: semântica, gramatical e discursiva.

Referências

- LADO, R. Patterns of difficulty in vocabulary. *Language Learning*, vol. 6, n. 1-2, 1955, p. 23-41.
- LEFFA, V. J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: LEFFA, V. J. (org.) *As palavras e sua companhia*. O léxico na aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2000.
- NATION, I. S.P. *Teaching and learning vocabulary*. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

- _____. Teaching vocabulary. *The Asian EFL Journal*. September 2005, issue 2, p. 231-243. Disponível em: http://www.asian-efl-journal.com/sept_05_pn.pdf. Acesso em: 16/08/2018.
- OLIVEIRA, H. F. Ensino do léxico: o problema da adequação vocabular. *Matraga*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 49-68, jul-dez 2006. Disponível em <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga19/matraga19a03.pdf>. Acesso em 09/08/2018.
- PARDO, P. Contra adversidades, caravana de migrantes segue trajeto rumo aos EUA. *Carta Capital*, São Paulo, 22 out 2018. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/contra-adversidades-caravana-de-migrantes-segue-trajeto-rumo-aos-eua/>. Acesso em 18 mar 2019.
- RICHARDS, J. The role of vocabulary teaching. *TESOL Quartely*, vol 10, n. 1, p. Mar 1976.
- SCARAMUCCI, M. V. R. *O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: foco no produto e no processo*. Campinas: Unicamp, Tese de doutorado.1995.
- SCARAMUCCI, M. V. R. e GATTOLIN, S. R. B. (orgs.). *Pesquisas sobre vocabulário em língua estrangeira*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007.
- SCHIMITT, N. Key issues in teaching and learning vocabular. In: CHACÓN-BELTRÁN, R.; ABELLO-CONTESSÉ, C.; TORREBLANCA LÓPEX, M. (orgs.) *Insights into non-native vocabular teaching and learning*. Bristol: Multilingual Matters, 2010.
- SCHIMITT, N.; MC CARTHY, M. *Vocabulary*. Description, acquisition and pedagogy. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

Aspectos da função cognitiva das unidades terminológicas da área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio organizado por competências

Fernanda Mello Demai

Introdução

A área-tema que analisamos neste estudo é o Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio, definido como o esquema teórico-metodológico que direciona o planejamento, a sistematização e o desenvolvimento de perfis profissionais, a fim de atender a objetivos de Formação Profissional de Nível Médio, de acordo com as funções do mundo do trabalho e dos processos produtivos e gerenciais, bem como as demandas sociopolíticas e culturais.

Objetivamos discutir aspectos da configuração de termos da área-tema, a partir da análise de textos fidedignos, exclusivamente escritos, em uma abordagem terminológica (com ênfase nos princípios das Teorias Sociocognitiva e Comunicativa da Terminologia).

Em relação à Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT –, destacamos a valorização dos estudos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos, sob um enfoque descritivista e não prescritivista e a concepção de termo como unidade de função comunicativa e discursiva (CABRÉ, 1993; 1999). Dessa forma, os termos não sofrem intervenções ou modificações de cunho ortográfico, ou eliminação de sinônimos e variantes ou ainda em sua estrutura sintagmática: as unidades terminológicas são apresentadas tal e qual foram extraídas dos contextos reais de utilização, dos textos do *corpus*.

Em relação à Teoria Sociocognitiva da Terminologia – TST –, destacamos os preceitos relacionados às funções comunicativa, cognitiva e discursiva dos termos, além da motivação terminológica (TEMMERMAN, 2001; 2002).

Dessas teorias tomamos como um aparato teórico de extrema relevância a abordagem do termo como um signo linguístico que representa um conhecimento especializado de uma área do saber humano, caracterizado pela integração e pela interação das “faces” significado e significante e pelos mesmos fenômenos morfossintáticos e semântico-pragmáticos que formam e determinam as demais unidades da língua, como a variação, a sinonímia, a polissemia, a homonímia, a antonímia e os processos de neologia, como a fonológica, a sintática e a semântica. Depreende-se, também, dessas proposições, o signo linguístico como representante de valores da cultura, da sociedade, da história de uma comunidade, que perpassa o

estabelecimento e a constante ampliação dos campos técnicos, científicos e tecnológicos (BARBOSA, 2007); (CABRÉ, 1993; 1999); (DEMAI, 2014); (TEMMERMAN, 2001; 2002).

Objetivamos demonstrar aspectos da função cognitiva que caracteriza as unidades terminológicas, conforme estudo e proposições idealizados por nós a fim de categorizar algumas das propriedades de termos sintagmáticos e de termos simples, especialmente em terminologias novas ou neológicas, cujos processos de lexicalização e de terminologização são inacabados.

A fim de estudar os processos de lexicalização, no âmbito da Terminologia, recorreremos aos conceitos relacionados à *terminologização*, que, conforme Barbosa (2007), constitui-se no

processo que converte conceito em termo, *la mise en terme*, expressão esta comparável à *la mise en lexème*, do processo de lexemização de Pottier. Nesse sentido, terminologização refere-se à relação entre o nível conceptual e o metalinguístico [...].

No processo de passagem do conceptual para o terminológico, [há] a criação *ex-nihilo*, que terá graus diferentes de motivação, instauração de uma nova grandeza sígnica, numa combinatória inédita, no caso do processo fonológico e sintagmático [neológico]. O ponto de partida é o conceptual. [...] (BARBOSA, 2007, p. 435-439).

A terminologização diz respeito à colocação de um conceito na forma linguística de um termo, com recurso aos processos de criação lexical disponíveis na língua geral, aplicados também às linguagens de especialidade. Esses processos mobilizam fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática e resultam na criação de novas palavras, no caso, palavras técnicas e ou científicas, os termos.

Essa abordagem terminológica a que nos propomos visa a estudar e a apreender aspectos de *formas* e *modelos* de pensamento, a partir da sistematização e estudo de termos técnicos de uma área do conhecimento.

Na próxima seção, apresentaremos e comentaremos os procedimentos metodológicos adotados, o *corpus* textual e os critérios para coleta e tratamento das unidades terminológicas.

1 Procedimentos metodológicos, *corpus* textual e critérios para coleta de dados e de unidades terminológicas

Adotamos uma metodologia híbrida para extração lexical, com a utilização de uma ferramenta informatizada, o programa WordSmith Tools (SCOTT, 2017), aliada à análise humana.

Sistematizamos um *corpus*, ou seja, um conjunto organizado de textos para extração e análise lexical, o qual é constituído por textos legais e/ ou institucionais, dos níveis federal e estadual (estado de São Paulo).

As instituições pesquisadas, cujos textos serviram à extração de termos, foram: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Brasil, estado de São Paulo), Ministério da Educação e Ministério do Trabalho e Emprego (governo federal do Brasil), além do trabalho de pesquisadores autônomos.

O *corpus* pode ser enquadrado na tipologia de obra técnico-científica/ legal, prestando-se também às funções pedagógica e de divulgação.

A periodicidade do *corpus* é de 2000 a 2016, e os termos foram dele extraídos considerando alguns critérios de neologicidade: são novas combinações no eixo sintagmático ou decorrentes de novos significados atribuídos a itens lexicais ou combinações já existentes.

Inserimos em nosso *corpus* de análise *itens de caráter enciclopédico*, por julgarmos que esses elementos são indispensáveis para a configuração conceitual-terminológica da área (nomes de instituições, programas do governo, tipologia de escolas, tipologia de cursos, entre outros).

A seguir, apresentamos a síntese dos procedimentos metodológicos executados:

- Organização do *corpus* de partida ou parâmetro: um conjunto de textos mais gerais, um *corpus* bruto.
- Organização do *corpus* de exclusão específico (conceito e denominação expressos por Boulanger, *apud* Alves (2000, p. 105)): um conjunto de textos mais antigos da área, destinado a testar o critério da neologicidade (os termos que constarem desse *corpus* de exclusão específico não serão incluídos no *corpus* de análise, que é o conjunto formado apenas pelos termos mais novos ou neológicos). Na presente pesquisa, a periodicidade do *corpus* de exclusão é 1972 a 1999, período que representa o paradigma imediatamente anterior ao Currículo por Competências em Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

A organização do *corpus* de exclusão específico é uma alternativa possível para avaliar a neologicidade – poderiam ser consultados dicionários de língua geral, por exemplo, para eliminar termos já dicionarizados do rol de termos neológicos; cada pesquisa terminológica deverá ser conduzida a partir de critérios relevantes e adequados para cada objetivo, para cada contexto.

- Leitura e coleta manual de termos dos *corpora* de partida ou parâmetro e do *corpus* de exclusão específico, que se constitui no componente de análise humana, para o qual a ferramenta informatizada contribui de forma auxiliar.

- A partir da leitura do *corpus* de partida ou *corpus* parâmetro, são excluídos os termos:

- considerados não neológicos, conforme a datação dos textos em que são encontrados;

- considerados não representativos dos conceitos ou não pertinentes à área-tema;

- que ocorreram menos de duas vezes na totalidade do *corpus*;

- que ocorreram em apenas uma obra (texto) do *corpus*.

- Listagem dos termos (e respectivos textos de origem) que não foram excluídos no tratamento inicial do *corpus* de partida ou *corpus* parâmetro, que dão origem à primeira versão do *corpus* de análise.

- Tratamento informatizado da primeira versão do *corpus* de partida ou *corpus* parâmetro: extração automatizada da lista de palavras (*Wordlist*) dos textos de origem, das palavras ou termos-chave (*KeyWords*) e das concordâncias (*Concord*) para verificação e validação da lista consolidada no tratamento inicial.

- Complementação e eventual correção da lista de termos (*corpus* de análise) coletada manualmente.

- Organização da versão final da lista de termos (e respectivos textos de origem) para análise, após os procedimentos de extração manual e de extração automatizada de termos, combinados em uma metodologia híbrida de estudo de *corpus*.

- Sistematização da tipologia de funções de termos sintagmáticos e de termos simples, considerando aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos, com foco na função cognitiva.

- Classificação dos termos simples e dos termos sintagmáticos, conforme a tipologia de funções sistematizada, e elaboração das respectivas análises conceptuais e terminológicas, conforme os objetivos do trabalho e com ênfase no estudo da função cognitiva.

Para verificação dos processos de lexicalização/ terminologização, adotamos alguns critérios ou combinatória de critérios que avaliam aspectos da configuração morfossintática e semântico-pragmática dos termos, a partir da análise de fatores linguísticos e também de fatores extralinguísticos.

A seguir, citamos o rol de critérios adotados para identificação de sintagmas terminológicos ou termos simples em diferentes estágios de lexicalização/ terminologização, de acordo com as proposições teórico-metodológicas das autoras Alves (2007) e Barros (2004) e com nossa análise em relação ao *corpus* em estudo, além de estudos anteriores (DEMAI, 2014):

- O sintagma/ termo simples designa conceito em particular?
- O sintagma/ termo simples tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística?
- O sintagma/ termo simples constitui-se em empréstimo de outra área de conhecimento?
- O sintagma/ termo simples possui sinônimos, quase-sinônimos, antônimos ou variantes?
- O sintagma/ termo simples é combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico?

Na próxima seção, proporemos uma categoria organizadora de termos sintagmáticos e de termos simples, que subsidiará a análise conceptual-terminológica: a categoria *função cognitiva*.

2 Proposição de uma categoria organizadora de termos sintagmáticos e de termos simples: a função cognitiva

Com a análise dos termos da área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Organizado por Competências, estabelecemos algumas *funções dos compostos sintagmáticos*, aplicáveis também a termos simples, próprias de sua organização no eixo sintagmático e decorrentes de suas relações no eixo paradigmático.

Para os limites deste trabalho, nos ateremos à categoria *função cognitiva*, característica das unidades terminológicas em estudo, a ser apresentada a seguir.

2.1 Função cognitiva: uma categoria organizadora de termos sintagmáticos e de termos simples

A função cognitiva refere-se às formas de apreensão e de organização do conhecimento, da "realidade"/ experiência do mundo físico/ biológico e também do mundo sociocultural, coletivamente construído, sob diversas tensões ideológicas e históricas.

Os termos são formas de manifestação da cognição humana por serem alternativas de organizar o conhecimento, com a utilização do aparato linguístico, em íntima relação com o nível conceptual.

No *corpus* da área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Organizado por Competências, os termos (sintagmáticos e simples), associados à metáfora conceitual e à metonímia conceitual, por exemplo, são manifestações das formas de cognição direcionadas à terminologia.

No processo de terminologização, ou seja, na transposição do conceito para o termo, não podemos deixar de observar os recursos cognitivos, de organização própria de uma determinada área de conhecimento, como a área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Organizado por Competências.

Assim, por exemplo, os termos metonímicos e/ou metafóricos *área de atividades; bases tecnológicas; habilidades; competências; saber fazer; saber ser; certificação intermediária; itinerário formativo; matriz curricular; mercado de trabalho*, entre muitos outros, manifestam as formas de categorização do conhecimento, com a utilização de referências de experiências anteriores, mesmo que de outro domínio. Em *área de atividades*, a experiência de transpor, metaforicamente, área como um domínio do saber ou do trabalho, é recategorizada para o domínio da Educação Profissional, pois *área de atividades* significa um conjunto de atividades ou atribuições que um profissional técnico pode desempenhar. Em *saber fazer*, uma capacidade é transposta para o domínio concreto da ação: *saber fazer* significa *habilidade*, capacidade de uma ação prática, já internalizada.

Dessa forma, os termos (sintagmáticos e simples) têm uma função cognitiva e favorecem os processos cognitivos, considerando a complexidade dos novos conceitos, em decorrência de novas tecnologias, novas ciências, novas técnicas e novas ideologias. As formas de expressão linguística simples ou unitárias são mais restritas para manifestar toda a especificidade, cada vez maior, das terminologias – exceto em casos de neologia semântica em termos simples, também produtivas em nosso *corpus*, mas em escala menos representativa quantitativamente.

Na próxima parte, apresentaremos a análise de um termo considerado *chave* para o estudo conceptual-terminológico a que nos propomos, com vistas a um aprofundamento dos aspectos relacionados à cognição, à conceptualização e à terminologização. O termo é: *Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio*.

3. Análise de um termo-chave: *Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio*

3.1 Conceito e definição: o percurso conceptual-(extra)linguístico

Apresentaremos a análise de um termo-chave, *Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio*, conforme as considerações acerca dos processos de lexicalização/terminologização e também em relação à função cognitiva que caracteriza o termo.

O termo *Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio* designa um conceito em particular: ‘esquema teórico-metodológico que direciona o desenvolvimento de perfis de

habilitações profissionais técnicas de nível médio'; é utilizado nessa configuração semântico-lexical recorrente nos discursos legais e institucionais.

O sintagma tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística: consta de textos legais e referenciais curriculares do Ensino Técnico e dos respectivos planos de curso de muitas instituições de Educação Profissional e Tecnológica.

Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio estabelece relações sinonímicas e de variação no universo do *corpus* em estudo, o que é comprovado pela coexistência dos termos: *Currículo da Educação Profissional*; *Currículo da Educação Profissional Técnica*; *Currículo Escolar*; *Currículo*.

Além disso, *Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio* é um termo sintagmático que traz aspectos cognitivos, à medida que permite organizar e interpretar as realidades extralinguísticas. Esses aspectos cognitivos estão intimamente ligados a metáforas e a metonímias conceituais, conforme discussão a seguir.

3.2 Metáforas e metonímias conceituais nos processos de cognição e de terminologização

Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio é um termo sintagmático combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico: o próprio termo *currículo* tem origem metafórica, pois o currículo é um caminho, atalho a ser percorrido.

O currículo, como *ato de correr, atalho, corte*, já é documentado na língua portuguesa desde 1899 (séc. XIX) (CUNHA, 1986, p. 235).

Conforme Saviani (2009), o primeiro registro do termo *currículo* (em Educação) é datado de 1663 (século XVII), na acepção de “documento escolar expedido pela Universidade de Glasgow, na Escócia, segundo o *Oxford English Dictionary*” (SAVIANI, 2009, p. 25).

Para a formação do termo *currículo* (escolar, que ocorre na instituição *escola*), destacam-se os traços semânticos de *atalho* e de *corte*.

Desses elementos de significação pode-se depreender que o currículo é (ou deve ser) um direcionamento preciso, uma condução por um caminho, que deve ser o menos tortuoso e mais certo para o alcance de objetivos (DEMAI, 2017, p. 105).

Mesmo com a configuração de uma metáfora já desgastada pelo uso (não reconhecemos sincronicamente essa metáfora imediatamente), *Currículo* sofreu ressignificações e estabelece relações sinonímicas ou quase-sinonímicas com *currículo vitae*, o conjunto de informações pessoais e profissionais sobre uma pessoa, em forma de documento utilizado para seleção de emprego ou vagas de estudo – como esse documento traz informações também sobre o grau de escolaridade e conhecimentos adquiridos dentro e fora da escola, não

deixa de carregar uma parte em comum ou intersecção semântica com “currículo” no âmbito da Educação.

No Universo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, “Currículo” é novamente ressignificado, pois ao núcleo semântico comum foram acrescentados traços “da Educação Profissional”, relacionados a uma educação profissionalizante, que visa à preparação para o trabalho.

Podem ser reconhecidas também relações metonímicas, visto que o Currículo refere-se a cursos de Educação Profissional. Dessa forma, são identificadas relações metonímicas entre parte e todo – os cursos são uma parte da Educação Profissional e os currículos são partes de cursos. Todavia, o termo configura-se linguisticamente como “Currículo da Educação Profissional”, utilizando-se o expediente metonímico no processo de terminologização ou “passagem” do conceptual para o linguístico.

A seguir, ilustramos a organização hierárquica entre área(s) e subárea(s) a que pertence a Educação Profissional e Tecnológica:



Figura 1.1 - Organograma das áreas (Ciências Humanas e Educação) e subárea (Educação Profissional e Tecnológica - EPT). Fonte: elaboração própria. Com base em: FUNDAÇÃO CAPES/ MEC, 2017.

Verifica-se, na figura 1.1, que a *Educação Profissional e Tecnológica* está contida, na condição de subárea, na área de conhecimento ou área básica da *Educação*, que, por sua vez, é subordinada à grande área *Ciências Humanas*.

Na próxima figura, 1.2, o tema *Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Organizado por Competências* está circunscrito na especialidade *Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação*, contido na subárea *Educação Profissional e Tecnológica (EPT)*.

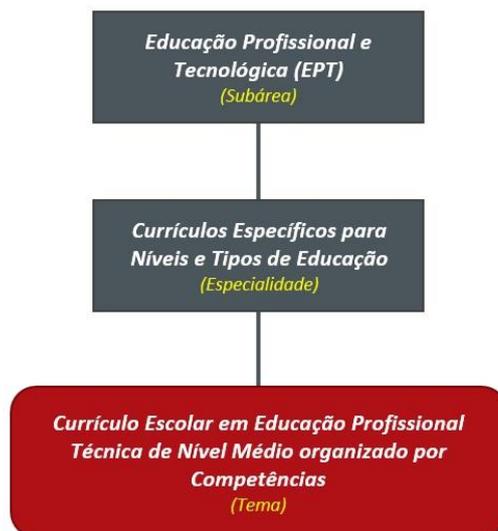


Figura 1.2 - Organograma da Subárea (Educação Profissional e Tecnológica - EPT), da Especialidade (Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação) e do Tema (Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Organizado por Competências).
Fonte: elaboração própria. Com base em: FUNDAÇÃO CAPES/ MEC, 2017.

A figura 1.2 é um desdobramento da figura 1.1; as duas figuras destinam-se a uma representação da divisão em *grande área*, *áreas*, *subáreas*, *especialidade* e *tema* da pesquisa. É um modo de referenciar e “ancorar” a pesquisa em categorias e “posições” notoriamente conhecidas pela ciência.

Fizemos essas considerações a fim de delimitar o conceito ou tema em questão e procurar evidenciar alguns aspectos que permitem distinguir as relações metafóricas (como em *área*, *currículo*) e metonímicas (relações entre parte e todo – o currículo é uma parte dos cursos, que, por sua vez, são partes das áreas da Educação).

As metáforas e as metonímias estão ligadas à cognição, em termos de apreensão da “realidade” e da expressão dessa realidade por vias linguísticas – e terminológicas, em casos de discursos especializados.

Para os limites deste trabalho, destacamos sinteticamente alguns pressupostos relacionados a metáfora e a metonímia conceitual (LAKOFF E JOHNSON (2003 [1980])).

A Teoria Cognitiva da Metáfora, proposta por George Lakoff e Mark Johnson em sua obra-marco *Metaphors we live by*, edição original de 1980, fundamenta muitos estudos sobre a natureza, as funções e as características de metáforas (e também de metonímias). Utilizaremos a edição de 2003 dessa obra de Lakoff e Johnson.

Com os estudos cognitivistas, a concepção de metáfora não é mais voltada ao subjetivismo ou a um objetivismo estreito, nem é pensada como aparato estético da linguagem. A metáfora é pensada como uma forma de conceptualizar e de interpretar a realidade, pois cria

associações relativas ao homem e sua percepção de si, da sociedade e do “mundo natural” que o cerca.

Temmerman (2002) caracteriza como bases da metaforização o pensamento analógico ligado a um domínio-fonte e a um domínio-alvo e ressalta o papel das lexicalizações metafóricas e dos modelos cognitivos metafóricos na construção dos saberes e das terminologias de diversas áreas, como Ciências Naturais ou Biológicas, dentre outras. (TEMMERMAN, 2002, p. 212-213).

As metáforas estão presentes na língua comum, nas terminologias e também nas manipulações estilísticas da linguagem.

Nos estudos das diversas terminologias, as metáforas trazem a discussão sobre a motivação denominativa. Realmente há uma razão para o emprego dos termos metafóricos – e também dos metonímicos – inclusive nas denominações técnicas e científicas. Só existem a concepção e o emprego de metáforas (de acordo com as teorias cognitivistas, das quais nos apropriamos para análise do tema) de acordo com a lembrança das experiências com o próprio corpo, com objetos “concretos”, com outras pessoas nos processos de interação social; logo, as metáforas são motivadas por eventos e/ou pensamentos anteriores. Dessa forma, as metáforas não são aleatórias, são motivadas pelas experiências físicas, sociais e culturais, como ocorre com as metáforas espaciais ou orientacionais em uma trajetória, de acordo com uma sistemática, à qual subjaz uma lógica.

As metáforas prestam-se também ao objetivo de esclarecer um conceito, com o recurso de configurar um conceito com o proveito de traços de conceitos já conhecidos ou vivenciados, em um percurso de comparação e aproveitamento de experiências anteriores para a recriação e renovação do saber.

Conforme Lakoff e Johnson (2003[1980]), pela sistemática da metáfora, compreendemos aspectos de um conceito em termos de outro, ao passo que escondemos certos aspectos dos conceitos e enfocamos outros (LAKOFF E JOHNSON (2003 [1980], p. 10).

Nas terminologias, com a necessidade de mais e mais especificações, as metáforas aparecem ligadas às formações sintagmáticas como um recurso elucidativo, assim como também são relacionadas a termos simples, formados por uma única unidade vocabular.

Segundo Lakoff e Johnson (2003[1980]), muitas pessoas creem que podem viver sem as metáforas, pois, para elas, as metáforas seriam artifícios retóricos ligados à imaginação poética. Todavia, os autores defendem que as metáforas são pertencentes à vida cotidiana e ao sistema conceitual comum, que orienta nossa percepção do mundo. Os autores vão mais além, afirmando que os sistemas conceituais ordinários são metafóricos por natureza (LAKOFF E JOHNSON (2003 [1980], p. 3-4).

Dessa forma, as metáforas estão ligadas à natural seleção contextual que caracteriza toda a linguagem humana, não sendo apenas recursos estilísticos e restritos à chamada linguagem poética.

Mario Vilela ressalta que "a metáfora não é apenas nem sobretudo um produto da imaginação poética ou ornato retórico, assim como não é simples uso extraordinário da língua ou algo apenas ligado a palavras, mas sim algo que é típico da língua e da sua construção" (VILELA, 2002, p. 72-73).

A seguir, apresentamos algumas relações entre metáforas e metonímias conceituais, categorização, conceptualização e cognição.

3.3 Relações entre metáforas e metonímias conceituais, categorização, conceptualização e cognição

As metáforas e metonímias estão diretamente relacionadas às categorias (pois desempenham a função de macrocategorias de pensamento), visto que expressam relações com o corpo, com o espaço, com o ambiente, com outros domínios do saber, conforme a fundamentação teórica sobre a metáfora e a metonímia conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980]). Assim, é inevitável, ao tratar de cognição, tratar de categorização, de metáforas e de metonímias no nível conceitual.

Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio caracteriza-se como sintagma de função categorial, um conceito superordenado em relação aos subordinados hierarquicamente ou relacionados, semântica e pragmaticamente.

A seguir, apresentamos o mapa conceitual hierárquico que representa *Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio* como conceito de função categorial:

- 1. Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio**
 - 1.1 Currículo da educação profissional
 - 1.2 Currículo da educação profissional técnica
 - 1.3 Currículo escolar
 - 1.4 Currículo
 - 1.5 Currículo em Educação Profissional por competências**
 - 1.6 Currículo por competências
 - 1.7 Currículo por conteúdos
 - 1.8 Currículo em parceria**
 - 1.9 Itinerário formativo**

Figura 2. Mapa conceitual hierárquico: *Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio* como conceito de função categorial. Fonte: elaboração própria.

A relação reconhecida formalmente é mais óbvia, como em relação a “Currículo da Educação Profissional”, ao passo que as relações não identificáveis pela forma são menos óbvias, como em relação a “itinerário formativo”. “Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio” está relacionado a outro termo que também é uma categoria, mas da Educação Geral: “Currículo”.

Entretanto, em determinados contextos, as duas categorias (“Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio” e “Currículo”) podem ser sinônimas, observando-se que, em um texto, podem ser utilizadas como sinônimos, com a supressão dos determinantes, para fins de economia linguística (falar ou escrever menos favorece a comunicação, quando o significado não é prejudicado). Essas observações visam a colaborar com um estudo terminológico em uma perspectiva mais ampla, direcionada à comunicação e à cognição.

Em relação ao termo genérico que define a classe, “Currículo” já existe na língua com um sentido de “conjunto de programas de ensino e disciplinas”, na área da Educação Geral.

Com a sintagmação, foi possível recategorizar “Currículo”, tornando-o uma nova categoria, pois agora é o currículo de um tipo específico de Educação. A apreensão de seu significado possibilita a organização e a compreensão de significados, daí seu destaque quanto à função cognitiva.

O termo *Currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio* configura-se com a utilização do recurso da metáfora conceitual, tendo em vista que o domínio da Educação é comparado ao domínio de um “caminho” ou “percurso” – a Educação seria um caminho para a consecução dos objetivos concernentes aos processos de ensino e aprendizagem.

O currículo, como esquema teórico-metodológico que direciona a efetivação do ensino, compreende programas de ensino, metodologias, critérios e instrumentos de ensino e respectiva avaliação. Assim, currículo como um “atalho” ou “caminho facilitado” está transposto metaforicamente como subdomínio de Educação – se a Educação é um caminho, um itinerário a ser percorrido, uma trajetória, uma “caminhada” em relação ao saber, o currículo é o atalho, o meio para o a realização desses objetivos. As metáforas propiciam a cognição à medida que compõem a terminologização, favorecem o processo de transposição do conceito para o termo, além de estarem presentes na própria estruturação do conceito ou conceptualização.

A função categorial está intimamente relacionada à função cognitiva à medida que podemos reconhecer as relações existentes entre categorias, elementos e novas categorizações, relações essas de cunho morfossintático e semântico-lexical, evidenciadas a partir da transposição do “nível” conceptual para o linguístico, do conceptus para o termo, configurando-se, assim, o processo de terminologização (BARBOSA, 2007).

A categorização, nos limites deste trabalho, constitui-se no processo de (re)criar e estruturar ou reaproveitar modelos, ou formas, ou quadros, *frames* mentais para estruturação de conceitos (conceptualização e reconceptualização), processo este intimamente ligado à terminologização, passagem do nível conceitual para o linguístico no universo das linguagens de especialidade.

Não é tarefa fácil separar o conceitual do linguístico, visto que nosso próprio pensamento já nos “vem” em forma linguística, em palavras, conforme nossa própria configuração como seres sociais formatados em uma cultura linguística.

Podemos, à guisa de concretização e exemplificação desses processos de conceptualização e de terminologização, considerar que a forma de pensar e estruturar conceitos mais abrangentes ou classes é um recurso muito profícuo e constatável, do mesmo modo que podem ser reconhecidos os elementos agrupados em uma classe --esses elementos são constituintes da classe por compartilharem de características ou traços semânticos comuns --, todavia são diferentes entre si pelos traços semânticos particulares que os formatam como elementos autônomos, indivíduos.

Na transposição linguística ou terminologização, verifica-se esse expediente na constituição da classe, que é o próprio elemento determinado, a exemplo de *Currículo*, termo simples, ao qual são acrescentados determinantes para, pelo processo de sintagmação ou neologia sintagmática, formar os elementos da classe. Esses determinantes apresentam uma estrutura morfossintagmática de caráter adjetival, na maioria dos casos, em forma preposicionada ou não: *da educação profissional; da educação técnica; por competências, por conteúdos, escolar*, entre outros. Essas estruturas morfossintagmáticas, por sua vez, podem estar ligadas a semas metafóricos e/ ou metonímicos, o que converge em toda a complexidade do signo linguístico, especializado ou da língua geral, visto que mobiliza aspectos cognitivos e linguísticos muito imbricados e consolidados em nossos próprios percursos de apropriação e de representação da “realidade” dos objetos, dos fatos e das ações e das interações dos seres humanos.

A categorização, dessa forma, pode ser compreendida como um modelo mental e forma de pensar relacionada à configuração de uma classe mais genérica e criação/ inclusão de elementos nessa classe, e/ou a partir dela. Esses elementos, por sua vez, podem vir a constituir-se em novas classes, em um processo que pode ser ilimitado, considerando-se suas potencialidades e exemplos em diversas áreas e na língua geral.

Na próxima parte, direcionamo-nos para as considerações finais deste trabalho, que é parte de uma pesquisa mais abrangente, à qual pretendemos dar continuidade, com o aprofundamento da investigação dos fenômenos conceituais-terminológicos estudados.

Considerações finais

Utilizamos algumas abordagens teórico-metodológicas da Teoria Comunicativa da Terminologia e da Teoria Sociocognitiva da Terminologia, principalmente no que diz respeito à valorização dos estudos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos, sob um enfoque descritivista e não prescritivista. Ao analisar os processos de sintagmação, reconhecemos e estudamos a ligação entre morfologia, sintaxe e semântica, a partir de contextos reais de comunicação da área-tema.

Com a aplicação dos critérios para a verificação do grau de lexicalização (fixação) dos termos, constatamos que se constituem em termos próprios da área de Currículo Escolar em Educação Profissional Técnica de Nível Médio organizado por Competências, não combinatórias eventuais.

Os termos selecionados são frequentes (aparecem nos textos de forma recorrente). Estudamos discursos reais (exclusivamente escritos), que, pouco a pouco, configuram os conceitos e respectivos termos na realidade sociocultural brasileira.

A pesquisa é descritivista: não se propõe a modificar, padronizar ou rechaçar as unidades terminológicas encontradas no discurso manifestado e abonadas pelos especialistas e atores sócio-históricos do contexto.

Temos a concepção de que o termo é uma unidade de função comunicativa, discursiva e cognitiva; os termos são extraídos de textos reais, que disciplinam e constroem a área discursivamente.

Na pesquisa, buscamos valorizar os termos como as unidades de conhecimento, a partir de modelos mentais e de formas de pensar, de apreender e de sistematizar a realidade, a exemplo de metáforas e metonímias conceituais e processos de sintagmação, terminologização, conceptualização – enfim, de cognição.

As unidades terminológicas (termos) manifestadas em discursos reais provêm de um percurso mental que, juntamente com as condicionantes sociais, coletivas e ideológicas, resultam na estruturação linguística, ou seja, a lexicalização e a terminologização, processos estes que são motivados, históricos e passíveis de análises tanto sincrônicas como diacrônicas, tanto históricas, sociológicas, políticas como linguísticas.

Por fim, enfatizamos que a Terminologia, como ciência que estuda os signos terminológicos, atende aos propósitos de organização e difusão do conhecimento especializado.

Referências

ALVES, I. M. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais do português contemporâneo*. 2000. 380f. Tese (Livre-Docência – Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007. 93p. (Princípios, 191).

BARBOSA, M. A. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de aplicação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 285 p. (Coleção Acadêmica, 54).

CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/ Empúries, 1993. 529 p.

_____. *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 1999. 369 p.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DEMAI, F. M. *Processos de terminologização: descrição e análise da neologia da área de Educação do Campo*. 2014. 417 f. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde.../2014_FernandaMelloDemai_VOrig.pdf

_____. O percurso conceptual-terminológico de currículo por competências na educação profissional brasileira. *Revista do GEL*, v. 14, n. 1, p. 104-132, 2017. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/1468/1167>. Acesso em: 27 mar. 2018.

FUNDAÇÃO CAPES/ MEC (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Ministério da Educação do Brasil). Tabela de Áreas de Conhecimento/ Avaliação. 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 3 out 2018.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago; London: University of Chicago Press, 2003 [1980].

SAVIANI, N. *Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/ método no processo pedagógico*. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SCOTT, M. *WordSmith Tools* version 7, Stroud: Lexical Analysis Software. 2017. [versão mais recente consultada]. Disponível em:

<http://www.lexically.net/publications/citing_wordsmith.htm>. Acesso em: 24 jun. 2018.

TEMMERMAN, R. Sociocognitive Terminology Theory. In: CABRÉ, Maria Teresa; FELIU, Judit (ed.). *Terminología y cognición II*. Simposio Internacional de Verano de Terminología (13-16 de julio de 1999). Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 2001. 98 p. [<http://www.iula.upf.edu/publi016.htm>]

_____. Metaphorical models and the translator's approach to scientific texts. Antverpiensia New Series – Thems in Translation Studies. N. 1, 2002. ISSN 22955739. Disponível em: <<https://lans-tts.uantwerpen.be/index.php/LANS-TTS/index>>. Acesso em: 6 out. 2018.

VILELA, M. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.

Processos semânticos de formação de palavras: uma abordagem pedagógica

Aderlande Pereira Ferraz
Geraldo José Rodrigues Liska

Introdução

Em uma língua como o português, em que a palavra aparece como um tipo de *unidade natural de sentido*¹, a expressão linguística se constrói por meio do léxico, na relação das palavras gramaticais e lexicais que integram os enunciados, às quais atribuímos sentidos no processo de interlocução. Além disso, a referência à realidade extralinguística dos falantes se dá pelos signos linguísticos, ou unidades lexicais, e todos os outros elementos significativos da língua, que abrangem os sinais-palavra que demarcam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas. Sobre os sinais-palavras, Ferrarezi Jr. (2010) apresenta a seguinte definição.

(...) qualquer elemento significativo por meio do qual expressamos um sentido e designamos uma referência. É mais do que a palavra, mas é também a palavra. Inclui todos os recursos linguísticos disponíveis associados à palavra, bem como melodias e elementos não verbais. (FERRAREZI Jr., 2010, p. 158)

Nesse contexto, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da língua.

A sua renovação é um fenômeno permanente, já que o léxico, refletindo a dinâmica da língua, se constitui numa forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística.

O léxico de uma língua, para incorporar unidades novas, recorre à neologia, que compreende três mecanismos, todos muito comuns: a neologia formal, a neologia semântica e a neologia de empréstimos.

Em consideração à neologia semântica, este capítulo, que busca contribuir para o desenvolvimento da competência lexical, estuda alguns aspectos semânticos da palavra, ressaltando especialmente os processos metafóricos e metonímicos, não explorando os aspectos de generalização e especialização de sentidos (SILVA, 2006).

¹ Sabemos que morfemas são instâncias infralexicais que apresentam sentido, mas é na palavra que o falante comum reconhece naturalmente a unidade que será combinada para a formação das estruturas sintáticas supralexicais com que nos comunicamos.

Trata-se de um estudo sob a perspectiva pedagógica, considerando que o trabalho com o léxico no âmbito da sala de aula de língua portuguesa deve contribuir para o desenvolvimento da competência lexical do falante, levando este a transitar, gradativamente, do conhecimento superficial ao conhecimento profundo da unidade lexical, desenvolvendo a capacidade de estabelecer relações paradigmáticas (sinonímia, antonímia etc.) e sintagmáticas (quais palavras podem acompanhar determinadas palavras), no uso da língua.

Em livros didáticos de português (LDP) do Brasil, não raro encontramos textos propostos para atividades de compreensão e interpretação leitora seguidos de um quadro denominado “vocabulário”, repleto de palavras e seus sentidos possíveis naquele texto a partir de um cenário previamente estabelecido pelo autor do LDP, sem a chance de o aluno ter qualquer esforço cognitivo para inferir o sentido dessas palavras, desprezando-se o fato de que a leitura é sempre intermediada pela construção de sentidos a partir da condição social, histórica e cultural do leitor.

No LDP, é também comum a orientação segundo a qual o aluno deve procurar no dicionário geral de língua os sentidos daquelas palavras em estudo os quais não foram então fornecidos. Comumente, falta a esse aluno, entretanto, instrução necessária de como fazê-lo, uma vez que muitos professores não foram (em geral, ainda não são) preparados para trabalhar com o dicionário em sala de aula, problema que remonta ao período de sua formação, nos cursos de licenciatura.

Em face desse reconhecimento, cabe destacar que, no âmbito dos ensinos Fundamental e Médio, o trabalho com o léxico tem sido um imenso desafio tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Em consideração a isso, observamos ainda que os livros didáticos de português, no Brasil, como demonstra Liska (2013), quando estudam a palavra, se atêm muito mais aos aspectos mórficos de estrutura e raramente exploram o valor cultural, metafórico, que uma palavra pode carregar, além de não destacar o comportamento sintático-semântico entre as palavras em relação contextual.

1 Processos semânticos de formação de palavras

Sobre os processos gerais de formação de palavras no português há, na literatura especializada (ALVES, 1990), (BASÍLIO, 2007), (SANDMANN, 1989, 1991a), (SILVA, 2006), (RIO-TORTO, 1998), importantes estudos tratando das operações mais frequentes, como as de adição (por afixação, reduplicação e composição); de supressão e redução (hibridismos, truncamentos, cruzamentos, siglagens e abreviações); semânticas (metáfora, metonímia); sintático-semânticas (composições sintagmáticas, expressões idiomáticas, etc.); e de importação de palavras estrangeiras.

Quanto ao aspecto semântico, consideramos as formações de palavras que se dão sem qualquer alteração formal em unidades léxicas já existentes. Em verdade, trata-se de uma expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de formas léxicas já existentes no sistema.

1.1 A polissemia

A relação semântica entre os significados de uma mesma forma lexical (ou significante) é a responsável pela polissemia. Em termos gerais, polissemia designa o fenômeno segundo o qual uma mesma forma lexical representa mais de um significado.

O termo polissemia foi cunhado pelo filólogo francês Michel Bréal, em seu célebre trabalho *Essai de Sémantique*, de 1897:

À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor. A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a *polissemia*. Todas as línguas das nações civilizadas participam desse fenômeno; quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social. (BRÉAL, 1992, p. 103)

No âmbito da sala de aula de língua portuguesa, tanto no que diz respeito ao ensino fundamental quanto ao ensino médio, é comum o estudo dos sentidos denotativo e conotativo, ressaltando os valores semânticos da palavra. O anúncio publicitário que se segue, embora não seja novo, tem o seu conteúdo ainda atual e pode ser um exemplo de texto que bem poderia ser objeto de estudo em sala de aula, de modo que os alunos pudessem distinguir o sentido conotativo do denotativo.

E você vai perceber isso nos 5 sentidos. Na **visão**, uma nova marca, mas acima de tudo um novo espírito em cada um. No **tato**, uma equipe totalmente motivada para servir você com um novo conceito de serviço de bordo, totalmente voltado para o seu bem-estar. Na **audição**, você vai ouvir o Brasil e o mundo falando bem do cuidado da Varig com as pessoas. No **olfato**, você vai sentir o cheiro de novo em tudo. E no **paladar**, você vai sentir o gostinho Varig de voar, com aquele algo mais, para que a sua experiência de voar seja mais do que simplesmente uma viagem. VARIG. (Época, 03/05/2001, p. 27)

Explorando a polissemia, vê-se no texto publicitário a formação de palavras novas, os neologismos semânticos, a partir do valor conotativo de cada forma lexical para a qual já havia um significado previamente conhecido.

No texto publicitário, os cinco sentidos são referidos com os respectivos nomes em negrito, a chamar a atenção do leitor para os valores conotativos que eles assumem no anúncio,

enaltecendo a companhia aérea. Tais recursos e ainda outros fazem parte do discurso publicitário que, para alcançar seu objetivo, refere-se a pautas de conduta, associa o produto com determinados comportamentos, modas, conceitos de beleza ou sucesso etc., explorando amplamente a conotação.

Na polissemia, pode-se perceber um nível em que estão os significados mais usuais, constituindo a sua identidade semântica no saber linguístico interindividual. Em outro nível da polissemia, percebem-se variantes dos significados mais usuais, variantes contextuais. Nesse aspecto, vale considerar o que diz Hjelmslev (1975).

As significações ditas léxicas de certos signos são sempre apenas significações contextuais artificialmente isoladas ou parafraçadas. Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo... (HJELMSLEV, 1975, p. 50)

Cabe salientar, assim, que o contexto de uso é um fator desencadeador da polissemia e, para certas lexias, somente tal contexto é que realmente aponta a variação de sentidos. Isto é, enquanto percebemos, em muitas lexias, a variação de sentidos já estabelecida, para outras, essa variação é imprevisível, ficando o sentido a depender da relação entre as lexias no contexto em que ocorrem.

Desse modo, uma observação precipitada pode dar a falsa ideia de que certos adjetivos são polissêmicos. Consideremos, por exemplo, os adjetivos *bom* e *boa*. Na verdade, a polissemia em *bom* e *boa* não está em si mesmos, ou seja, não está estabelecida, mas decorre da sua combinação com diferentes substantivos, como mostram os seguintes exemplos.

- 1) uma tesoura *boa* (que corta bem);
- 2) um *bom* cadeado (que funciona bem);
- 3) uma *boa* escola (que ensina bem);
- 4) um homem *bom* (que é prestativo, caridoso).

Para além desses exemplos, poderemos estender a polissemia dos adjetivos *bom* e *boa* em conformidade com os sucessivos substantivos com os quais combinarem em diversos contextos de uso.

No primeiro nível da polissemia, os significados mais usuais são autônomos e, apesar de relacionados, não são propriamente derivados. Por exemplo, podemos considerar o verbo mudar.

- a) Mudar (modificar): <Mudou o plano de trabalho>;
- b) Mudar (substituir): <Mudou o modelo do automóvel>;
- c) Mudar (deslocar): <mudou(se) para uma nova casa>.

No segundo nível da polissemia, há uma relação entre os significados, intuitivamente perceptível, que aponta para uma relação de derivação. As acepções são sentidas como significados transferidos, conotados, como nos seguintes exemplos.

- a) Fruto <órgão vegetal>;
- b) fruto <do trabalho>;
- c) taça (recipiente): <a taça está cheia>;
- d) taça (conteúdo): <só tomei uma taça>.

Como se pode observar nos exemplos, a característica principal do segundo nível da polissemia é a possibilidade de ligar os sememas mediante determinadas relações de derivação. Dentre essas relações, importa destacar a de contiguidade ou relação metonímica e a de analogia ou relação metafórica.

1.2 Metonímia e metáfora como processos de formação de palavras

A polissemia por contiguidade apresenta diferentes realizações: (continente e conteúdo); (causa e efeito); (instrumento e agente); etc.

A polissemia por analogia expressa, metaforicamente, uma operação em que A (algo) é análogo a B. Assim, a relação de analogia consiste na identidade de pelo menos um dos semas específicos dos dois sememas, daí resultando que o semema derivado é comparável, análogo ao semema mais usual.

A metáfora é uma representação mental e é vista como o *processo* de uma *transferência* (A [algo] é análogo a B), em que as expressões metafóricas evidenciam conceitos.

O estudo da metáfora, no passado, mereceu a atenção de filósofos, retóricos e críticos literários, exatamente porque se privilegiava as metáforas criativas e poéticas, típicas da linguagem literária. É preciso, entretanto, reconhecer que a metáfora tem parte essencial em nossos processos de conceptualização, a partir dos quais estruturamos nossas interações sociais, evidenciando na linguagem corrente o uso permanente de metáforas. Lakoff & Johnson (1980), no âmbito da linguística cognitiva, aproveitando trabalhos anteriores de importantes autores, desenvolveram e sistematizaram a Teoria da Metáfora Conceitual, no cerne da qual identificam um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, modelando a organização de nossos pensamentos e atos, como enfatiza Silva:

Mas a metáfora e a metonímia são fenômenos conceptuais por natureza, processos e modelos cognitivos, constitutivos do nosso sistema conceptual, modos naturais de pensar e de falar, tanto na linguagem corrente como no discurso científico, radicados na experiência humana e responsáveis quer pela estruturação do pensamento, da linguagem e da acção, quer pela inovação conceptual. Especificamente, a metáfora é um importante

mecanismo cognitivo pelo qual domínios da experiência mais abstractos e intangíveis podem ser conceptualizados em termos do que é mais concreto e imediato. (SILVA, 2003, p. 15)

Na metonímia, tal como esta tem sido considerada, está presente a função referencial, a partir da qual uma entidade toma o lugar de outra, isto é, usamos uma entidade para nos referir a outra que é relacionada a ela. É o que podemos perceber em conceitos metonímicos como PARTE PELO TODO:

- a) Precisamos de *caras novas* em nosso time (novas pessoas);
- b) Nunca mais ponha *seus pés* aqui! (uma pessoa);
- c) Ela é só um *rostinho bonito* (uma pessoa);
- d) Comprei um *4 quartos* (apartamento).

Dessa forma, conceitos metonímicos tais como PARTE PELO TODO, PRODUTOR PELO PRODUTO, OBJETO PELO USUÁRIO, LUGAR PELA INSTITUIÇÃO, LUGAR PELO EVENTO etc., permitem-nos conceptualizar uma coisa por sua relação com outra.

Os processos metafóricos e metonímicos geram os neologismos semânticos²⁵, os quais usualmente ocorrem quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Alves (1990, p. 62) destaca: “Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia e da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais”.

Ao observarmos o neologismo semântico, cabe reconhecer a metáfora também com a função de registro pela nomeação. A designação, por atribuir nome às coisas, é um dos meios mais comuns de realizar registros culturais na e pela língua. Os processos de nomeação “nem sempre são imotivados e ocorrem, muitas vezes, de forma metafórica” (FERRAREZI Jr., 2012, p. 69).

Sob a perspectiva pedagógica, o anúncio publicitário a seguir poderia ser analisado em seu aspecto polissêmico, do qual se derivou um neologismo semântico, o que muito contribuiria para o desenvolvimento da competência lexical em sala de aula de língua portuguesa.

Restaurante Prato Fino. São mais de 20 tipos de saladas e um variadíssimo cardápio de carnes nobres. Aberto de domingo a domingo. Saída para São Paulo. Restaurante Prato Fino. Aproveite, este é o melhor prato da Fernão Dias. (*Veja* [encarte publicitário], 14/07/2000)²⁶

²⁵ Com a preocupação pedagógica, tratamos dos processos semânticos e também de seus produtos, sejam estes neológicos ou não, isto é, podendo estar ou não dicionarizados. Importa lembrar que, pelo critério lexicográfico, consideram-se neológicas as unidades lexicais que não estejam registradas em uma seleção de dicionários de língua.

²⁶ Exemplo colhido em Ferraz (2010, p. 71). Embora o texto publicitário não seja de uma data muito próxima, o seu conteúdo é atual e se presta à exemplificação pretendida.

Como se observa facilmente, a unidade léxica *prato* traz, no texto publicitário, um significado novo, ainda não atestado nos principais dicionários brasileiros (*Aproveite, este é o melhor prato da Fernão Dias.*), constituindo, portanto, um neologismo semântico.

Em face disso, no âmbito da sala de aula, após expor à vista dos alunos o texto publicitário, destacando tal unidade lexical, o professor de português poderia mostrar os diversos sentidos de *prato* registrados num dicionário escolar.

Tomando, por exemplo, o Dicionário Houaiss Conciso (2011), um dos quatro dicionários escolares indicados para o ensino médio, selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-Dicionários) e distribuídos para as escolas públicas brasileiras, a partir de 2012, vamos encontrar cinco acepções para a entrada *prato*. Os cinco significados são

- 1) “peça, ger. circular e achatada, na qual se serve e se come a comida”;
- 2) “comida, alimento”;
- 3) “cada uma das conchas de uma balança”;
- 4) “qualquer peça de máquina que lembre um prato”;
- 5) “instrumento constituído de um disco de metal que se percute com baqueta ou vassourinha de metal, ou dotado de uma alça para os dedos, que se faz percutir em outro semelhante”.

Observando tais acepções no verbete do dicionário, vê-se que a polissemia da forma lexical *prato* se constitui pela proximidade dos sentidos nos quais há sempre um traço semelhante. Nessa linha de desenvolvimento, se enquadra o significado novo de *prato*, tal como se vê no anúncio publicitário, significando *restaurante*, ou seja, conservando ainda um traço semelhante.

2 Aspectos do ensino de processos semânticos em documentos oficiais da educação básica

Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais – Português* para os anos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998), vemos que o trabalho com textos em sala de aula deve valorizar também a inferência sobre alguns elementos de intencionalidade implícita, como o sentido figurado, o humor, etc.

Escuta ativa dos diferentes textos ouvidos em situações de comunicação direta ou mediada por telefone, rádio ou televisão: inferência sobre alguns elementos de intencionalidade implícita (sentido figurado, humor, etc.), reconhecimento do significado contextual e do papel complementar de alguns elementos não-lingüísticos para conferir significação aos textos (gesto, postura corporal, expressão facial, tom de voz, entonação) (BRASIL, 1998, p. 32-33).

Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) para o Ensino Médio - Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* (BRASIL, 2002), ressalta-se a importância de se trabalhar, em sala de aula de português, com o contexto comunicativo em que os textos se desenvolvem, que particularizam a análise e a interpretação, além de permitir que os recursos expressivos sejam categorizados (em eficazes ou não eficazes, por exemplo), considerando a intenção do interlocutor no momento de utilização desses recursos.

O emprego de uma metáfora, por exemplo, pode ser extremamente eficaz num contexto, mas desastrosamente ineficaz em outro (BRASIL, 2002, p. 33). Por conta disso e para o desenvolvimento da competência textual, não podem ser dispensadas as relações entre os recursos expressivos presentes em um texto e os efeitos de sentido que provocam no leitor.

Considerando-se que os recursos expressivos utilizados por um autor provêm das escolhas que opera nos elementos oferecidos pela língua, pode-se propor, como procedimento de leitura intrinsecamente ligado aos mecanismos gramaticais, que se avalie “a propriedade do uso dos recursos lexicais (jogos metafóricos e metonímicos, expressões nominais definidas, hponímia, hiperonímia, repetição) em função da estratégia argumentativa do autor” (BRASIL, 2002, p. 83).

Recomenda-se ainda que esses conhecimentos devam-se articular com os adquiridos com a competência gramatical, sobretudo para ilustrar a dinamicidade da língua: deve-se “avaliar as diferenças de sentido e de valor em função da presença ou ausência de marcas típicas do processo de mudança histórica da língua num texto dado (arcaísmo, neologismo, polissemia, empréstimo)” (BRASIL, 2002, p. 82).

Os sentidos mais usuais os PCN+ consideram denotação, definindo este termo como a representação mental comum e constante evocada pelo signo:

Denotação é o significado em sua função meramente intelectual, ou seja, a representação mental comum e constante evocada pelo signo. O valor denotativo de um signo é mais ou menos comum a todos os usuários de uma língua ou linguagem, refletindo a compreensão solidificada que aquela comunidade lingüística tem do mundo exterior e interior (BRASIL, 2002, p. 83).

E trata a conotação como não correspondente ao sentido estrito:

A conotação é a parte do sentido de uma palavra (ou de outro signo) que não corresponde ao significado estrito. Resulta da atribuição de novos significados ao valor denotativo do signo e constitui-se de elementos

subjetivos, variáveis de pessoa para pessoa, de contexto para contexto. O que chamamos de linguagem figurada corresponde grosso modo, à conotação. Qualquer palavra pode ser empregada em sentido conotativo, desde que inserida em contextos específicos; ou mesmo quando, tendo seu sentido forjado num contexto determinado, a palavra é intencionalmente deslocada para outros contextos. (BRASIL, 2002, p. 83).

Nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* (BRASIL, 2006), aparece a importância de ser ressaltado o valor metafórico das palavras por meio do contexto em que elas são usadas, exemplificada por meio de um anúncio:

ANÚNCIOS: “Se sua sogra é uma jóia... temos o melhor estojo. (Funerária Sousa)” (BRASIL, 2006, p. 40)

Percebemos que, aos poucos, as propostas curriculares vão apontando a necessidade de serem trabalhadas as diversas possibilidades de uso da palavra, evocando seus múltiplos sentidos, desde os costumeiros até os mais especializados. Observa-se que a formação do leitor e do produtor de textos está intimamente ligada às práticas discursivas, pois elas não se manifestam apenas por meio de modelos *prontos*, antecipados, mas exigem esforço cognitivo e interação social para que a comunicação se estabeleça.

3 Aspectos do ensino da metáfora nos livros didáticos de português

Em diversos livros didáticos de português (LDP), não raro encontramos as metáforas como sinônimas de expressões figuradas, em exemplos de sentidos conotativos.

A seguir, alguns fragmentos de coleções de LDP, no intuito de mostrar como tem sido limitado o tratamento dado ao tema e como os exemplos são pouco explorados.

Os fragmentos que se seguem, da Coleção *Linguagem em movimento* (TORRALVO; MINCHILLO, 2010, p. 88), evidenciam o tratamento da metáfora por meio da sua estrutura (sem elementos gramaticais de comparação) e ambientada nos textos literários.

● **Metáfora**

A **metáfora** resulta da identidade entre dois elementos de natureza radicalmente diferente. Ocorre quando duas ideias são associadas, sem elementos gramaticais de comparação, de modo que se estabelece igualdade entre elementos que, do ponto de vista lógico, não são iguais. É o que acontece no poema de Carlos Drummond de Andrade, no qual D. Quixote, um ser humano, é igualado a um “espectro de grilo”. Observe que o mesmo recurso está presente na peça publicitária do projeto *Veja na sala de aula*.

Repare que não há elementos gramaticais que estabeleçam comparação, e as características comuns não estão expressas, de modo que o resultado é uma relação de total identificação:

estudo = luz;
investimento = interruptor.

As metáforas aparecem normalmente em estruturas com o verbo **ser**, como nos versos “O amor são passos perdidos / são frios raios solares”, da escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís, nascida em 1922. Nesse caso, os dois elementos comparados são facilmente identificáveis: “amor” / “passos perdidos” e “amor” / “frios raios solares”. Mas a metáfora pode aparecer também de forma mais sintética, mais condensada, como nos versos de David Mourão Ferreira (1927-1996), outro poeta português.

Figura 01: Linguagem em movimento, 1º ano do EM

Fonte: (TORRALVO; MINCHILLO, 2010, p. 88)

O fragmento seguinte, da Coleção *Português: Linguagens* (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, v. 3, p. 24), mostra que é enfatizada, na questão, a importância dos fatores externos para a significação das palavras na construção dos enunciados, como demonstram as duas frases iguais e, pelo fato de terem sido ditas por pessoas diferentes, reproduzem sentidos divergentes. O que também pode ser levado em conta são as inferências por combinações semânticas, por exemplo, quando relacionamos numa frase *sonho* e *padeiro*, podendo o sentido de *sonho* se referir ao doce feito por este profissional.

Para escrever com expressividade

O DISCURSO CITADO (I)

Leia este anúncio:

“O SONHO ACABOU.”
JOHN LENNON, MÚSICO.

“O SONHO ACABOU.”
PAULO CRUZ, PADEIRO.

Copyright © 2009
por Cereja & Magalhães
Todos os direitos reservados
Proibida a reprodução total ou parcial
sem a autorização expressa dos autores.

DIP Anúncio do Clube de Criação de São Paulo, p. 230.

1. Há, no anúncio, duas frases iguais, mas com sentidos diferentes.

a) O que a frase “O sonho acabou” significa, considerando-se que foi dita em 1970 por John Lennon, integrante dos Beatles?

b) O que a frase “O sonho acabou” significa, considerando-se que foi dita por Paulo Cruz, um padeiro?

2. Como você vê, o sentido de um enunciado não depende apenas de seus elementos internos, isto é, das palavras e da ordem sintática dessas palavras, mas também de fatores externos. Conclua: Que outros fatores contribuem para construir o sentido dos enunciados?

O sonho acabou

A segunda metade da década de 1960 foi a época do lema “Paz e amor”, bandeira do movimento *hippie*. Foi também a década de ativa participação política da juventude. Em 1967, o guerrilheiro Che Guevara foi morto na Bolívia ao tentar implantar uma guerra de guerrilhas semelhante à que tinha sido vitoriosa em Cuba, em 1959. Depois de morto, Che tornou-se um ídolo para os jovens. Em 1968, os movimentos de protesto realizados por eles explodiram em todo o mundo. Nos Estados Unidos, o protesto era contra a guerra do Vietnã. Na França, os jovens ocupavam as universidades e lutavam para derrubar o governo. No Brasil, as passeatas contestavam o poder dos militares.

A década se encerrou, no Brasil e no mundo: as rebeliões foram sufocadas, a guerra do Vietnã não cessou, e os governos conservadores ficaram mais fortes. Em 1970, a banda The Beatles foi dissolvida, e John Lennon, um de seus integrantes, declarou: “O sonho acabou”.

Figura 02: Português: Linguagens, 8º ano

Fonte: (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, v. 3, p. 24)

As questões da figura a seguir envolvem sentidos denotativos e conotativos das palavras e expressões, como efeito de sentido para o humor:

4. Leia esta tira, de Fernando Gonsales:

a) Há, na tira, apenas uma frase com sentido denotativo. Identifique-a.
 b) As três frases ditas pelo ratinho têm sentido conotativo. Explique o sentido de cada uma.
 c) Observe a expressão facial e corporal da ratinha. Ela gostou de alguma das frases ditas pelo ratinho? Justifique sua resposta.

Figura 03: Português: Linguagens, 8º ano

Fonte: (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, v. 3, p. 96)

É importante salientar que os textos selecionados e alocados à unidade do LDP em tela, se apresentam em uma sequência didática voltada para o estudo da gramática. A proposta de desenvolver habilidades de leitura com esses textos é consequência dessas atividades, ficando em segundo plano o desenvolvimento da habilidade de reconhecer e explicar efeitos intencionais de sentidos ambivalentes por meio da seleção lexical, a partir de diversos aspectos linguísticos, utilizando-se de operações mentais que envolvam conhecimentos prévios de mundo, léxico-sistêmico e textual. Ou seja, percebe-se que o trabalho de compreensão desses textos acontece aleatoriamente, não havendo progressão didática para isso.

Em outra tira (Figura 04), retirada da Coleção *Português: ideias & linguagens* (DELMANTO; CASTRO, 2009, v. 2, p. 223), a expressão *ganhar no grito* perde seu sentido metafórico, por meio da relação intertextual que utiliza neste contexto os personagens Batman, Super-homem e Tarzan, mas essa abordagem não foi trabalhada no livro. A seção chamada *Divirta-se*, de onde a tira foi extraída, aparece em todas as unidades da coleção. Ela contém cartuns, anedotas e outros textos de fins humorísticos. O problema é que se trata de textos soltos no livro, com o único propósito de, conforme nome da seção, divertir o aluno. Porém, esse é um material a partir do qual poderiam ser trabalhados os efeitos de sentido resultantes dos diversos usos que uma palavra permite.



Figura 04 - Português: ideias & linguagens, 7o ano

Fonte: (DELMANTO; CASTRO, 2009, v. 2, p. 223)

Vejamos outro exemplo (Figura 05):

13 Leia a tirinha do Niquel Náusea.

As palavras "delicioso" e "adocicado" são formadas, respectivamente, pelos processos de:

- derivação regressiva e derivação sufixal.
- composição por justaposição e composição por aglutinação.
- derivação sufixal e composição por aglutinação.
- derivação prefixal e derivação prefixal e sufixal.
- derivação sufixal e derivação parassintética.

Figura 05 – Linguagem em movimento, 1º ano do EM. Fonte: (TORRALVO; MINCHILLO, 2010, p. 287)

Essa questão (Figura 05), como podemos observar, restringe-se a associar as formações aos nomes dos seus processos de formação. Aqui poderiam ter sido trabalhados os sentidos e as ideias que os sufixos "oso" e "ado" acrescentaram às palavras, comparando-as inclusive com outras de conhecimento do aluno.

Em face dessa consideração, não se pode mais deixar de reconhecer que é por meio do léxico que os sentidos são culturalmente construídos ao longo da existência do falante e associados no ato comunicativo. Tal consideração nos compele também a reconhecer a importância dos estudos lexicais no âmbito da sala de aula, já que o falante não apenas tem que conhecer o léxico de sua língua, mas sobretudo dominar o processo pelo qual se atribui sentido às unidades desse léxico, de forma adequada, tanto nas produções discursivas orais quanto nas escritas.

Considerações finais

Com o desenvolvimento deste capítulo, procuramos ressaltar os valores semânticos que envolvem a palavra em uso, especialmente a polissemia que projeta a formação de novas unidades lexicais por meio da metáfora e da metonímia.

Nesse contexto, foi possível mostrar que o estudo dos usos metafóricos e metonímicos, em certos LDP, se prende à consideração do uso estilístico, como se a metáfora e a metonímia constituíssem apenas figuras de linguagem, sem destaque para a possibilidade de formação de palavras a partir dos mecanismos de mudança semântica.

Entretanto, não se pode negar que os documentos oficiais que orientam a educação básica no Brasil reconhecem a importância dos estudos lexicais em sala de aula, enfatizando as diversas possibilidades de uso da palavra, evocando seus múltiplos sentidos, desde os mais usuais até os mais especializados.

Assim, os estudos lexicais em sala de aula de português não podem deixar de contemplar os processos semânticos de formação de palavras, com os produtos deles consequentes, os neologismos ou palavras novas.

O ensino desse tipo de construções deve permitir ao aluno reconhecer os diversos níveis de processamento nelas envolvidos, desde as criações estilísticas semânticas até o fato de que essas construções intermediam, em certa medida, nossa própria compreensão do mundo.

Para tanto, ajudaria muito pensar em currículos que contivessem uma proposta de ensino dos processos de constituição e uso da língua, de modo que tais processos fossem mais vantajosamente estudados em sala de aula, numa abordagem semântica, cognitiva e lexical, relacionada aos aspectos culturais da existência do aluno.

Referências

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro : LTC, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série do Ensino fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica Semtec. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Parte II – Linguagens Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica Semtec. *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Linguagens Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, v. 1, 2006.

BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Tradução: Aída Ferrás et al. São Paulo: Pontes/Educ, 1992.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*, 5. ed. reform. São Paulo: Atual, 2009.

DELMANTO, D; CASTRO, M. da C. *Português: ideias & linguagens*, 13. ed. reform. São Paulo: Saraiva, v. 1, 2009.

FERRAREZI Jr, C. Metáfora e Função de Registro: A visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. *Linha d'Água*, v. 25(1), p. 67-86, 2012.

_____. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v. 1. 296 p.

FERRAZ, A. P. Neologismos semânticos na publicidade impressa: uma abordagem cognitivista. In: ISQUERDO, A. N. & FINATTO, A. J. B. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. IV, Campo Grande: UFMS, Porto Alegre: UFRGS, 2010.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS (Org.) *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.

LAKOFF, G.& JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LISKA, G. J. R. *O humor da palavra e o desenvolvimento da competência lexical: análise de livros didáticos de português dos anos finais do ensino fundamental*. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RIO-TORTO, G. M. Mecanismos de Produção Lexical no Português Europeu. *Alfa*, São Paulo, 42(n.esp.): 15-32,1998.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / São Paulo: Ícone, 1989.

_____. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, A. S. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

_____. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, vol. VII, 2003, p. 13-75.

TORRALVO, I. F. & MINCHILLO, C. C. *Linguagem em movimento*. 1º ano. São Paulo: FTD, 2010.

Ensaio sobre a definição lexicográfica

Claudio de Assis da Cunha
Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida

Introdução

O verbete, também chamado de artigo, constitui a parte principal de uma obra lexicográfica. É formado, segundo Escribano (2003, p. 105), “pelo lema, que é a unidade léxica tratada, e pelas informações que se proporcionam acerca dessa unidade²⁷. O conjunto de informações que figuram num verbete pode variar de dicionário para dicionário de acordo com seu propósito e com seu público alvo. Um verbete pode reunir informações sobre pronúncia, categoria gramatical, etimologia, ortografia, antônimos, sinônimos, etc. entre essas várias informações, há também a definição lexicográfica que é, sem dúvida, o elemento mais importante. É ela a essência do dicionário, figura quase que exclusivamente nos dicionários monolíngues semasiológicos. Em dicionários usa-se uma definição quando o termo a ser traduzido não possui um referente na outra língua, por isso é preciso explicar seu sentido por meio de uma definição.

1 A definição lexicográfica

De acordo com Werner (1982 b, p. 259), supõe-se, com frequência, que a definição lexicográfica sozinha cumpra a função de explicar o significado de uma palavra. É por ela que o consulente comum busca quando deseja obter o significado de uma palavra desconhecida. Resulta em igual proporção ser a tarefa mais problemática para o lexicógrafo, como pondera Porto Dapena (2002, p. 266):

De todas as atividades do lexicógrafo a mais difícil e ao mesmo tempo a mais comprometida é sem dúvida a definição, a pesar de ser o ponto que sempre despertou maior interesse entre os estudiosos da lexicografia teórica ou metalexicografia, continua sendo a principal armadilha na redação lexicográfica e, ao mesmo tempo, o ponto sobre o qual se estão centrando, em boa medida, as críticas dirigidas ao dicionário monolíngue tradicional.²⁸

“[...] por el lema, que es la unidad léxica tratada, y por las informaciones que se proporcionan acerca de esa unidad” .

²⁸ “De todas las actividades del lexicógrafo la más difícil y a la vez más comprometida es sin duda la definición, la cual pese a ser el punto que siempre ha despertado mayor interés entre los estudiosos de la lexicografía teórica o metalexicografía, sigue constituyendo el principal escollo dentro de la redacción

A definição lexicográfica é, segundo Fernández-Sevilla (1974, p. 68), uma “sequência linguística mais ou menos ampla que fornece informação acerca do signo que serve de entrada”²⁹. Rey-Debove (1971, p. 180), por sua vez apresenta as seguintes acepções para o termo “definição lexicográfica”: “(1) A ação de definir ou operação definitória. (2) enunciado que explicita o conteúdo da palavra e que representa o segundo membro de uma afirmação definitória total cujo tema é a entrada” (TN)”

Definir uma entrada de verbete implica apresentar uma paráfrase ou uma palavra que lhe seja equivalente, como ensina Dubois (1971, p. 85):

Definir uma palavra consiste em dar uma paráfrase que lhe seja semanticamente equivalente: isso significa que, ainda que o conteúdo seja considerado como invariante, de alguma forma, existe ao menos duas «expressões» que o podem denotar. Em outras palavras, a definição lexicográfica implica a existência de uma semântica universal: sempre há pelo menos um par de sinônimos para cada termo da língua, esse termo pode ser uma palavra ou uma frase. Sempre se pode substituir um termo da língua com outro termo ou frase sem que o sentido seja modificado³⁰

A definição, segundo Porto Dapena (2002, p. 269), deve ser constituída por dois elementos entre os quais se produz a equivalência: o definido ou *definiendum*, representado pela entrada do verbete, e o definidor ou *definiens*, que é a expressão explicativa, ou seja, a definição propriamente dita.

A expressão que constitui o definidor deve ser apresentada na mesma língua do definido, ou seja, deve ser representada por um texto metalinguístico. No âmbito das definições lexicográficas distinguem-se duas metalínguas, a metalíngua de conteúdo e a metalíngua de signo. A primeira atribui um significado à palavra que serve de entrada para o verbete, há entre *definiendum* e *definiens* equivalência semântica, enquanto a segunda, a metalíngua de signo, é utilizada para definir o valor ou a função da palavra, emprega-se, geralmente, esse tipo de definição, com palavras gramaticais.

lexicográfica y, al mismo tiempo, el punto sobre el que se han venido centrando en buena medida las críticas dirigidas al diccionario monolingüe tradicional.” (TN).

²⁹ “[...] secuencia lingüística más o menos amplia que aporta información acerca del signo que sirve de entrada”.

³⁰ “La definition du mot consiste à donner une paraphrase qui lui soit sémantiquement équivalent: ceci signifie que, le contenu étant considéré comme invariant et, en quelque sorte, mis entre parenthèses, il existe *au moins deux* «expressions» qui peuvent le dénoter. Autrement dit, la définition lexicographique du mot implique l’existence d’un *universel sémantique* : il y a toujours au moins une paire de synonymes pour chaque terme de la langue, ce terme pouvant être un mot ou une phrase. On peut toujours substituer à un terme de la langue, un autre terme ou une autre phrase sans que le sens en soit modifié.” .

Porto Dapena (2002, p. 271) postula que a definição lexicográfica deve fundamentar-se em seis princípios, uns que se referem ao conteúdo e outros somente à forma: “um de caráter geral, que é o de equivalência, junto a outros mais particulares, representados pelo de comutabilidade ou substituição, o de identidade categorial ou funcional, o de análise, o de transparência e, finalmente, o de autossuficiência”

De acordo com o princípio de “equivalência”, o *definiens* deve conter todo e tão somente o *definiendum* para que a definição esteja correta:

Estiagem: período em que não há chuvas.

Nesse exemplo, ainda que cumpra a condição de compreensão, o definidor extrapola a extensão do definido. De acordo com esse princípio a seguinte definição estaria correta porque a definição dada contém todo e tão somente o *definiendum*:

Estiagem: falta de chuva.

Segundo o princípio de “comutabilidade”, ou “substituição”, é possível comutar o *definiens* e o *definiendum* sem prejuízo semântico ou sintático:

Emagrecer. Perder peso.

No exemplo apresentado, pode-se utilizar a definição em substituição da palavra entrada: *Maria emagreceu.* > *Maria perdeu peso.* Isso só é possível porque a definição foi apresentada em metalíngua de conteúdo, ao contrário do seguinte exemplo:

Até: designa ou limita o fim da ação.

Nesse caso, a definição foi fornecida em metalíngua de signo, portanto, não seria possível a comutação: *Ele foi até as últimas consequências.* > *Ele foi...* (designa ou limita o fim da ação)... *as últimas consequências.*

De acordo com o princípio da identidade categorial ou funcional, a categoria gramatical do *definiens* deve coincidir com a categoria gramatical do *definiendum*, ou seja, se a entrada for um substantivo, a definição deverá ser um substantivo ou um sintagma equivalente; se a entrada for um verbo, a definição deverá ser um verbo ou sintagma verbal:

Garrucha. Pistola de dois canos. (substantivo = sintagma nominal)

Furar. Fazer furo em; perfurar. (verbo = sintagma verbal, verbo)

Esse princípio, assim como o de comutabilidade, só pode ser cumprido se a definição estiver em metalíngua de conteúdo. Ainda que o definidor esteja na mesma categoria que o definido, aquele nem sempre pode desempenhar as mesmas funções sintáticas desse.

Segundo Porto Dapena (2002, p. 275), uma verdadeira definição, de acordo com os princípios, respectivamente, de análise, transparência e autossuficiência, deve representar:

[...] uma análise semântica autêntica e, portanto, deve estar constituída por uma frase ou sintagma, cada um dos componentes poderão, logicamente, mostrar uma parte ou aspecto do conteúdo do definiendum; por outro lado, tais componentes estarão sempre representados por palavras mais compreensíveis – ou seja, mais correntes e conhecidas – que a representada pelo definido, e em todo caso devem constituir entradas dentro do mesmo dicionário, a fim de evitar, dessa maneira, as denominadas pistas perdidas, fazendo assim que se cumpra, por sua vez, o chamado princípio da autossuficiência.

Em suma, de acordo com o princípio de análise, a verdadeira definição deve ser representada por uma frase ou enunciado submetido às regras sintáticas da língua em questão, e ser composta por palavras do léxico comum. Segundo o princípio de autossuficiência, os elementos da definição devem constituir entradas no mesmo dicionário, para que, no caso de um desses elementos ainda não ser do conhecimento do consulente, seja possível buscar esclarecimentos sobre esse elemento desconhecido na mesma obra; conseqüentemente, esse princípio não se aplica aos dicionários de especialidade, pois, se uma das palavras que compusessem um dicionário de botânica, por exemplo, ainda fosse desconhecida do consulente, ele não poderia encontrar um verbete, na mesma obra, que a definisse, exceto se a palavra desconhecida pertencesse ao ramo da botânica. Complementando o princípio de autossuficiência, o princípio da transparência estipula que os componentes da definição devem ser representados por palavras de mais fácil compreensão que a palavra entrada.

Porto Dapena (2002, p. 277) salienta que, no que tange à tipologia de definições, existe uma dicotomia tradicional:

Quando se trata de definir uma palavra ou realidade por esta representada, vêm se distinguindo dois tipos básicos de definição: a linguística ou definição lexicográfica propriamente dita e a enciclopédica ou definição de coisas. A

distinção se remonta, como é sabido, à filosofia aristotélica, onde se fala, respectivamente de definição nominal e real.³¹

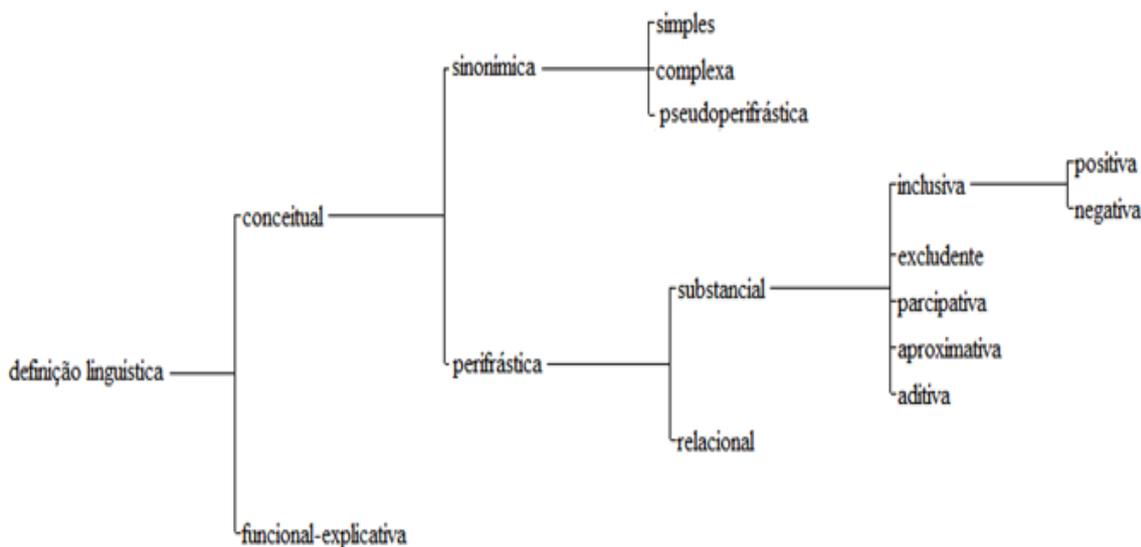
A distinção entre definição de palavras e definição de coisas caiu em descrédito pelas interpretações divergentes, segundo Rey-Debove (1971, p. 180), apresentadas pelos filósofos desde a época de Aristóteles. Essa dicotomia corresponde, respectivamente, a dicionários e enciclopédias. A definição enciclopédica, *grosso modo*, é uma descrição pormenorizada do objeto ao qual uma palavra se remete. Esse tipo de definição é apresentado tradicionalmente em enciclopédias, entretanto, como bem ressalva Porto Dapena (2002, p. 278), as definições enciclopédicas não são exclusivas das enciclopédias, inevitavelmente aparecem também nos dicionários propriamente ditos.

No que diz respeito à dicotomia definição de coisas *versus* definição de palavras, definição lexicográfica ou linguística *versus* definição enciclopédica, não há senão, de qualquer maneira, definição linguística, como bem conclui Imbs (1960, p. 10) “Do ponto de vista linguístico, todas as definições são *definições de palavras*”³². Portanto, serão discutidos aqui somente alguns tipos de definição lexicográfica.

Neste trabalho foi tomada como base a tipologia apresentada por Porto Dapena (2002, p. 266 et seq.) e sintetizada no seguinte esquema:

³¹ “Según se trate de definir una palabra o realidad por ésta representada, vienen distinguiéndose dos tipos básicos de definición: la lingüística o definición lexicográfica propiamente dicha y la enciclopédica o definición de las cosas. La distinción se remonta, como es sabido, a la filosofía aristotélica, donde se habla, respectivamente, de definición nominal y real” .

³² “Du point de vue linguistique, toutes les définitions sont de *définitions de mots*” .

Quadro 1 Esquema de tipologias de definições³³

O autor divide a definição linguística em *conceitual*, formulada em metalíngua de conteúdo, na qual se pretende expressar o conteúdo significativo ou conceitual do definido, usada normalmente com palavras lexicais, e *funcional* ou *explicativa*, formulada em metalíngua de signo, na qual são expressos os valores, funções, ou usos das palavras a serem definidas, comumente usada na definição de palavras gramaticais.

A definição linguística conceitual, por sua vez, divide-se em sinonímica e perifrástica. A diferença entre esses dois tipos de definição está no fato de que na sinonímica a definição da palavra entrada é apresentada por um sinônimo, enquanto na perifrástica a definição é apresentada por uma frase ou sintagma. A definição conceitual *sinonímica* divide-se ainda em *simples*, constituída por um único sinônimo, e *complexa* ou *acumulativa*, formada por mais de um sinônimo, ou por um sinônimo e uma definição perifrástica. Porto Dapena (2002, p. 289) disserta ainda sobre outro tipo de definição sinonímica, a *pseudoperifrástica*, a exemplo: *Gênesis. Origem de uma coisa*. Nessa definição, o conteúdo do *definiendum* é representado unicamente pela palavra *origem*, ou seja, é representado por um sinônimo da palavra entrada, enquanto os outros elementos formam apenas o contexto semântico-sintático no qual o definido possui esse significado. Ainda que a definição sinonímica seja aceitável em alguns casos, ela não cumpre o princípio de análise tratado anteriormente, porque não é formada por uma frase ou enunciado submetido às regras sintáticas da língua em questão, preferível, portanto, que a definição conceitual seja perifrástica, por ter essa tipologia caráter analítico.

³³ Elaborado com o auxílio do programa Systemic Coder 4.68.

Na definição conceitual *perifrástica*, o *definiens* é formado por uma frase ou sintagma. Dentre os vários tipos de definição *perifrástica*, serão discutidos aqui dois tipos mais gerais, a definição *perifrástica substancial* e a definição *perifrástica relacional*. A definição conceitual *perifrástica substancial* é formada por um sintagma cujo núcleo pertence à mesma categoria da palavra entrada, enquanto a *relacional* não possui um núcleo, e sim um transpositor que pode ser uma preposição ou um pronome relativo, como explica Frassi (2010, p. 4): “as definições relacionais começam por um termo que exprime uma relação (uma preposição no caso de definições preposicionais e um pronome relativo no caso de definições relativas”³⁴, cujo papel é converter uma oração ou sintagma na categoria do definido, como no exemplo: *imparcial. Que julga com imparcialidade.*

A definição substancial pode ser subdividida em outros 5 subtipos: inclusiva (por sua vez subdividida em positiva e negativa); excludente; participativa; aproximativa e aditiva. A *inclusiva positiva*, chamada também hiperonímica, é o protótipo da definição aristotélica e deve estabelecer o gênero próximo e a diferença específica. Sobre o gênero próximo e a diferença específica, Frassi (2010, p. 4) ensina que “os estudos tipológicos dividem a definição em duas partes, o « gênero próximo » e a « diferença específica”³⁵. Como exemplo, pode-se citar *colheitadeira: máquina usada para colher cereais*. O gênero próximo de colheitadeira é “máquina” e a diferença específica “usada para colher cereais”. Assim, essa definição se baseia em um arquilexema “máquina”, seguido dos semas específicos que individualizam o *definiendum*. No que tange à definição hiperonímica, ou conceitual *perifrástica substancial inclusiva positiva*, vale a pena citar o que pondera Porto Dapena (2002, p. 292):

Não é preciso enfatizar que este é o tipo de definição lexicográfica ideal, como observa I. Bosque, « o hipotético dicionário que estiver constituído unicamente por definições hiperonímicas com um índice mínimo de circularidade seria provavelmente o dicionário perfeito. »³⁶

Já a definição *inclusiva negativa* diferencia-se da anterior por indicar negatividade: *Esquecer: deixar de ter na memória.*

³⁴ “[...] les définitions relationnelles commencent par un terme qui exprime une relation (une préposition dans le cas des définitions prépositionnelles et un pronom relatif dans le cas des définitions relatives)”.

³⁵ “[...] les études typologiques décomposent la définition en deux parties, le « genre prochain » et la « différence spécifique »”.

³⁶ “No hace falta subrayar que representa este el tipo ideal de definición lexicográfica hasta el punto de que, como observa I. Bosque, « el hipotético diccionario que estuviera constituido únicamente por definiciones hiperonímicas con un índice mínimo de circularidad sería probablemente el diccionario perfecto.”

A definição *substancial excludente*, ou antonímica, ainda que indique negação, não deve ser confundida com a definição inclusiva negativa. Nessa a negação é apresentada por hiperonímia, naquela por uma simples partícula negativa que consiste em negar um antônimo do *definiendum*: *ilícito. Não permitido legal e moralmente.*

As definições substanciais participativa, ou metonímica, e aproximativa, ou analógica, têm estruturas sintáticas semelhantes à substancial inclusiva, entretanto, o núcleo do sintagma não é um arquitelexema. Na *participativa* o núcleo do sintagma é uma palavra geral como *parte, órgão, cada, peça*, enquanto na *aproximativa* o núcleo é uma palavra que indica aproximação ou semelhança: *espécie, tipo, qualidade*. Esses dois tipos de definição são usados quando a palavra entrada não possui um arquitelexema.

A definição *substancial aditiva* é amplamente utilizada e consiste em uma análise do significado mediante a adição ou associação de vários lexemas.

A definição conceitual, de qualquer maneira, possui caráter sinonímico, pois sempre se baseia em uma equivalência semântica entre *definiendum* e *definiens*.

Por sua vez, a definição linguística *funcional*, ou *explicativa*, comumente tachada de imprópria, é reservada unicamente aos casos em que a palavra entrada precisa de significado léxico, caso das palavras gramaticais. Nesses casos é preciso mais que uma definição, é necessária uma explicação ou caracterização do funcionamento gramatical, contextual e pragmático do definido.

Considerações finais

Definir uma palavra, como já exposto anteriormente, é a tarefa mais difícil na produção de um trabalho lexicográfico. Não há uma tipologia de definição que abarque todas as especificidades das variadas classes de palavras e sequências léxicas, tampouco há um tipo de definição que seja capaz de esgotar a pluralidade semântica do conjunto de palavras de um *corpus*, por menor que ele seja. Vale citar o que destaca Ignácio (2005, p. 95) sobre o tema:

Desnecessário seria dizer que qualquer que seja o tipo de definição, ela jamais esgotará as nuances semânticas de um termo. A interpretação correta e abrangente da significação do termo definido, por mais que se detalhem as diversas acepções, sempre ficará a cargo do contexto, da dimensão pragmática e, evidentemente, da competência do leitor como falante nativo da língua em análise.

Cabe, dessa maneira, escolher um tipo de definição que melhor se ajuste a cada tipo de *corpus* e valer-se de uma tipologia híbrida quando, por si só, o tipo de definição escolhida não consegue elucidar satisfatoriamente o significado ou funcionalidade de uma palavra.

Referências

- DUBOIS, C.; DUBOIS, J. *Introduction a la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Librairie Larousse, 1971.
- ESCRIBANO, C. G. *La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas*. In GUERRA, A. M. M. (org.) *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003. p. 103-125.
- FERNÁNDEZ-SEVILLA, J. *Problemas de lexicografía actual*. Instituto Caro y Cuervo, Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo. Series Minor, XIX, 1974.
- FRASSI, P. *La définition lexicographique: aperçu et propositions*. In *Autour de la définition*. Publifarum, n. XI, 2010, p. 1-11. Disponível em: <http://publifarum.farum.it/ezone_articles.php?id=118> Acesso em: 10 novembro 2018.
- IGNÁCIO, S. E. Parâmetros para um dicionário de valência verbal. In *Alfa*. v. 49 (1). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2005, p. 87-101.
- IMBS, P. *Au seuil de la lexicographie*. In Quemada, B. (org.). *Cahiers de lexicologie* vol. 2, Paris: Didier, 1960, p. 3-17
- PORTO DAPENA, J. A. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco Libros, 2002.
- REY-DEBOVE, J. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Paris: Mouton, 1971.
- WERNER, R. *La Lexicografía: de la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

Organizadoras

Beatriz Daruj Gil é professora doutora da área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), onde atua na graduação e na pós-graduação. Desenvolve pesquisas nas áreas de Lexicologia, Lexicologia aplicada ao ensino de português língua materna e Letramento Acadêmico. É pós-doutoranda do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, onde realiza pesquisa sobre o ensino do vocabulário na educação básica.

Elis de Almeida Cardoso é graduada e licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo (1987). Fez mestrado (1994) e doutorado (2001) em Letras na Área de Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH-USP). Fez pós-doutorado na Universidade de Lisboa (2008-2009) e na Universidade Nova de Lisboa (2018). Fez livre-docência na Universidade de São Paulo (2016). É professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH-USP), onde atua na graduação e na pós-graduação. Suas pesquisas envolvem Morfologia, Lexicologia e Estilística. É autora dos livros *Drummond: um criador de palavras* (São Paulo, Annablume, 2013) e *O léxico no discurso literário* (São Paulo, EDUSP, 2018).

Mariângela de Araújo tem mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo e realizou pesquisa de pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa. É docente e pesquisadora da Universidade de São Paulo, na área de Filologia e Língua Portuguesa. Atualmente, é também diretora do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia da mesma Universidade. É membro efetivo do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL e da Rede Ibero-americana de Terminologia. Suas pesquisas são desenvolvidas nas áreas de Terminologia, Lexicologia e Ensino.

Valéria Gil Condé possui doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (2003). É professora da Universidade de São Paulo onde atua nas áreas de Filologia e Língua Portuguesa e no Profletras, em nível de pós-graduação, e em Filologia Românica, em nível de graduação. A sua pesquisa está vinculada a estudos comparados do português às línguas iberorromânicas, com ênfase nos estudos sincrônicos e diacrônicos.

Autores

Aderlande Pereira Ferraz possui pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2015, 2005), doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília. Atualmente, é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística e em Linguística Aplicada, atuando com os seguintes temas: ensino do léxico; neologismos, fraseologismos, lexicografia pedagógica.

Alessandra Ferreira Ignez tem doutorado e mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul. É docente e pesquisadora do Instituto Federal de São Paulo. Sua pesquisa volta-se para criações lexicais em textos literários e fundamenta-se na Morfologia, Lexicologia e Estilística.

Álvaro Antônio Caretta é graduado em Letras (Português e Linguística) e licenciado pela Universidade de São Paulo. Possui mestrado e doutorado em Letras (Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral) pela Universidade de São Paulo. Realizou pesquisa de pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa. É professor de Língua Portuguesa da UNIFESP, dedica-se ao estudo da canção popular brasileira e a pesquisas sobre texto e discurso. É autor do livro *Estudo-dialógico discursivo da canção popular brasileira*.

Bruno Maroneze é doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é professor associado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD - MS) e desenvolve pesquisas em estudos do léxico, especialmente neologia e lexicologia diacrônica.

Claudio de Assis da Cunha é graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Norte do Paraná, Especialista em Leitura e Produção Textual pela Faculdade de Jandaia do Sul - FAFIJAN, Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, Doutor em Sciences du Langage pela Université Paris 13, Pós-doutorando da USP, Professor QPM - SEED Paraná. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Lexicografia e tratamento de corpora, atuando principalmente nos temas: história da língua portuguesa, lexicografia, lexicologia, tratamento e construção de corpora

Eliana Maria Azevedo Roda Pessoa Ferreira possui mestrado e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É professora titular de Literatura, Língua Portuguesa e Redação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus SP. Sua pesquisa está vinculada à área de Estilística e Ensino.

Fernanda Mello Demai possui doutorado em Letras, mestrado em Linguística e graduação em Letras pela Universidade de São Paulo. É Professora do Ensino Superior e dos Ensinos Médio e Técnico; ocupa a função de Diretora de Departamento do Grupo de Formulação e Análises Curriculares no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. É pesquisadora e autora com experiência profissional nas áreas de Linguística, Terminologia, Língua Portuguesa e Educação.

Geraldo José Rodrigues Liska é doutor e mestre em Estudos Linguísticos (Área: Linguística Aplicada. Linha: Ensino do Português) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, é Secretário Executivo da Universidade Federal de Alfenas, parecerista de diversas revistas acadêmicas nas áreas dos Estudos Linguísticos, da Educação e de Tecnologias. Tem experiência nas áreas de Linguística e de Ensino de Língua, com ênfase em Morfologia, Lexicologia, Semântica Lexical e Estilística Léxica.

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida possui graduação em Letras e especialização em Linguística pela Universidade Federal de Mato Grosso, doutorado em Filologia e Língua Portuguesa e Livre-Docência em fonética e fonologia do português pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado em crítica textual pela Universidade Federal de Minas Gerais e formação complementar em Dialectologia portuguesa pela Universidade de Lisboa. Participa do projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* do Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e professor titular e pesquisador da Universidade de São Paulo. Atua em temas relacionados à Linguística histórica; Crítica textual; Filologia, dialectologia e história da língua portuguesa.

Mário Eduardo Viaro é professor livre-docente da Área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, especialista nas áreas de Morfologia Histórica da Língua Portuguesa e em Etimologia da Língua Portuguesa. Bolsista PQ-2 pelo CNPq com a pesquisa "O vocabulário de Jerônimo Cardoso - Subsídios para uma descrição e pesquisa etimológica do léxico português da segunda metade do século XVI". Colaborador como redator na equipe

"Iberoromania" do projeto DÉRom/ATILF-Nancy/ França e vice-coordenador do Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP), ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa.

Raphael Bessa Ferreira é docente da área de Estudos Literários da Universidade do Estado do Pará, lidera o Grupo de Pesquisa em Linguagens Artísticas e Estilos Poéticos (LAESP/CNPQ) e é editor-chefe da *Ribanceira* (periódico da área de Letras da UEPA). É doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, mestre em Estudos Literários pelo CES/JF e graduado em Letras – Língua Portuguesa – pela UNAMA.

Vanessa Regina Duarte Xavier é professora na Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (UFG/RC), atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). Possui graduação em Letras Português pela UFG/RC, doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela UFG/RC. Tem experiência na área de Linguística e Filologia, com ênfase em Lexicologia. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português.